Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23260 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** TERÇA-FEIRA 12 JUNHO 90 70$00

Alemanha é o centro de todas as atenções

Grande movimentação política prenuncia solução para breve

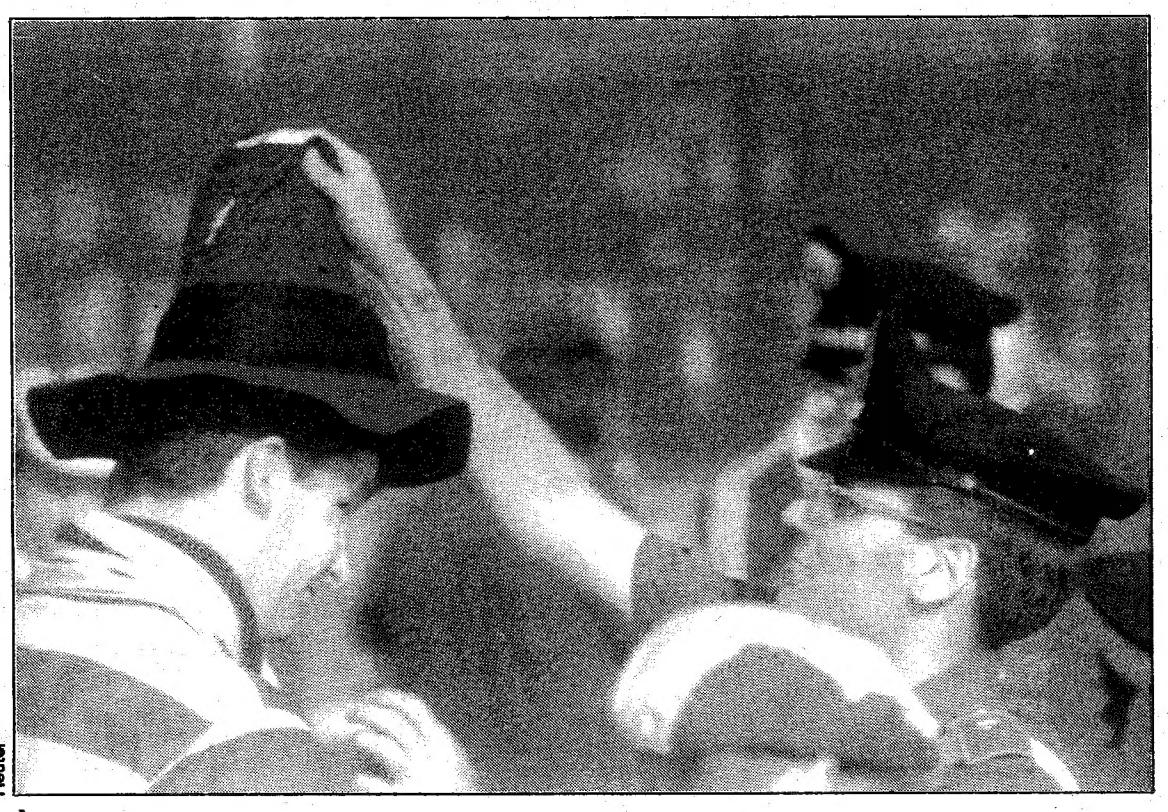
A um ritmo acelerado, sucedem-se os encontros a alto nível sobre o futuro da Alemanha unificada, o que deixa prever que uma eventual solução poderá não estar longe. Entretanto o Presidente Gorbachev proferiu esta manhã perante o Soviete Supremo, em Moscovo, um discurso em que considerou a possibilidade de uma Alemanha unida na NATO, caso as duas alianças militares evoluam no sentido de se transformarem em organizações de tipo político. As várias diligências diplomáticas em curso incluem uma reunião da NATO na Escócia, um encontro Maziére/Bush em Washington e conversações entre Genscher e Shervardnadze em Brest, na Bielorússia.

Pág. 10

Hoje há marchas

Os 19 agrupamentos que animam a festa dos santos populares, uma tradição tipicamente lisboeta, começam a desfilar pela Avenida da Liberdade cerca das 21 horas de hoje. O asfalto está limpo e pronto para a grande recepção à alegria, movimento e coreografia dos bairros e colectividades da capital, esperando-se que milhares de alfacinhas acorram para assisistir ao espectáculo. Desde 1932 que os santos populares são assinalados, através de marchas, pelas gentes de Lisboa. Norberto Araújo, então redactor do «DL», foi o pioneiro da iniciativa, conjuntamente com Leitão de Barros. Os sete triunfos da Madragoa destacam este bairro entre os candidatos aos prémios que irão ser atribuídos pela Câmara Municipa, mas. tal como tem acontecido em anos recentes, a selecção só será feita posteriormente no Pavilhão dos Desportos.

Pág. 16 e 17



Reuter

À procura das armas escondidas A polícia italiana vive em autêntica paranóia por causa da segurança. À entrada para o jogo de ontem, entre ingleses e irlandeses, a imaginação da segurança transalpina foi ao ponto de vasculhar o chapéu de um espectador, não fosse ele esconder qualquer arma ou objecto de arremesso.

Págs. 23 a 26

Soares propõe Alto Comissário para Timor
Pág. 7

«Massagens» põem Quinta do Conde em pé de guerra
Pág. 13

Argélia: eleições ameaçadas por fundamentalistas
Pág. 19

Carlos Zíngaro: uma ópera e disco a solo
Pág. 11

Heróis/Anos 90: último acto
Págs. 2, 3 e 4

Lotaria Popular:
1.º - 422 730
2.º - 33 379
3.º - 494 690
4.º - 443 054

Hoje: Suplemento de Economia

PORTE PAGO

Por amor à cidade

Amigos de Veneza contestam exposição universal do ano 2000

A polémica sobre a candidatura de Veneza para a realização da exposição universal do ano 2000 atingiu o seu ponto máximo.

Depois do voto contrário da quase totalidade dos deputados do Parlamento Europeu, das violentas reacções de intelectuais, artistas e simples amantes da famosa cidade (que pretendem poupar à destruição), 200 deputados italianos de todos os partidos apresentaram ontem uma moção ao Governo para retirar oficialmente a candidatura de Veneza junto do Bureau International des Expositions, entidade organizadora do certame.

Tal moção será votada, pelo Senado italiano, na sessão de amanhã. Entretanto, vai-se realizar em Veneza, esta noite, uma vigília de protesto promovida pelo comité de defesa da cidade, denominado «No Expo».

Pág. 12

Sá Carneiro: obras completas sofrem tratos de polé

Pág. 22

GRANDE ANGULAR

HERÓIS ANOS 90

Com Camões à cabeça, os portugueses seleccionam a lista dos cinco maiores da nossa história: Afonso Henriques, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Salazar

Os nossos super-heróis

Camões, o super-herói dos portugueses, com 42,8 pontos de preferência na lista das 27 figuras históricas nacionais eventualmente mais admiradas por nós, tem um grupo especial de adeptos que integra pessoas de ambos os sexos, predominantemente da classe alta, com 25 a 29 anos de idade e que vivem nas grandes áreas urbanas do Porto e de Lisboa.

Camões: super-herói

Em segundo lugar, os portugueses elegeram Afonso Henriques (27,4 pontos), cotação que lhe advém, sobretudo, do grupo de pessoas do sexo masculino, que pertencem à classe média superior, têm entre 25 a 29 anos e vivem no Grande Porto. Vasco da Gama, o terceiro herói preferido, registou um total de 23,7 pontos. Para esta classificação contribuíram, sobretudo, os portugueses do sexo masculino, que integram a classe alta, têm 18 a 21 anos de idade e vivem no Grande Porto.

O quarto maior herói histórico, Pombal (15,4 pontos), deve esta cotação aos portugueses do sexo masculino, que pertencem à classe média superior, têm 22 a 24 anos de idade e vivem na Grande Lisboa.

Salazar de pedra e cal

Oliveira Salazar, eleito para o quinto lugar (12,5 pontos), colhe a sua preferência junto dos portugueses do sexo feminino, das classes média inferior e baixa, maiores de 44 anos e que vivemna região do Interior Norte. Zé do Telhado, sexto lugar na lista dos nossos maiores heróis (11,4 pontos) e um bandoleiro conhecido como o Robin dos Bosques português, é um fenómeno de popularidade homogénea: homens e mulheres, de todas as classes sociais, que vivem sobretudo no Grande Porto e com destaque para o escalão etário dos 30 aos 34 anos.

Pedro Álvares Cabral, o sétimo maior herói nacional, com 10,2 pontos, recolhe esta classificação graças aos portugueses de ambos os sexos, que pertencem à classe alta, têm 25 a 29 anos de idade e vivem nas regiões do Litoral e do Grande Porto.

Abaixo da pontuação de nível 10, surgem outras interessantes figuras históricas como Gago Coutinho (9,8 pontos), Maria da Fonte (8,9 pontos), Gil Vicente (7,4 pontos) e Egas Moniz (7 pontos).

Curiosamente, houve figuras históricas que obtiveram uma pontuação inferior a um ponto: Serpa Pinto, D.Miguel, Afonso Costa, Marcelo Caetano, Rolão Preto, Alexandre Herculano e a rainha Santa Isabel.

Grupo dos exibicionistas

Competentes e humildes

Se você for do sexo masculino, tiver entre 35 a 54 anos, pertencer à classe média inferior e viver num pequeno agregado (até 2 mil habitantes) na região do Litoral, incluindo a Grande Lisboa, é provável que se enquadre no grupo de portugueses que privilegiam valores como a beleza física, o poder, a ambição, a riqueza pessoal, o dinheiro e o prestígio.

Um grupo que estabelece claramente uma dicotomia entre o conjunto de valores éticos (desvalorizado na sua importância) e os conjuntos de valores de afirmação pessoal ou material (económicos).

No entanto, para este mesmo grupo, o conceito e a prática de herói não foge à regra: uma pessoa corajosa e altruísta, com grande capacidade de sobrevivência, que acaba por vir a ganhar prestígio e poder, através de feitos notáveis. Assim, este grupo escolhe, como melhores exemplos de actos heróicos, o vencer na vida, ganhar um Prémio Nobel ou ter combatido na Guerra Colonial, não esquecendo o andar nas primeiras páginas dos jornais.

Um grupo que se caracteriza por pensar que os valores que mais peso têm para a felicidade/realização pessoal de cada um são a beleza física, o poder, a ambição, a riqueza pessoal, o dinheiro e o prestígio.

Este grupo não deixa de seleccionar o desporto, política e televisão/rádio como as áreas preferenciais de actividade das personalidades que mais admira, mas dá ainda um destaque significativo à vida religiosa.

Assim, os seus «heróis» preferidos são figuras como Rosa Mota, Carlos Lopes, Paulo Futre e Artur Jorge; Soares, Sá Carneiro, Cavaco, Eanes, Cunhal e Sampaio; Carlos Cruz, Herman José, Nicolau Breyner e António Sala; padre Américo, D. António Ribeiro e D. António Ferreira Gomes.

Porém, a única figura que os elementos deste grupo gostariam, até certo ponto, de encarnar, é a do padre Américo. Mesmo personalidades como Rosa Mota, Mário Soares ou Carlos Cruz limitaram-se a obter índices mínimos de identificação.

Se pudesse, este grupo de portugueses ressuscitaria personalidades da nossa história como Sá Carneiro, Vasco da Gama, Marcelo Caetano e Salazar. Contudo, num primeiro plano, repartem a sua máxima admiração por figuras históricas como Afonso Henriques e Camões e, num segundo plano, Pombal e Salazar.

Ao apreciarem as qualidades de uma pessoa, estes portugueses dão a máxima importância à competência e à humildade.

Como defeitos mais graves numa pessoa, apontam o ódio, a incompetência, a falsidade e a vingança.

De todos os grupos caracterizadores desta sondagem, este é o que mais valoriza a profissão de piloto aviador. Depois, escolhe como profissões mais heróicas a de mãe de família, mineiro, pescador e enfermeira.

Sondagem Euroteste/«DL»

Grupo dos exibicionistas:
(20 por cento do total de inquiridos)

Idade - 35 a 54 anos
Sexo - masculino
Classe - média
Habitat - pequeno
Região - Litoral
Herói - quem obtém prestígio e poder
Acto heróico - vencer na vida
Realização pessoal - beleza física e dinheiro
Área preferida - desporto
Admiram - Rosa Mota
Gostariam de ser - padre Américo
Ressuscitavam - Sá Carneiro
Herói-tipo - competente e humilde
Anti-herói - odiento e incompetente
Profissão mais heróica - piloto aviador

A maioria dos inquiridos nesta sondagem não se furtou a responder à mais ingénua das perguntas: se pudesse, ressuscitava que figura histórica?

O mito dos ressuscitados

Diz-se da glória que é efémera, ao contrário da imortalidade.

Por isso, e tal como se pode constatar pela leitura destas páginas, não basta ser um super-herói para se poder alcançar a invejável categoria de ressuscitável.

À excepção, naturalmente, de um vulto como Camões.

No entanto, os resultados desta sondagem Euroteste/«DL» mostram, à evidência, que uma coisa é as pessoas admirarem ao extremo uma personalidade e, outra, é gostarem de ser como ela.

Mas voltando aos ressuscitáveis.

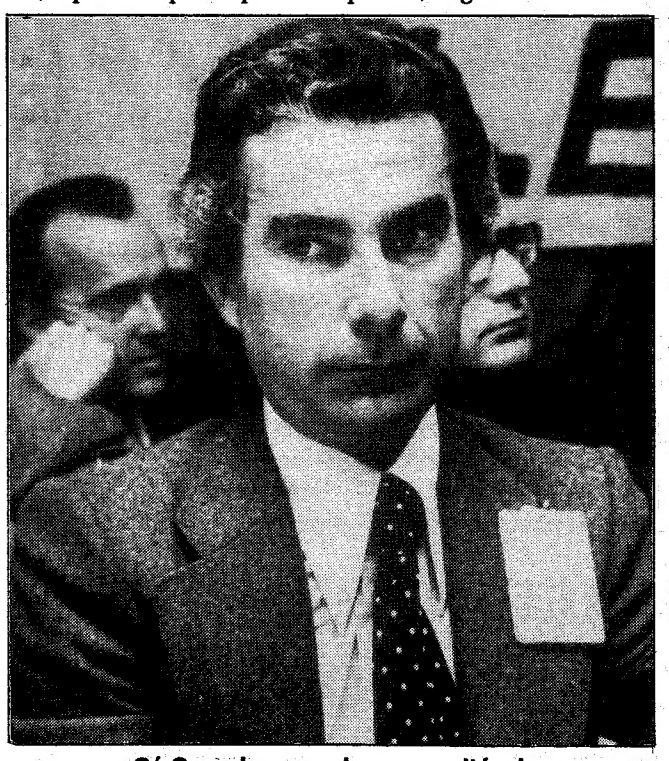
Sá Carneiro, por exemplo, foi um homem que, indiscutivelmente, atingiu a sua notoriedade pública na área política.

Uma área que apenas obteve o quarto lugar na ordem de preferência dos portugueses (no que respeita às áreas de actividade das personalidades que mais admiram) e onde o seu nome se classifica em terceiro lugar, atrás de Mário Soares e Cavaco Silva.

Assim, é surpreendentemente que Sá Carneiro surge à cabeça da lista dos «mais» ressuscitáveis, com 9,3 pontos, muito abaixo dos 32,6 pontos que registou o seu «grau» de admiração na área política.

Mesmo Camões, a figura histórica mais admirada (42,8 pontos) pelos portugueses, não consegue derrotar Sá Carneiro na área dos ressuscitáveis, onde o lírico se ficou por uns modestos 8,6 pontos.

Em terceiro lugar, na lista de ressuscitáveis, surge Afonso Henriques com 6,5 pontos, seguido de Salazar (6,4 pontos), Pombal e Carlos Paião (ambos com 2,6 pontos), Maria da Fonte e Marcelo Caetano (ambos com 1,7 pontos), Humberto Delgado (1,3 pontos) e António Variações (1 ponto).



Sá Carneiro: o mais ressuscitável

Note-se que nesta lista de ressuscitáveis constavam, ao todo, 27 nomes diferentes, de figuras como o padre Américo, Carmona, Nuno Álvares Pereira ou Catarina Eufémia, que registaram pontuações insignificantes.

Porém, e tal como salientamos nestas mesmas páginas, o Grupo dos Exibicionistas (um dos sete grupos caracterizadores desta sondagem), que se pudesse ressuscitaria Sá Carneiro, manifesta uma particular veneração pela figura do padre Américo, o herói que gostariam de ser.

De salientar, por último, que apenas 35,7 por cento dos inquiridos alegaram não saber ou não querer responder à pergunta, enquanto 7,2 por cento disseram não querer ressuscitar nenhuma dessas figuras e 6,1 por cento adiantaram que o fariam, mas em relação a outras personalidades não contempladas na lista.

Muitas ribeiras conduzem estas crianças à Casa do Gaiato

O padre Américo foi um dos escolhidos nesta sondagem: 79,5 por cento dos portugueses chama-lhe herói. Visitámos a sua maior obra, a Casa do Gaiato, em Santo Antão do Tojal

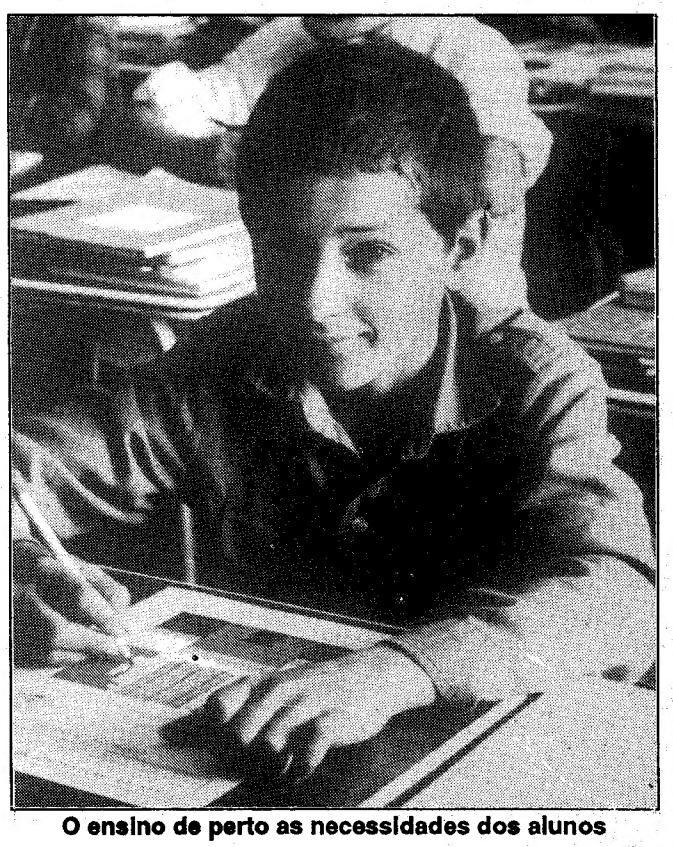
Padre Américo ainda vivo numa aldeia com cheiro a rosas

O grande portão verde está aberto de par em par. Os contornos do ferro - Casa do Gaiato - indicam-nos que chegamos. Ninguém se vê nas imediações. Depois começa a ouvir-se o estridente ruído de chapa a bater na pedra, ao longe um corpito frágil empurra um carrinho de mão cheio de roupa suja. Esta pequena aldeia dentro da aldeia, praticamente só habitada por crianças e jovens, exala um odor de flor de laranjeira e rosas.

Estamos em Santo Antão do Tojal, perto de Loures, numa das instituições da «Obra da Rua», cujo pai, o Padre Américo, foi um homem que dedicou parte da vida à luta contra a pobreza, sobretudo das crianças. «Isto é de rapazes para rapazes, uma família de jovens que vive num local feito à imagem e semelhança de uma aldeia», diz ao DL o padre Cristovão, responsável pela Casa do Gaiato de Lisboa.

São 118, entre os quatro anos e os 29 anos, os «miúdos» que partilham aquele amplo espaço. O antigo Palácio dos cardeais de Lisboa rico em azulejos, um vasto jardim, onde proliferam as laranjeiras carregadas de fruto e os canteiros de flores bem tratadas, um vasto campo de cultivo, uma pocilga, um curral e uma padaria são locais com tarefas pesadas que os aguardam diariamente.

A aldeia foi construída pouco a pouco e as casas, caiadas de branco, nasceram no terreno cercadas por bancos de madeira vermelhos. Segundo o padre Cristovão, o responsável por cada casa é eleito pelos maiores de 14 anos. «Os cerca de 25 a 30 rapazes apoderam-se de todo o espaço, gerindo eles mesmos as tarefas do lar», acrescenta. Uma espécie de acampamento escuteiro a tempo inteiro.



O ensino de perto as necessidades dos alunos

César Duarte, de 12 anos, cabelos louros desalinhados, sardas no rosto e uma expressão trocista, deixa-nos espreitar para a casa, a sua, que arrruma. Na grande sala de estar uma televisão, uma estante com livros policiais e uma mesa redonda e algumas poltronas de estilo anos 50 deixam bastante espaço para as correrias. Cheira a lexívia quando entramos num dos quarto. Sem dúvida um universo de crianças: oito camas de ferro, em cima de uma das colchas azuis de algodão um ursito de peluche, carros e berlindes nas mesas de cabeceira, emblemas de clubes e um crucifixo na parede e umas quantas meias esquecidas a um canto. «Arrumações à rapaz...», dizia pouco antes o padre Cristovão.

Uns olhos tristes seguem-nos há algum tempo. Acabamos por lhes saciar a curiosidade. «Somos jornalistas e tu quem és?». Marco Aurélio tem 10 anos e está na Casa do Gaiato há três anos. «Gosto de viver aqui, tenho muitos amigos», afirma. Anda na 2ª classe e adora jogar à bola e pastar as ovelhas.

Agora descascar o ananás para o almoço detesta. «Faz galos nos dedos», justifica. Quando se porta mal vai para a cama mais cedo ou não vê televisão. Já tinhamos acabado a conversa quando volta a correr: «Podem-me tirar uma fotografia?». Ficou contente quando soube que a máquina já lhe tinha retido a imagem.

Muitas ribeiras conduzem até aqui estas crianças: maus tratos no seio familiar, morte ou precárias condições financeiras dos pais, vadiagem, mendicidade e prostituição.

Vizinhos, o Tribunal de Menores ou os Serviços de Assistência Social quando detectam algum caso nestas condições recorrem à Casa do Gaiato. «Temos aqui miúdos, vindos dos bairros da lata, de ruas pestilentas, que só conheciam o pontapé e a bofetada. Por isso o contacto com outras crianças, especialmente com as mais novas, leva-os a aprender sentimentos mais nobres», frisa o padre Cristovão.

Os primeiros tempos revelam-se difíceis. Fogem frequentemente.

Paula Sá

Continua na pág. 4

COMENTÁRIO

Gostos para todos os heróis

A sondagem cuja publicação hoje concluímos, visando apurar quem são os heróis dos portugueses nos anos 90, contém no silêncio às perguntas um dos elementos mais significativos, que não constitui novidade nos inquéritos à opinião pública feitos entre nós.

De facto, as sondagens deparam com manifesta relutância dos inquiridos em expor-se - o grupo dos «não responde» — ou com a alegação de ignorância que, não raro, mascara aquela indisponibilidade - o grupo dos «não sabe» — , pelo que as respostas directamente trabalháveis ficam muito reduzidas em número. Foi o caso com a sondagem Euroteste/DL, que nos deixa a cismar nos presumíveis heróis secretos dos portugueses; e, também como é costume acontecer, no total dos resultados pesou de forma decisiva o conjunto de respostas esperadas — o que releva do desconforto sentido pelas pessoas em quebrar a regra — e o conjunto das respostas fantasistas, ditadas pela vontade de não fazer figura de ignorante; isto observa-se na alta pontuação obtida por figuras inexistentes.

Das respostas efectivas, sobressai uma multiplicidade de caracterizações do heróitipo, consoante os vários grupos em que se dividiram os inquiridos — consensuais,cépticos, antagonistas, materialistas, conformistas, indiferentes e exibicionistas — ,não obstante haverem três qualidades dominantes: a coragem, a humildade e a competência; e impõe-se a decisiva função constitutiva da imagem da realidade que os órgãos de Comunicação Social detêm, não só pela ordem das actividades onde os inquiridos elegem as suas figuras preferidas (*os mass media* vêm em segundo lugar), como pelo papel privilegiado dos *media* na formação da imagem dos preferidos em qualquer dos grupos.

A combinação da lista dos cinco maiores da nossa História com a dos primeiros ressuscitáveis e a dos que são objecto de admiração dos entrevistados a ponto de estes pretenderem identificar-se com eles permite verificar: que os conceitos de herói e de anti-herói se confundem, por vezes, de certo modo, já que figuras ideais não são assumidas como paradigma; que há mortos que estão muito bem onde estão, malgrado haverem sido formidáveis; que o repisar Camões desde os bancos da escola dá bons frutos — embora seja de temer que a genialidade do Poeta represente menos, em tão reconfortante idolatria, do que a sua mitificação; que o tempo é também impiedoso para o conceito de heroísmo — repare-se nas respostas dos adolescentes, porém salutarmente optimistas; que morrer é meio caminho andado para o altar.

Por último, uma referência aos «sucessocratas», que representam parte apreciável do universo da sondagem. Reflectem os nossos tempos pragmáticos, a sua evolução, e debatem-se com aparentes contradições, de que é exemplo, no grupo dos exibicionistas, o relevo dado à humildade, certamente responsável pela primazia dada à figura do padre Américo. Os sociólogos dirão se a contradição não é, afinal, aparente — se a humildade não equivale, aqui, ao tempero do estatuto, almejado, que dá acesso aos chás de caridade.

João Paulo de Oliveira

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Maíalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutelio

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

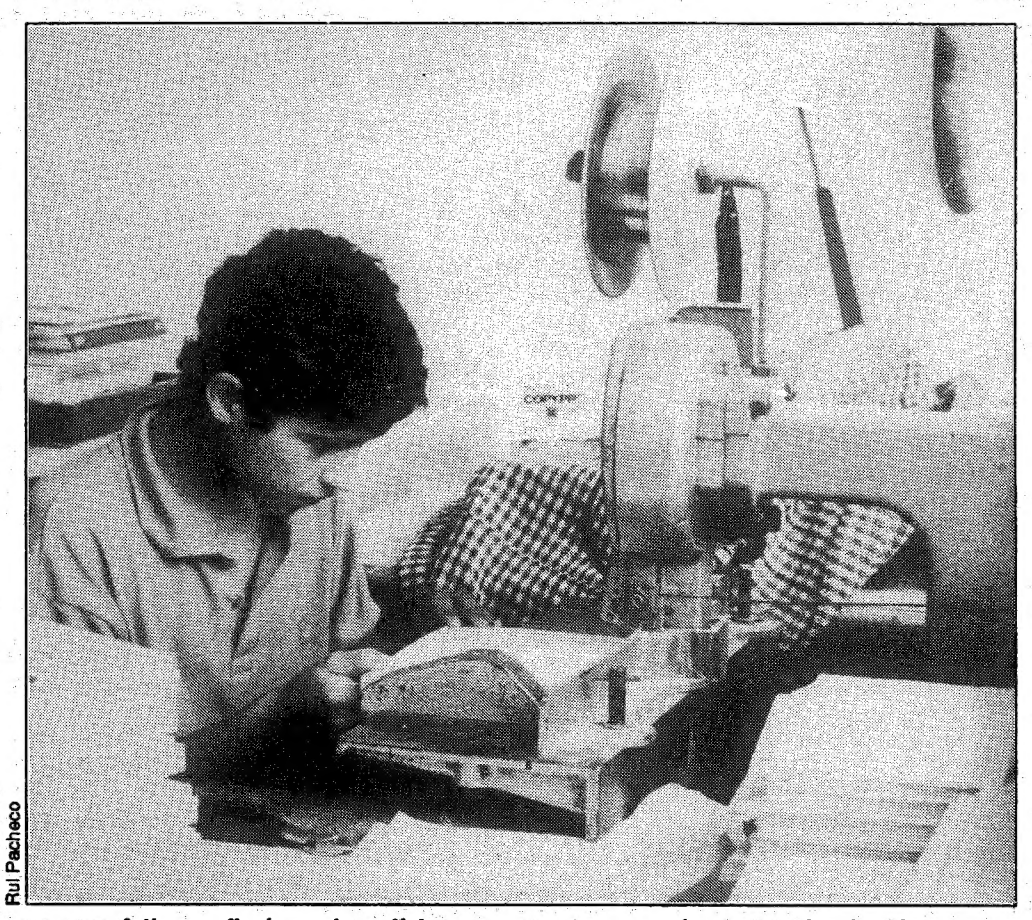
Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

HERÓIS ANOS 90

Uma aldeia com cheiro a rosas

Continuação da pág. 3



Rui Pacheco

A tipografia é um dos ofícios que os rapazes podem aprender depois de abandonarem os estudos

«Deixamos que o façam pois é normal que, quando se apercebem das regras vigentes, lhes venha o desejo da libertinagem» - diz o sacerdote - «acabam por sentir falta da nova família e voltam quase sempre». Como referia o padre Américo: «É simplesmente maravilhoso o poder que tem sobre estes rapazes a vida em família!».

Enquanto falamos com o padre Cristovão o cenário em redor é elucidativo de que a vida ali de trabalho se faz. Há quem cuide dos patos e das galinhas, quem dê erva às vacas, quem varra o jardim, ao mesmo tempo que o rodopiar dos carrinhos de mão cheios de roupa é constante.

Nunes Gregório, de 14 anos, trabalha no escritório da Casa do Gaiato, onde cuida da escrita do leite e da lavandaria. O pai morreu há um ano e a mãe não o podia sustentar. Os amigos fazem esquecer a este adolescente de ar dócil o afastamento da mãe, de quem só recebe a visita de tempos a tempos. Anda no 1º ano do ciclo preparatório e tem projectos para o futuro: «Gostava de ser mecânico de automóveis».

A Casa do Gaiato tem apenas escola primária, sendo o restantes níveis de ensino ministrados no exterior, nos estabelecimentos públicos. Segundo o padre Cristovão, «o primeiro nível de ensino justifica-se porque recebemos rapazes com 12, 13 e 14 anos que nunca tinham posto os pés na escola e integrá-los no sistema normal seria um choque terrível para eles».

O professor deixa-nos interromper a sua aula «sui generis». Não há classes. As necessidades individuais ditam o debitar da matéria. Cerca de trinta rapazes pintam na altura e mal entramos os risos sobem de tom. Só acalmam quando a máquina fotográfica começa a disparar. É então que se impunha uma pose de gente grande. O professor foi o porta-voz daquela mímica: «Nós não temos meios para lhes facultar fotografias e muitos deles gostariam de ter alguma para dar à família do exterior.»

Os que já não estudam tem ainda oficinas de pré-profissionalização. As modalidades são a tipografia, serralharia e carpintaria.

Aos 18 anos chega a altura de procurar trabalho no exterior. «Normalmente conseguimos colocá-los no mundo do trabalho, se bem que existam casos que se arrastam anos e anos. Nem por isso os pomos na rua, só o fazemos quando têm a vida encaminhada», acentua o padre Cristovão.

Contratados na Casa do Gaiato só existem os mestres dos ofícios, uma pessoa na lavandaria e outra para a cozinha. Existem também os que decidiram dar a vida por esta obra. «Somos os que não recebemos ordenado e vivemos a aventura da casa com os miúdos», afirma o sacerdote. Nestas condições encontra-se ele próprio, outro padre e mais duas senhoras.

São quase autosuficientes. O Estado, perante o qual não têm qualquer obrigação, contribui quando e quanto lhe apetece. Os donativos e o «Jornal do Gaiato», com uma (fabulosa)tiragem de 80 mil exemplares, são outras fontes de financiamento da instituição.

«Os padres da rua têm ainda um estatuto especial que lhes permite irem até às igrejas pregar em tempo de necessidade», diz o padre Cristovão.

Acrescenta em jeito de crítica: «Hoje, utilizamos mais esta arma para alertar as pessoas e abanar o comodismo da própria Igreja, que profere coisas bonitas mas muitas vezes se esquece dos problemas reais, e entre eles um dos mais prementes, a pobreza».

P.S.

GRANDE ANGULAR

Mais vale tarde

Mais vale tarde do que nunca. O provérbio acenta como uma luva na vida do Padre Américo, um homem cuja a vocação tardia não o impediu de levar por diante uma das mais importantes obras da Igreja ligadas à protecção das crianças, a «Obra da Rua».

Nascido a 23 de Outubro de 1887, na freguesia de Galegos, em Penafiel, Américo Monteiro de Aguiar, após os estudos peliminares, envereda pela carreira comercial, no Porto e segue para Moçambique em 1906. Regressa a Portugal com 36 anos e ingressa no Convento Franciscano de Vilariño de Ramollosa, Espanha, onde toma o hábito a 14 de Agosto de 1924.

Foi ordenado presbítero a 28 de Julho de 1929 em Coimbra, após ter sido rejeitado no seminário do Porto por ser velho demais. Dedica-se então ao apostolado da Caridade junto de famílias em dificuldades, nas cadeias e nos hospitais, numa altura de grandes dificuldades em Coimbra. A tuberculose e a miséria cresciam em paralelo na cidade.

Preocupado com as crianças ao abandono na baixa na baixa coimbrã, padre Américo começa por organizar colónias de férias e mais tarde, em 1940, lança em Miranda do Corvo os alicerces para a sua futura obra. A primeira Casa do Gaiato acolhe quatro rapazes. Depois veem a Casa de Paço de Sousa, a de Santo Antão do Tojal (Loures), a de Beire (Paredes) e a de Setúbal.

O padre Américo, que viria a falecer a 16 de Julho de 1956, deixou uma máxima a ser seguida: «Não somos um asilo, nem reformatório, nem colónia penal. Somos a família».

JL
ESTA SEMANA NÃO PERCA
jornal de letras, artes e ideias
Ano X n.º 414 • De 12 a 18 de Junho de 1990 • 125$00 • Semanário • Director José Carlos de Vasconcelos • Director Adjunto Luís Almeida Martins

FRANCISCO LUCAS PIRES
ECONOMIA E CULTURA
ENSAIO PÁGS 4/6

A PAIXÃO SEGUNDO LUÍS MIGUEL CINTRA
ENTREVISTA DE ANA PAULA DIAS PÁGS. 8/9

SÃO CARLOS, ANO 197...
UM DIA NA ÓPERA

REPORTAGEM E ENTREVISTA COM REGINA RESNIK, POR JOSÉ JORGE LETRIA
PÁGS. 23/26

UM TEXTO DE JORGE AMADO
«SOU UM ESCRITOR DA NAÇÃO MULATA»
PÁG 11

LITERATURA AFRICANA EM POLÉMICA
MANUEL FERREIRA RESPONDE A EUGÉNIO LISBOA
PÁG. 29

POLÍTICA

Presidente da Câmara do Porto permanece em Estrasburgo

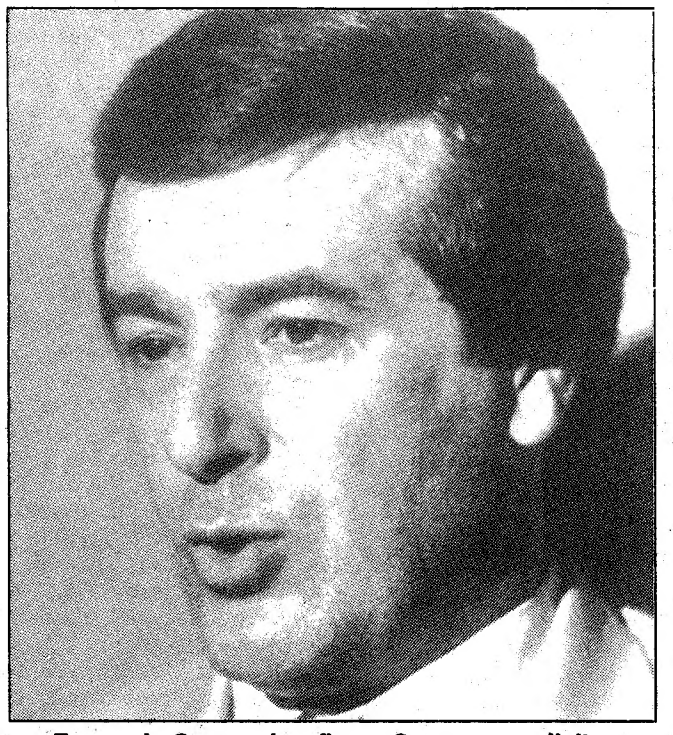
Carlos Coelho reage a «teimosia» de Gomes

O deputado social-democrata Carlos Coelho afirmou-se ontem «chocado» com o facto de o presidente da Câmara do Porto ter rejeitado, em conferência de Imprensa, a possibilidade de abandonar o Parlamento Europeu, em consequência da aprovação da Lei das Incompatibilidades dos cargos políticos.

Falando ao «DL» na qualidade de presidente da comissão de Juventude da Assembleia da República, o parlamentar afirmou ser «desejável», em nome da necessidade de haver «uma voz jovem em Estrasburgo», que José Apolinário tome o lugar de Gomes no PE.

Segundo apurou o nosso jornal, terá havido contactos a este respeito entre Apolinário e Coelho, que este último, aliás, não desmentiu. Sustentou apenas tratar-se de «troca de impressões», que de qualquer modo não prefiguraram qualquer «contacto prévio à elaboração da lei».

Carlos Coelho, referindo-se ao facto, evocado por Fernando Gomes, de a sua situação de acumulação de cargos de autarca e de eurodeputado não ser virgem, disse ser muito mais justificável no caso do «maire» do Estrasburgo do que no do líder da edilidade do Porto, que fica «a mais de dois mil quilómetros de distância». O jovem deputado do PSD, que refutou também a insinuação de que a lei obedeceu a uma estratégia que visava particularmente Gomes, considerou que «o povo português não vai perceber» esta acumulação de funções.



Fernando Gomes desafiou o Governo a solicitar a perda do seu mandato europeu

A tomada de posição de Fernando Gomes foi tomada ontem em conferência de Imprensa. O autarca-eurodeputado baseou a sua decisão de só abandonar o Parlamento Europeu quando estiver aprovado um «pacote» de programas de apoio à Área Metropolitana do Porto nos dispositivos do Tratado de Adesão à CEE que impedem a alteração do regime de incompatibilidades no decurso dos mandatos.

Gomes considerou que o diploma se reveste de «verdadeiro terrorismo político», visando atingi-lo pessoalmente, por força da sua postura de «voz incómoda e não subserviente ao Terreiro do Paço». Desafiou mesmo o Governo a solicitar a perda de mandato, gesto que, na sua óptica, «vai pôr a ridículo o Estado português, perante as Comunidades».

O edil socialista insistiu no facto de não beneficiar financeiramente da situação. Garantiu que não recebe o salário da autarquia portuense e que, de Estrasburgo, aufere apenas o equivalente a um deputado à Assembleia da República, já que o restante vai para os cofres do PS.

P.M.

Deputados soviéticos em Portugal

O ministro dos Negócios Estrangeiros recebeu ao princípio da tarde a delegação parlamentar soviética que desde ontem se encontra em Lisboa a convite da Assembleia da República. Trocar opiniões e informações sobre a vida parlamentar e discutir as várias questões europeias são alguns dos aspectos que justificam esta visita de uma semana a Lisboa.

Chefiada pelo vice-presidente para os Assuntos Exteriores do Soviete Supermo, o escritor Anatoli Ananev, a delegação encontrar-se-á com diversas comissões parlamentares portuguesas. Ontem, teve já uma Comissão dos Negócios Estrangeiros.

A reunificação da Alemanha e, sobretudo, as relações soviético-portuguesas são questões que dominam os encontros que a delegação manterá entre nós.

«Pretendemos desenvolver o pluripartidarismo e a economia de mercado e criar um Estado de direito», afirmou Anatoli Ananev, que destacou a construção da «casa comum europeia» em que também a URSS está empenhada.

Redacção «DL»

PSD quer regular objecção de consciência

A possibilidade de a objecção de consciência ser invocada até ao momento da incorporação pode vir a ter consagração legal, caso seja aprovado o projecto de lei que o grupo de deputados da JSD apresenta esta tarde na Assembleia da República.

Segundo apurou o «DL», é este o mais inovador dos dispositivos previstos no projecto, que cria uma Comissão Nacional de Objecção de Consciência, encarregada a velar pelo cumprimento da lei e abre a possibilidade de o serviço cívico ser cumprido em países africanos de expressão portuguesa.

O texto, que mereceu alterações da parte do secretário de Estado da Juventude - cujo Gabinete fez chegar à Imprensa o ante-projecto dos social-democratas - dá expressão legal à objecção de consciência enquanto direito constitucional. Elimina, assim, o recurso a soluções de carácter judicial, como se de um acto administrativo se tratasse. Paralelamente, prevê um período de serviço cívico superior ao do Serviço Militar Obrigatório que o Governo anunciou recentemente, com a duração de quatro meses.

O projecto de lei inscreve ainda um mecanismo que determina a perda do estatuto de objector, em caso de incumprimento do serviço cívico. No preâmbulo, chama-se a atenção para o facto de estarem pendentes, neste domínio, mais de 16 mil casos. «Situação pouco digna para o Estado», por atentar contra os direitos dos cidadãos, é como é definida pelos proponentes.

Rui Vasco

O secretário de Estado, Miguel Macedo, apadrinha o projecto do PSD

Redacção «DL»

BREVES

Mário Soares felicita Havel

O Presidente da República felicitou Vaclav Havel pela «grande participação cívica» nas primeiras eleições parlamentares livres realizadas na Checoslováquia. Para tal, segundo Mário Soares, muito contribuiram o corajoso papel desempenhado por Havel e «as reformas que tem impulsionado na consolidação do exemplar processo democrático iniciado em fins do ano passado». Soares aproveitou a oportunidade para lhe renovar o convite para visitar oficialmente Portugal.

PRD começa sexta-feira Convenção Nacional

Pedro Canavarro, actual líder do PRD, e Carlos Lilaia, presidente da comissão organizadora da IV Convenção Nacional do PRD, vão abrir sexta-feira o conclave magno do partido, no qual o primeiro deverá disputar a liderança com o seu antecessor e conterrâneo, Hermínio Martinho. No dia seguinte, os congressistas aprovam a estratégia política do partido. Outros pontos em agenda, para domingo: eleição dos órgãos nacionais e sessão de encerramento.

Mário Cristóvão quer ser líder do PS de Setúbal

Mário Cristóvão quer ser líder do PS de Setúbal, razão pela qual ontem apresentou em conferência de Imprensa a sua candidatura a coordenador da Federação Distrital. «Mudar a Federação - ganhar o distrito», é o lema da campanha de Cristóvão. As eleições realizam-se em 30 de Junho e 1 de Julho, no Forum Municipal Luísa Todi. O deputado José Reis e Hasse Ferreira são os outros dois candidatos.

Açores e Madeira alargam relações europeias

As Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira preparam-se para aderir, com as Canárias, à Confederação Europeia de Municípios. A integração deverá formalizar-se antes da realização, em Outubro, em Lisboa, da reunião geral da Confederação Europeia dos Municípios. O objectivo deste passo é sensibilizar as instâncias comunitárias para as especificidades próprias dos municípios insulares, nomeadamente para o seu isolamento e carências financeiras - disse o presidente da Associação de Municípios da Madeira.

Via do Infante: PSD fala em Alfonso Guerra...

O presidente da Distrital de Faro do PSD, Cabrita Neto, acusou socialistas do Algarve e da Andaluzia de liderarem uma «campanha artificial» contra a construção da Via do Infante. Na primeira conferência em que se apresentou como presidente daquela estrutura partidária distrital, o actual governador civil de Faro pouco acrescentou ao que é conhecido, mas referiu-se, inesperadamente, a um alegado envolvimento de Alfonso Guerra, número dois do Governo espanhol e natural de Sevilha - como Felipe Gonzalez. «Temos informações seguras quanto a essas ligações», disse o presidente da distrital do PSD.

Ensino público carece de financiamentos

Delegações das juventudes comunistas de Portugal, França, Bélgica, Espanha, RFA, Holanda e da Federação Mundial Democrática, reunidas em Almada, concluiram que «o agravamento do financiamento do ensino público por parte do Estado reveste formas diversificadas». A precaridade no emprego e a questão da formação profissional foram pontos também debatidos neste encontro.

«Programas operacionais» aguardam financiamento

Uma delegação governamental portuguesa encontra-se em Bruxelas na sede da CEE para o segundo *round* das negociações dos «programas operacionais regionais» previstos no quadro comunitário de apoio. A secretária de Estado, Isabel Mota, espera que até finais de Julho sejam aprovados 18 programas. As negociações envolvem um investimento de cerca de trezentos milhões de contos, dos quais 160 milhões financiados pelo FEDER.

POLÍTICA

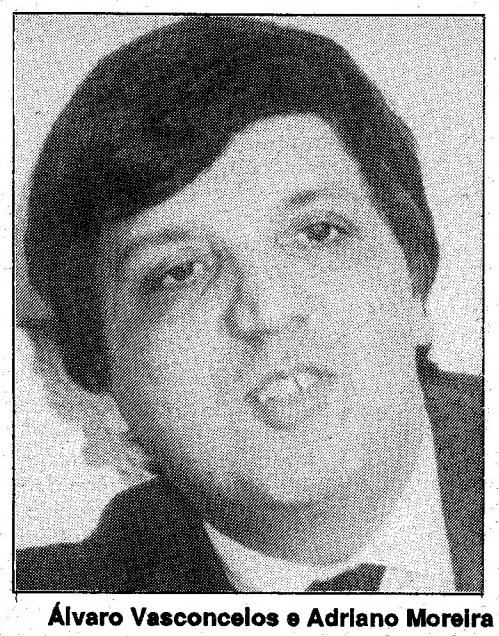
Jovens centristas queriam falar do Leste

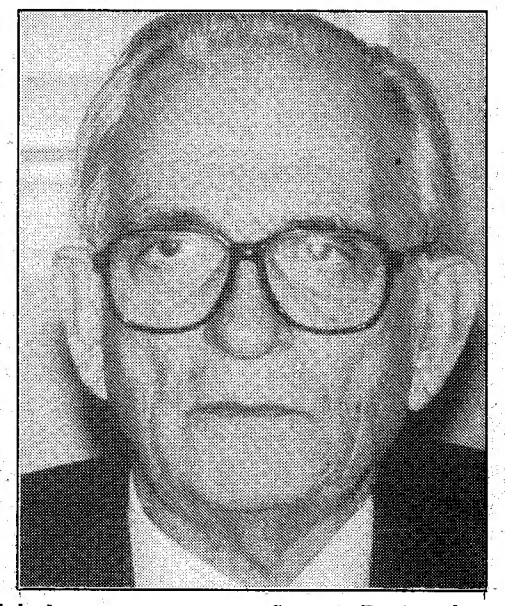
Treze às mesas para discutir soberanias

«Na CEE, na NATO, na União da Europa Ocidental, no Conselho da Europa, é preciso que Portugal assuma a sua voz com força», dizia ao fim da noite de ontem Álvaro Vasconcelos, no termo de um debate que apoiou em nome do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, acção promovida pela Juventude Centrista. Com Adriano Moreira, dado que Victor Constâncio acabou por não estar presente, Álvaro Vasconcelos esteve na mesa dos conferencistas. Na assistência viam-se dez jovens do CDS e um repórter. Talvez por serem treze às mesas, faltou a energia eléctrica quando a discussão se centrou sobre a dita força da voz da Pátria, num colóquio sobre «As Reformas de Leste e suas Repercussões em Portugal».

Quanto ao Leste, Adriano Moreira verificou que, «quando o Estado não aguenta, a ideologia cai, deixa de ser um elemento de coesão e mobilização social». Daí que o marxismo-leninismo tenha saído bem tratado deste debate, dado que, ainda segundo Adriano Moreira, «sem uma teoria de causas é difícil explicar uma evolução» e «a falência de um sistema ideal » não passa de «mera consequência».

O que de mais importante se disse numa reunião em que todos questionavam em que Portugal vivemos foi o desafio à discussão sobre o conteúdo da nossa soberania, cuja transferência, ainda





Álvaro Vasconcelos e Adriano Moreira debateram as repercussões em Portugal das reformas do Leste

que parcelar, se tornou tema nacional depois da intervenção do Presidente da República durante as celebrações do último 10 de Junho, em Braga. As soberanias futuras, entre as quais a nossa, acabaram por tomar conta de um primeiro debate sobre assuntos quentes, numa noite fresca, ao Paço do Lumiar.

Causas gerais

Adriano Moreira começou por falar do Leste chamando à colação um quadro mais amplo, o das revoluções mundiais, situando à cabeça a descolonização, com «velocidades diferentes, consoante os regimes políticos», sendo sempre retardada pela «viscosidade» dos mais renitentes. Referia-se ao império soviético.

Da viscosidade dos descolonizadores tardios, o parlamentar centrista transitou para a «segunda revolução mundial, o domínio das ondas», uma vez que «a Informação passou a ser simultânea e igual em todo o Mundo».

Entre as «causas gerais» da vertiginosa evolução dos dias de hoje, Adriano Moreira citou a «peste branca», a «revolução demográfica», equiparando os Estados desenvolvidos ao constatar que «as sociedades ricas tendem a ser mais ricas e os pobres tendem a ter cada vez mais filhos» até à séria hipótese de surgirem miseráveis embarcados nas costas mediterrânicas da nossa prosperidade.

Citando Raymond Aron, ao dissertar sobre o sistema bipolar inaugurado pela Guerra Fria, sustentou a incompatibilidade entre uma política desenvolvimentista e uma política armamentista, acreditando que «a *Guerra das Estrelas* constituiu um desafio que fez cair na razoabilidade» as duas políticas referidas. Adriano Moreira não poupou a análise política do ex-Presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, quando este aceitou a irreversibilidade «dos totalitarismos dos nossos tempos».

À visão de um Reagan ganho pelo marxismo que combatia, o deputado do CDS contrapõe «os desafios à sociedade civil mundial», integrados pelo «risco tecnológico» provado desde Chernobyl, pelo desafio ecológico e pela explosão paulatina da «bomba demográfica».

O controlo do processo político actual cabe, portanto, às duas superpotências, num quadro de «diálogo com razoabilidade», dado que «se na URSS se der a catástrofe do Estado», o analista apenas poderá recorrer às «leis do imprevisível».

Duplas medidas

Quando a conversa ainda andava à volta do futuro de Portugal, gerou-se um princípio de polémica entre Álvaro Vasconcelos e Adriano Moreira, seguido com bastante interesse pelos restantes presentes. O deputado centrista criticou «o critério da dupla medida» adoptado pelos não-alinhados, desde sempre, uma vez que não tinham «contra a URSS o capital de queixas que tinham contra os ocidentais». Segundo ele, os não-alinhados «sempre estiveram contra as guerras que não podiam fazer» por falta da arma nuclear, e fizeram todas as outras guerras.

Álvaro Vasconcelos defendeu os movimentos de libertação nacional que, «antes de serem marxistas, eram nacionalistas», explicando assim as distâncias que a seu tempo tomaram perante uma URSS exigente. Mesmo na Europa, sobretudo depois do Maio de 68, estava assente que «ser de esquerda não era estar sempre com os soviéticos», sublinhou.

«A África e a América Latina são hoje espaços que não sabem para onde caminham», afirmou Álvaro Vasconcelos, citando o fundamentalismo a Norte do Saara, a corrupção das ditaduras a Sul do dito e a droga e o desastre ecológico assumidos pelos Estados americanos que portugueses e espanhois povoaram.

Como era de esperar, através de intervenções nem sempre muito elaboradas mas bastante sentidas, vinha sistematicamente à tona a questão de saber até que ponto é que o envolvimento português na construção da Europa comunitária estaria ou não de acordo com imperativos oriundos da História.

Embora em graus diferentes de entusiasmo, os dois protagonistas bateram-se pela pertença do País à CEE. E quando a assistência quis levar mais longe o aprofundamento da pertença à Europa do «núcleo duro» ou a aceitação do Mercado Comum feito à medida da segunda velocidade definida por Delors, a reunião formal tinha acabado. Os jovens sentiam como seu o problema da reunificação alemã e discutiam perante um planisfério encostado à ardósia. Ia alta a Lua na noção do Norte.

João Isidro

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

	(Por Unidade)	
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39$05	45$05
ALEMANHA FED. (marco)	86$95	88$15
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	4$040	4$290
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	125$85	128$35
(notas de 5 a 1000)	126$35	128$85
DINAMARCA (coroa)	22$85	23$25
ESPANHA	1$369	1$489
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	147$30	150$80
(notas de 5 a 1000)	147$80	151$30
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	25$85	26$55
HOLANDA (florim)	77$30	78$40
IRLANDA (libra)	234$25	238$25
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$912	$967
NORUEGA (coroa)	22$60	23$10
REINO UNIDO (libra)	250$60	255$10
SUÉCIA (coroa)	24$05	24$55
SUÍÇA (franco)	102$25	103$75
VENEZUELA (bolívar)	2$631	3$431

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a s moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

15.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

2.ª SECÇÃO — Proc.º n.º 6733 — Autos de Carta Precatória

ANÚNCIO

Faz-se saber que no dia 12 do próximo mês de Julho de 1990, pelas 10H30, neste Tribunal há-de ser posto em 1.ª Praça para ser arrematado pelo maior lanço oferecido, acima do indicado: 337 920$00, o bem abaixo identificado, penhorado ao executado Joaquim Maria Alves, residente em Largo Carlos Paredes, n.º 6, r/c Esq.º — Reboleira — Amadora, nos autos de Carta Precatória para arrematação em hasta pública vinda do Tribunal Judicial da Comarca de Santarém e extraída dos autos de Execução Sumária, n.º 10/86-2.º Juizo-2.ª Secção que lhe move Banco Nacional Ultramarino e a Alves & Alves Lda e a outros prosseguindo os autos a impulso do M.º P.º e de que é depositário o próprio executado Joaquim Maria Alves.

BEM A ARREMATAR

— Fracção autónoma designada pela letra F correspondente ao 1.º andar esquerdo-frente, do prédio urbano constituido em regime de propriedade horizontal sito na Av.ª Dr. José Pontes n.º 23 lugar e freguesia de Reboleira, concelho de Amadora, composto de cave, r/c e primeiro e segundo andar e terceiro andar, confrontando do Norte com lote 11, sul com lote 13 nascente com Av.ª Dr. José Pontes e poente com Praceta Um, inscrito na matriz sob o art.º 3948 a fls. 75 do livro B-13 com o valor matricial de 337 920$00.

Consigna-se que há créditos reclamados pelo M.º P.º em representação Fazenda Nacional no montante de esc.: 21 910$00 e já graduados.

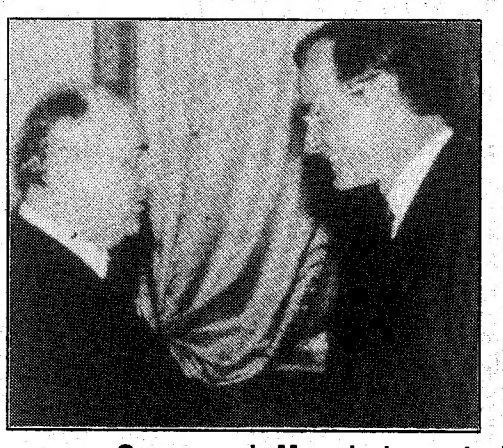
Lisboa, 31 de Maio de 1990

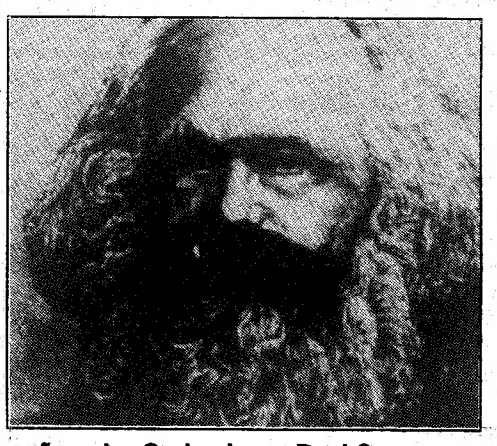
Lisboa, 31 de Maio de 1990

O JUIZ DE DIREITO
Flávio Joaquim Bogalhão do Cazal

O Escrivão Adjunto
António Manuel A.P. Correia

«DL» 2.ª Pub — 12/6/90





Que pensaria Marx deste aperto de mão entre Gorbachev e Bush? Pensaria alguma coisa — diferentemente dos pós-leninistas quase todos

A «Seara» e a «Ideia» às voltas com o socialismo

Duas revistas portuguesas de ideias tratam, nos seus últimos números, o tema do momento: a crise do «socialismo real. A «Seara Nova», bimestral, dedica toda as suas páginas à convulsão deste fim de século, apresentando uma mesa-redonda em que participaram António Mendonça, Carlos Bastien, Elivan Ribeiro, Mário Murteira, Octávio Teixeira, Roque Amaro e Sérgio Ribeiro. Uma frase do primeiro, estimulante da leitura desta «Seara»: «Podemos estar a caminhar para uma situação paradoxal que é a de a esquerda ser mais forte no Ocidente do que nos países do antigo 'socialismo real'». A «Ideia», revista libertária agora dirigida por Miguel Serras Pereira, que substitui João Freire, na nova fase da publicação, marcada por «um intenso debate interno sobre as perspectivas e critérios que devem caracterizar uma intervenção libertária na sociedade actual», publica um *dossier* acerca da crise do «socialismo real, em que escrevem José Barreto, João Martins Pereira, João Bernardo, Júlio Henriques (com um texto excelente sobre a linguagem política), e Mikhail Agursky. Outros temas: «A revolução e o nosso tempo», por Nico Berti, e «Democracia e projecto libertário», por Miguel Serras Pereira. Duas páginas de Eugénio de Andrade sobre um gato chamado «Bibi» ou «Sereia do Báltico», e notas de leitura completam este número da «Ideia», que sai todos os seis meses.

J.P.O.

Mário Soares sensível à criação de Alto Comissariado para Timor

Mário Soares vai efectuar diligências no sentido de ser criado um Alto Comissariado para Timor, correspondendo a uma proposta nesse sentido feita ontem no Porto pelos professores universitários Alberto Amaral e Barbedo de Magalhães.

Os dois catedráticos da Universidade do Porto deram assim sequência às conclusões das II Jornadas de Timor, organizadas em Abril, que admitiam como alternativa a criação de um secretariado para os assuntos do território, a funcionar na dependência do Governo. Amaral e Magalhães revelaram ainda ter sugerido Soares a criação de uma fundação luso-timorense, com o objectivo de aproximar as duas culturas.

Rui Vasco

Soares nos Açores: estatuto autonómico aguarda que a Assembleia da República conclua a sua revisão

Entretanto, o Presidente deverá estar, à hora a que fechamos esta edição, a almoçar com Francisco Silva Torres, um jovem economista de 31 anos que acaba de ser distinguido com o «Prémio Mário Soares», pela obra intitulada «Portugal, the european monetary system at 1992. Stabilization and liberalization».

Licenciado pela Universidade Católica, é mestre de Economia pela Nova e «research fellow» do Centro de Estudos Sobre Políticas Europeias. O prémio, por um trabalho que culmina uma investigação de carácter macro económico sobre a integração de Portugal na CEE, tem o valor de 500 contos e envolve um estágio profissional de seis semanas em Bruxelas, dotado de um subsídio adicional de 1 500 ECUS. Mereceu a unanimidade do júri, constituído por Ernâni Lopes (presidente), Rui Machete, António Marta, Jaime Gama e, em representação de Soares, José Amaral.

Soares sexta nos Açores

O Presidente da República parte da próxima sexta-feira para os Açores, a fim de inaugurar o novo edifício da Assembleia Regional, na Horta. A importância do acto, que o presidente do órgão, Reis Leite, caracteriza como «importante etapa na longa caminhada da região pela afirmação de uma identidade», sai de certo modo afectada pelo facto de Soares não estar em condições de anunciar a promulgação do diploma relativo à segunda revisão do estatuto autonómico, por a Assembleia da República não ter concluído o processo a tempo.

A situação não tem, pois, comparação com a de 1986. Então, o Chefe de Estado vetou, em vésperas de visitar a Região, a primeira revisão, acentuando o clima de tensão vivido em plena «guerra das bandeiras». Posteriormente, sobretudo graças ao êxito da «Presidência Aberta» de há cerca de um ano, Mota Amaral fez as «pazes» com Soares.

A nova sede do Parlamento Regional, um moderno edifício de quatro pisos, inicialmente orçado em 400 mil contos, custou mais de um milhão. Ocupa uma área de 5 200 metros quadrados.

Uma última notícia relativa à Presidência. Ribeiro Teles substitui, a partir do próximo dia 26, Sophia de Mello Breyner Andersen no cargo de Chanceler das Ordens Nacionais - anunciou a Lusa.

Redacção «DL»

Eleições presidenciais

PSR quer candidato ambientalista

O Partido Socialista Revolucionário (PSR) vai apoiar uma candidatura «ambientalista» às próximas eleições presidenciais. O Comité Central do partido não vai apresentar um candidato próprio, mas declara «apoiar um candidato unitário, de perfil ecológico, não subordinado aos intuitos federativos do Estado ou a Macário», numa óbvia referência a Macário Correia, secretário de Estado do Ambiente. Francisco Louçã, dirigente do PSR, considera que esse candidato terá de ser alguém «capaz de coordenar a crítica à sociedade industrial e capitalista e de captar as sensibilidades de várias frentes de opinião pública, sendo essa a grande vantagem de uma candidatura ecologista».

O PSR diz não priorizar as eleições presidenciais, mas sim as legislativas. «É para essa campanha que o PSR se preparará» - acrescenta. Francisco Louçã afirma que «a relação de forças políticas entre esquerda e direita vai ser definida pela permanência ou derrota do cavaquismo e pela força das correntes críticas e combativas à esquerda». Distanciando-se claramente da eventual recandidatura de Mário Soares, o PSR esclarece que não há qualquer acordo com a candidatura de Carlos Marques. «Esse acordo não existe nem foi considerado em nenhum momento: uma candidatura que faz de um regime policial, monopartidário e cultor da imagem de Estaline o paradigma de democracia para Portugal, não traz certamente nada de novo para a esquerda entre nós» - afirma também o PSR em comunicado.

Refira-se que há uma semana foi apresentado um manifesto que pretende pugnar por uma «candidatura ambientalista autónoma» que possa congregar aqueles que, «na defesa do ambiente, querem colocar essa defesa acima das suas próprias simpatias ou preferências partidárias ou ideológicas». Subscrevem esta «candidatura ambientalista suprapartidária» Gomes Guerreiro, professor da Universidade do Algarve, o arquitecto Fernando Pessoa e o professor Delgado Domingos, entre outros.

Redacção «DL»

Direitos dos sindicalistas em destaque

PCP monopoliza hoje o plenário parlamentar

A única sessão plenária parlamentar da semana é hoje ocupada, inteiramente, com marcações do Partido Comunista: dois projectos de diploma sobre a produção leiteira e outro que visa combater a discriminação dos membros da comissões de trabalhadores, delegados e dirigentes sindicais.

Rui Vasco

Carlos Brito

Quanto à produção de leite, o Partido Comunista propõe à Assembleia medidas para defender os produtores e expandir a sua actividade, ao mesmo tempo que aditou facilidades no acesso aos financiamentos comunitários para o sector, com alterações ao decreto-lei nº 327/88, de 23 de Setembro.

Sobre os representantes dos trabalhadores e seus direitos, o Partido Comunista diz que não se colocam problemas de ordem legal, pois tais direitos estão garantidos por lei e até constitucionalizados, mas sim discriminações efectivas quanto a salários, promoções e outras regalias sociais. Essas discriminações objectivas condicionam na prática, segundo os deputados do PCP, a liberdade sindical e o direito de «organização, intervenção e participação democrática dos trabalhadores nas empresas».

Pretende o PCP, por exemplo, que os representantes eleitos dos trabalhadores não percam o direito a retribuições ligadas à assiduidade ou à produtividade porque, diz, «as faltas dadas no exercício de funções sindicais são faltas justificadas e necessárias para garantia de direitos e defesa dos outros trabalhadores».

Por outro lado e como os representantes estão, normalmente, mais expostos e sujeitos a sanções patronais, o Partido Comunista defende acertos processuais de modo a que os despedimento nestes casos só se possam efectivar «depois do trânsito em julgado de decisão que reconheça a existência de justa causa de despedimento». No mesmo sentido, este projecto de lei, de que Carlos Brito é o primeiro subscritor, restringe a possibilidade de suspensão preventiva e estabelece um mecanismo de fiscalização judicial da necessidade e legalidade da suspensão.

Finalmente, o PCP propôs à Assembleia da República -questão que, como as anteriores, vai ser hoje debatida e submetida a votos no plenário parlamentar- o controlo judicial prévio da «licitude do despedimento colectivo, ou por extinção de postos de trabalho, quando se trate de membros das comissões de trabalhadores, delegados e dirigentes sindicais».

Após a sessão plenária de hoje, a Assembleia da República só volta a reunir-se na terça-feira da próxima semana para um debate sobre a integração europeia, agendado por iniciativa do PSD.

Quarta e quinta, devido aos feriados, o Parlamento está encerrado, também não havendo sessão de sexta-feira por mor da Convenção Nacional do PRD.

Redacção «DL»

NÃO DEIXE PARA AMANHÃ O QUE PODE FAZER HOJE

ESTA SEMANA HÁ FERIADO

Entregue já os bilhetes do TOTOBOLA e do TOTOLOTO

totobola totoloto

NESTES VALE A PENA JOGAR.

Bozell Sensus

FORUM

LETRA DE FORMA

CORREIO da manhã

Do «Bilhete Postal»:

Na há hipótese. Somos um país de contestatários. Por isso, já para aí abundam as críticas à solução «5.ª via», que vai ser implementada na ponte sobre o Tejo. O principal argumento da contestação é o de aumentar o risco de acidentes sobre o tabuleiro. Ora abóbora. Se forem tomadas as precauções necessárias e se os automobilistas se conscientializarem de indispensável redução de velocidade, esse risco desaparece. E fica a vantagem de um maior escoamento entre Norte e Sul. Contestemos, mas não tanto.

12. Jun. 90

o diário

Do editorial:

Não é Fujimori um homem de esquerda, mas o facto de ter derrotado o candidato do imperialismo norte-americano, há poucos meses dado como vencedor garantido, é, em si, uma considerável derrota dos planos de Washington para a região andina.

Este fim-de-semana eleitoral não foi bom para os apóstolos da hegemonia sem limites do imperialismo em geral e dos Estados Unidos em particular.

Na Checoslováquia, os comunistas mantêm uma força considerável, capaz, se usada com sabedoria e determinação, de combater o pior da recuperação capitalista que aí vem. Na Bulgária, os comunistas - embora crismados por razões que um dia se conhecerão na íntegra - vão garantir uma maioria absoluta que, espera-se, lhes permitirá renovar e modernizar o socialismo, tornando-o mais democrático, mais participado e mais económico.

No Peru, uma estratégia regional imperialista foi derrotada. Mau dia para Washington e satélites. Bom dia para os outros.

12. Jun. 90

Diário de Notícias

De um artigo de Henrique Barrilaro Ruas:

(...) A nossa época, com todos os seus defeitos visíveis (e sobretudo os que para nós são ainda invisíveis), tem, ao menos, uma outra autenticidade. As últimas gerações (diremos que a partir do início deste século) passaram a ter uma visão mais adequada da unidade crença e vida. Talvez se vá, aqui ou além, longe de mais, destruindo o próprio terreno em que os valores espirituais normalmente frutificam, para que fique somente, na sua diamantina pureza, a pessoa humana de algum modo senhora das coisas transcendentes, ou pelo menos triunfalmente participante de um reino de luz e de paz. Mas é praticamente impossível que hoje se repita a tragédia de Camilo (o mesmo não se dirá da tragédia de Antero). Quando alguém, nos nossos dias, crê e proclama o que crê e se lança na luta por aquilo em que crê, há, por detrás dessa afirmação e dessa luta, uma coerência. Não é próprio do nosso tempo o divórcio entre a fé e a vida. (...)

11. Jun. 90

PÚBLICO

De um artigo de Adriano Moreira:

(...) Temos admitido que a identidade portuguesa não sofreu quebra, em face dos novos desafios, que todavia têm poder erusivo. Parece razoável, ao menos para neutralizar este, confiar na valorização da vertente atlântica, em que se inscreve a redefinição da relação com o Brasil, a construção de um novo modelo de convívio político na vasta área de expressão oficial portuguesa, e a maior parte das comunidades de origem portuguesa ou de filiação cultural portuguesa, a nação peregrina em terra alheia: mas tudo é função da coesão nacional, esta da solidariedade dos portugueses, e finalmente da consciência e decisão assumidas pelos portugueses para aceitar os objectivos e os riscos, as vantagens e as renúncias. Os portugueses que vivem dentro e os que vivem fora das fronteiras geográficas, apoiados pelos que descendem de portugueses ou estão vinculados à cultura portuguesa em todas as partidas do mundo.

Mas esta decisão, antes de ser um acto de responsabilidade dos órgãos de soberania, tem de corresponder a uma mobilização cultural que se inscreva coerentemente na maneira portuguesa de estar no mundo. As revoluções políticas fazem-se em tempo acelerado, e as culturais em tempo demorado. É por isso que não pode deixar-se correr vazio o tempo do debate para o qual os portugueses foram convocados.

11. Jun. 90

O Poder Popular Revisitado (2)

OS MILITARES E O ESTADO

Por Artur Castro Neves

Na primeira parte deste artigo anunciámos o propósito de *revisitar* o Poder Popular em Portugal nos anos de 1974 a 1976, numa perspectiva teórica de fazer significar a sua acção instituinte.

Descrevemos a irrupção do Poder Popular, enunciando a «lógica processual» criada com a intervenção das massas.

O golpe de Estado de 25 de Abril de 1974 foi um golpe militar e resultou do papel que o Exército português foi assumindo na vida política nacional, em virtude da prossecução da guerra colonial em África. É, assim, natural que este papel interventor estivesse no centro dos acontecimentos que se seguiram imediatamente ao golpe de Estado. Um dos fenómenos determinantes que vai tomando forma até meados de 1975 é a progressiva tomada de consciência do núcleo do MFA como grupo dirigente da sociedade portuguesa. A evolução constituinte deste grupo é, aliás, bastante significativa: 1 - Movimento dos Capitães; 2 - Movimento das Forças Armadas; 3 - Comissão dos 20; 4 - Assembleia dos 200; 5 - MFA (institucionalizado).

Durante os onze anos de guerra colonial, se bem que o Exército se tenha inequivocamente iniciado nas tarefas de direcção e gestão económica e social, o aparelho militar sempre se encontrou sob o controlo do corpo dos oficiais-generais e, em última instância, do poder político. Quando os capitães, inspirados pelos generais (à cabeça dos quais os actuais marechais Costa Gomes e Spínola), provocaram a queda do regime, pretendiam em primeiro lugar acabar com uma guerra que perdera sentido. A partir do 28 de Setembro, com a queda do general Spínola, este grupo começou a exercer funções políticas nacionais e tomou consciência da sua força enquanto grupo dirigiente do Exército; tomada de consciência que iria, por sua vez, acelerar o processo de estatização e agravar a rivalidade entre estes oficiais «progressistas» e o corpo dos oficiais-generais.

A estatização da economia tomou duas orientações sucessivas: uma socialização próxima da social-democracia e uma nacionalização radical. Num primeiro tempo, que corresponde à apresentação do Plano Económico do major Melo Antunes, decidem-se uma série de nacionalizações, reservando-se um lugar importante ao sector privado e respeitando a capacidade de investimento dos principais grupos económicos e financeiros.

Todavia, dois factores deterioram a situação e comprometem o equilíbrio prosseguido: um, de ordem militar, consistiu no afastamento dos generais «conservadores», provocando o desmantelamento da antiga estrutura de comando, em benefício do contingente e de um aglomerado de corpos de elite. Esta transformação propiciou a vocação nacional dos jovens capitães, as nacionalizações e também a arbitragem autoritária dos conflitos sociais. O segundo factor, de ordem social, consistiu no movimento de ocupações das fábricas pelos operários que se viam sem direcção (os patrões estando presos, fugidos, ou simplesmente incapazes de assegurar os novos salários). As nacionalizações, neste contexto, representavam também, por parte do Governo, uma tentativa de manter o controlo sobre uma situação económica e social que evoluía para formas autogestionárias.

Esta resposta impôs-se de uma forma generalizada, porquanto respondia a interesses convergentes de vários grupos em presença: interesse imediato dos trabalhadores das fábricas ameaçadas de falência; interesse político dos dirigentes sindicalistas das grandes empresas privadas, que viam aumentar o seu poder de intervenção na gestão; interesse «particular» de certos grupos monopolistas; interesse tecnocrático dos pequenos partidos de esquerda... As nacionalizações corresponderam a uma complementaridade de interesses e objectivos, desde as necessidades imediatas de largas camadas da população, até à necessidade de definir uma estratégia forte para fazer frente à crise social. Paralelamente o movimento de ocupação das casas vazias, seguido da criação das célebres «comissões de moradores», produziu um clima de instabilidade, obrigando os jovens oficiais a «assumir as suas responsabilidades». Era o preço da confiança desconfiada das «massas», cujo *slogan* «O Povo está com o MFA, se o MFA estiver com o Povo», é, a todos os títulos, revelador.

Mas, a 11 de Março de 1975, a situação política ia ser novamente alterada. Aproveitando-se de uma série de movimentos incontrolados de elementos «spinolistas» descontrolados, o MFA provocou um verdadeiro golpe de Estado preventivo e tomou uma série de medidas autoritárias que precipitou uma nova fase que designaremos de capitalismo burocrático: 1 - criação de um Conselho de Revolução, sob o controlo do MFA; 2 - nacionalização do sector bancário e dos seguros; 3 - constituição de uma equipa económica de extrema-esquerda, encarregada do rápido desmantelamento dos principais grupos económicos nacionais. É a segunda fase do processo de estatização. O Plano Económico de Melo Antunes fica ultrapassado. É difícil definir este regime *provisório*. Por um lado, um poder reforçado de jovens oficiais e tecnocratas e um aparelho de Estado melhor estruturado; por outro, as «massas» relativamente bem organizadas e, sobretudo, sem qualquer enquadramento partidário, burocrático ou social-democrático. Entre os dois: nada.

Poder-se-á conceber um tal equilíbrio social?

Na altura, servimo-nos da expressão «*regime capitalista degenerado*» para descrever uma situação em que se podiam observar, de um lado, os trabalhadores e, do outro, uma nova classe exploradora (eu diria, hoje, «dirigente»). Situação particular: enquanto os trabalhadores se esforçavam por prosseguir o desmantelamento do sistema capitalista de exploração, os gestores do capital preocupavam-se em encontrar uma mediação institucional.

É nessa altura (e ainda hoje, retrospectivamente) que surge a explicação do *complot* comunista.

Não se julgue que esta se deve apenas à falta de informação, à preguiça intelectual ou à má-fé política. É, com efeito, teoricamente difícil encarar uma situação pré-institucional, e interpretar a sua evolução em função de um poder instituinte e não constituinte. (Manuel Lucena, um lúcido analista, dizia, na altura, corajosamente, que a ideia autogestionária em Portugal era provinciana e louca.)

A estratégia de tomada do poder pelo Partido Comunista Português tem uma explicação que não é golpista.

A seguir ao golpe de Estado de 1974, o PCP aceitou desempenhar o papel que lhe coube no quadro do regime que a Junta de Salvação Nacional tentou instaurar; o papel de «representante legítimo» e «direcção» eficaz das massas trabalhadoras, no interior de uma «ditadura pluripartidária». O PCP tentou representar este papel com honestidade (pelo menos igual à dos seus parceiros): tentou, em prejuízo da sua popularidade, parar o movimento grevista, o movimento autogestionário e o movimento das ocupações. Infrutuosamente. A seguir a 28 de Setembro de 1974, com a ultrapassagem histórica do capitalismo dos monopólios privados, seria irracional da sua parte prosseguir num jogo social-democrata.

O Partido Comunista já tinha perdido a confiança das massas, que se haviam afastado dele para se apoiarem em grupos esquerdistas, e também dos jovens oficiais mais dinâmicos que as ajudavam e protegiam.

O PCP decidiu então agir em função da nova situação e partiu ao assalto do aparelho de Estado, apoiando totalmente o MFA, aderindo aos movimentos de massa e tentando tirar o máximo benefício político. O sucesso desta estratégia foi rápido, e assistiu-se à tomada da quase totalidade do aparelho institucional, económico, político e policial do País.

A sua relação com os militares enfrentou, no entanto, alguns problemas. Estes sentiam como que uma asfixia crescente. Logo a seguir ao 11 de Março de 1975, o PCP tudo fez para adiar as eleições para a Assembleia Constituinte. Prometidas há muito como garantia da democratização do Estado, o MFA decidiu mantê-las.

Os resultados destas eleições tiveram três consequências: em primeiro lugar, consagram o Partido Socialista como primeiro partido político nacional, urbano e operário; em segundo lugar, o PCP, obtendo menos de 10 por cento dos sufrágios, perdeu o carisma nacional e dirigente; em terceiro lugar, a rivalidade entre o PS e o PCP permitiu ao MFA distanciar-se deste e reforçar uma posição de árbitro.

Próximo artigo:
«O Cerco das Legitimidades»

MODESTOS CONSELHOS PARA NÃO SE DIZER «EXACTO»

Pensamento número 1 - Para o êxito da rubrica «Esperemos que eu me desenrasque» contribuiu, para além do genuíno prazer pela comicidade dos textos, o entusiasmo que se sente quando uma pessoa simples, em modos até desajeitados, diz uma grande verdade. Recentemente, o filósofo americano Daniel Denett contava-me que, no início da sua carreira, dera por si a ensinar a filosofia pré-socrática, na Universidade da Califórnia, a rapazes tão longe da tradição clássica europeia quanto um aborígene australiano. Mas, no fim do ano, uma das alunas tinha-lhe entregue esta síntese: «Parmenides says that only one thing exists, and I am not it». Isto é: «Parménides disse que só uma coisa existe, e eu não sou essa coisa.» Creio que nunca ninguém sintetizou o drama metafísico de Parménides com tanta exactidão e profundidade: vibra nestas poucas e lúcidas palavras todo o desespero do indivíduo arrastado pela dança do múltiplo e irremediavelmente separado da plenitude do Ser.

Nós esperamos sempre desenrascar-nos mas são, às vezes, os simples que têm um acesso directo ao reino dos céus.

Pensamento número 2 - No entanto, de vez em quando, até os simples exageram e o reino dos céus não é nenhum voo *charter*. Exacerba-se - e recordei-o aqui há umas semanas - a batalha contra os estereótipos que invadem a língua italiana comum. Um deles, como é sabido, é o emprego da palavra «exacto» quando queremos comunicar o nosso consentimento. O uso deste termo foi encorajado pelos primeiros jogos televisivos onde, para se assinalar a resposta certa, se traduzia directamente do americano «that's right» ou «that's correct». Portanto, não existe nada fundamentalmente inexacto em dizer «exacto», salvo que, quem o pronuncia demonstra ter aprendido o italiano só pela televisão. Dizer «exacto» é como ostentar a cada passo uma enciclopédia que acaba de ser oferecida como prémio a quem adquiriu um determinado detergente.

Para vir ao encontro dos que querem libertar-se do «exacto», eis uma lista de perguntas ou alegações às quais se responde hoje com a palavra «exacto» e, entre parêntesis, a solução alternativa:

Napoleão morreu no dia 5 de Maio de 1821 (certo!). Desculpe, é esta a Praça Garibaldi? (Sim). Está lá? Falo com Mario Rossi? (Quem fala, por favor?). Estou? Sou Mario Bianchi; estou a falar com o sr. Mario Rossi? (Sim, sou eu. Diga) Então devo-lhe ainda dez mil liras? (Sim, dez mil). O sr. dr. disse SIDA? (É verdade, infelizmente). O sr. está a telefonar para o programa «Quem o Viu» para assinalar que encontrou a pessoa desaparecida? (Como é que adivinhou?!) Polícia: O senhor chama-se Mario Rossi? (Carla, esconde a maleta!). Mas, então, não trazes cuecas?! (Finalmente deste por isso!). Está a dizer-me que quer dez milhões pelo resgate? (E como quer que eu pague o telefone do automóvel se for «não»?). Se bem entendo, assinaste um cheque de dez milhões, sem cobertura, e deste o meu nome como garantia?! (Admiro a tua perspicácia!). Já fecharam o embarque? (Vê ali aquele pontinho no céu?). O sr. está a dizer-me que eu sou um pulha! (Acertou em cheio).

Em suma, dir-me-eis: você está a aconselhar-nos a nunca dizermos «exacto»? Exacto.

Pensamento número 3 — Creio que sucede a muitos que, como eu, pelo facto de escreverem livros ou artigos, são considerados portadores de opiniões interessantes. Libertam Nelson Mandela e o jornalista telefona: «Quer dar-me as suas impressões sobre este acontecimento?» Que é que esperam? Que eu responda que estou a espumar de raiva, pois é minha opinião que os autóctones sul-africanos devem ser todos encostados à parede? «Pode dizer-me alguma coisa sobre a morte de Greta Garbo?» Que espera inconscientemente o inquiridor? Que eu responda: «Cadela desavergonhada, se não tivesse morrido estrangulava-a eu!»? Não ficamos por aqui: «Que pensa sobre o facto de o pequeno Pierino ter sido libertado do sequestro?» Só dava notícia se respondesse: «É uma infelicidade; eu sempre disse que as crianças devem ser mortas logo à nascença.»

Umberto Eco

E, no entanto, respondemos — quase envergonhados pelo óbvio dos nossos sentimentos — que exultámos com a libertação de Mandela, que a Garbo foi um admirável mito do nosso século, que, finalmente, se abre uma réstia de esperança na luta contra os sequestros. Então o entrevistador, desiludido, responde: «Mas não poderá responder de uma maneira, como dizer, mais original?»

Exclusivo L'Espresso/«DL»

(Trad. de Manuela Ferreira de Almeida)

A VIDA PRIVADA DELES?

Diz uma conhecida jornalista francesa, comentando a correria que é a vida das mulheres com uma carreira, ou «super-mulheres» como ela lhes chama, que estas conseguiram t-u-d-o, só lhes falta... uma esposa! A frase caricatura uma questão banal, que é sempre colocada às mulheres e só a elas, a saber «como é que concilia?». A resposta mais honesta será dizer que não se concilia, vai-se optando.

O mesmo problema não se coloca, normalmente, aos homens, porque ao fim e ao cabo há-de haver sempre alguém — mulher, mãe, companheira, irmã — que acaba por assegurar o bom funcionamento do lado doméstico da vida. Ora a questão hoje já não pode colocar-se em termos de discutir quem lava a loiça ou quem leva os meninos à consulta. As mulheres têm perfeita consciência do desgaste de tempo e de cabeça que a acumulação de tarefas implica. Mas também já lhes falta a paciência para andar sempre a fazer «pedagogia organizativa» junto do homem com quem partilham quarto e copo de dentes...

O que acontece é que começamos a colocar as questões doutro modo.

A vida privada não se confina nem se esgota nas questões da gestão prática. Vida privada é também o tempo de que precisamos — e que pode ser prioritário sobre todos os outros — para dar largas à nossa necessidade de afecto, de fruição cultural, de cuidados com o nosso físico ou, simplesmente, de convívio ou descanso.

Entre o tempo que consumimos em transportes, no emprego, na intendência e nas mil e uma pequenas chatices que a vida urbana em Portugal nos acarreta, constatamos que quase não sobra nada para tudo o resto. Apetece perguntar, como o fazia a minha amiga Dina Sfat, «então e o prazer?».

Por isso andamos sempre esbaforidas. Como é que ainda havemos de arranjar, no meio disto tudo, tempo para sermos cidadãs em parte inteira, com responsabilidades políticas, sindicais, sociais, associativas? A que horas do dia ou da noite nos é permitido ser militantes?

É óbvio que o problema também se coloca aos homens. Mas temos tido diferentes prioridades, no geral. Por nada deste mundo estão as mulheres dispostas a prescindir do lado pessoal e sentimental das suas vidas em função de carreiras ou militâncias. As que o fazem não são para nós senão retratos do que não queremos. Ora a vida social portuguesa está de tal modo organizada que só com serões e fins-de-semana é que se pode cumprir a dimensão cívica da nossa existência, em imediato prejuízo da tal esfera do privado que deveria ser respeitada. E se muitos homens aceitam esta organização do tempo como necessária, logo normal, a esmagadora maioria das mulheres não só mão pode, como não quer, inverter prioridades a ponto de sacrificar o espaço de que precisa para a sua vida pessoal. Viver os nossos sentimentos íntimos requer tempo, porque os sentimentos são plantas frágeis que precisam de atenções e de energias.

O que está em causa, repito, não é uma espécie de reciclagem masculina com direito a mestrado em questões domésticas. O que pretendemos é alterar a organização social do nosso tempo, flexibilizando-a e introduzindo novos critérios de prioridade, que tornem menos inibitória a participação das pessoas que se prezam de ter uma vida tridimensional — cívica, profissional e privada — nas diferentes esferas de acção que nos solicitam.

Prescindir de qualquer destas dimensões é aceitar um modo de vida profundamente redutor da nossa realização pessoal.

Em Itália, o Parlamento está a pôr o dedo no fundo da questão, discutindo a necessidade de alterar a legislação sobre os horários e sistemas de funcionamento das instituições por forma a garantir o direito ao tempo para a vida privada.

Helena Roseta

Direito que entendemos deve ser estendido a todos, mulheres e homens, como componente essencial do direito à felicidade nas sociedades modernas. Transformar os quadros empresariais ou os líderes políticos numa espécie de «zombies» inacessíveis ao comum dos mortais, é uma pura insensatez dum ponto de vista simplesmente humano.

É por tudo isso que devemos interrogar-nos sobre o espaço que ocupa, entre os homens, a sua vida privada, com tudo o que ela implica de tempo, disponibilidade, prioridades e atenção. Coisas tão simples como preparar uma refeição, tratar duma pessoa doente, brincar com uma criança ou mesmo namorar podem e devem ser actividades comuns, acessíveis a todos, com a carga de generosidade ou alegria que podem proporcionar.

A vida não se esgota nos modelos e carreiras que nos têm sido propostos como imagens de «sucesso», mas que devastam o nosso tempo, esse bem precioso e fugitivo que a cada um cabe saber gerir com o máximo de talento. Ninguém nos dará por acréscimo, se constantemente adiarmos na nossa vida as horas do privado, aquela harmonia interior que procuramos e sem a qual não há verdadeira felicidade.

INTERNACIONAL

Moscovo quer quebrar impasse

Líder do Kremlin vai reunir-se com Presidentes do Báltico

O Governo soviético concordou em negociar com a Lituânia na base da oferta de Vilna de congelar as leis promulgadas na sequência da proclamação da independência, a 11 de Março, afirmou um funcionário lituano. Alguimantas Tchekuolis declarou que o primeiro-ministro soviético Nikolai Rizhkov disse à primeira-ministra lituana, Kazimiera Prunskiene que o Kremlin, que anteriormente afastara a realização de negociações sem que a própria declaração fosse suspensa, estava pronto para negociar.

Por outro lado, o Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, concordou em reunir-se com os Presidentes das três repúblicas bálticas para discutir as declarações de independência decretadas naqueles territórios, foi anunciado em Moscovo.

O encontro entre o chefe do Kremlin com os líderes está agendado para hoje, depois de uma reunião do Conselho da Federação, um novo órgão consultivo presidencial, segundo os porta-vozes dos Parlamentos da Lituânia e da Letónia.

Será a primeira vez que Gorbachev terá uma reunião em conjunto com os Presidentes da Lituânia, Letónia e Estónia, desde que estas repúblicas declararam unilateralmente a sua independência da União Soviética.

Esta nova iniciativa diplomática poderá significar o desejo do Kremlin de quebrar o impasse que se regista na situação política das repúblicas bálticas.

Os três Presidentes formaram o mês passado uma frente unida destinada a conduzir com mais eficácia a sua luta para restabelecer a independência dos Estados bálticos, anexados por José Estaline em 1940 e, ao mesmo tempo, das mais peso às suas pretensões junto de Moscovo.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Condição de Moscovo é que as duas alianças militares se transformarem em organizações políticas

Gorbachev admite hipótese de Alemanha unida na NATO

Os aspectos externos da unificação alemã continuam a ser o «leitmotiv» da alta diplomacia da actualidade. O dia de ontem foi assinalado com dois encontros importantes , um em Washington, entre o presidente norte-americano, George Bush, e primeiro -ministro alemão democrático, Lothar de Maizière, e um outro em Brest, cidade da Bierlorússia junto da fronteira polaca, entre o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Eduard Shevardnaze, e o seu homólogo alemão federal, Hans-Dietrich Genscher.

Na Escócia, reuniram-se também os chefes da diplomacia dos países membros da NATO para analisarem uma proposta de nove pontos do secretário de Estado norte-americano, James Baker, para fazer face às exigências soviéticas quanto à questão alemã. Em Moscovo, hoje de manhã, num discurso proferido diante o Soviete Supremo (Parlamento soviético), Mikhail Gorbachev, considerou a inclusão da Alemanha unida na NATO na perspectiva de haver uma evolução das aliança militares para organizações de tipo político.

Assim, os encontros e declarações entre as vedetas da política internacional sucedem-se a um ritmo acelerado, o que por um lado leva a crer que uma eventual solução não estará longe e, por outro, que o desarcordo sobre esta questão na ultima cimeira entre as duas superpotências só poderá ser resolvido com o aval da RFA.

Os aspectos económicos

Recorde-se que o principal obstáculo ao entendimento entre soviéticos e ocidentais é a exigência de que a Alemanha unida faça parte da NATO.

Em Brest e em Washington o principal tema na agenda foi pois o futuro estatuto militar da Alemanha, mas nesta fase adiantada das negociações a principal preocupação dos ocidentais reside em decidir quais os passos a dar pela NATO para persuadir Moscovo a aceitar uma vez por todas a «transferência» de blocos militares da RDA.

Esta «transferência» reveste-se essencialmente de dois aspectos que são distintos mas estão estreitamente ligados entre si. Por um lado a URSS, em carência segundo observadores de 20 mil milhões de dólares para reestruturar a sua economia, não está disposta a «perder» na questão alemã sem, em troca receber uma ajuda financeira elevada. Quem deverá pagar a factura é a RFA e, embora Genscher afirme que a unidade alemã não é uma questão de «cifrões», tudo leva a crer que, uma vez mais, o sétimo encontro em seis meses entre os chefes da diplomacia alemã e soviética tenha servido para limar as arestas da conta apresentada pelos soviéticos.

Por outro lado, em Washington e na Escócia, os responsáveis políticos ocidentais debrunçam-se sobre o segundo aspecto da questão. A União soviética só esta disposta a «fazer negócio» com o Ocidente se, simultaneamente, a NATO operar uma transformação fundamental da sua estratégia. Assim, no seu discurso de hoje Gorbachev disse que o Pacto de Varsóvia, na reunião da semana passada, tinha tomado decisões importantes no sentido de tornar a aliança militar numa aliança política, sendo agora a vez da NATO de operar uma transformação semelhante.

Redacção «DL»/AFP

B R E V E S

Combates em Angola

Num comunicado ontem distribuído em Lisboa, a UNITA denunciou «uma grande ofensiva» das FAPLA em quatro províncias do norte de Angola, Bengo, Kuanza Norte, Uíge e Malanje, cujo «objectivo final» seria «neutralizar a existência da guerra à volta de Luanda». A nota, subscrita por Zacarias Mundombe, afirma ainda que o movimento rebelde matou 12 soldados e destruíu diversos veículos, num ataque desencadeado no sábado contra uma coluna de abastecimento das FAPLA na frente de Caiundo, sudoeste do país, em que sofreu dois mortos e quatro feridos.

Irão-Contras leva Poindexter à prisão

Por mentir ao Congresso dos EUA, obstruir o trabalho dos investigadores e tentar encobrir as vendas secretas de armas ao Irão e o desvio dos fundos obtidos para os «contra» da Nicarágua, o antigo conselheiro de Segurança de Ronald Reagan, almirante John Poindexter, foi ontem condenado a seis meses de prisão por um tribunal norte-americano. Poindexter , que tem dez dias para recorrer, foi o primeiro sentenciado do escândalo Irão-Contras, denunciado em Novembro de 1986.

LISGRÁFICA — IMPRESSÃO E ARTES GRÁFICAS, S.A.
Sede: Casal de Santa Leopoldina — Queluz de Baixo
Capital Social: 900 000 000$00
Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Oeiras sob o n.º 2148
Contribuinte n.º 500166587

OBRIGAÇÕES LISGRÁFICA/87

Pagamento de juros — Cupão n.º 5

Avisam-se os senhores subscritores que a partir do dia 30 de Junho de 1990 se encontra a pagamento o cupão n.º 5 aos balcões do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Juro líquido .....81$25

Lisboa, 11 de Junho de 1990

O Conselho de Administração,
(assinatura ilegível)

Manifestantes, gritando palavras de ordem contra o Governo romeno, frente a um cordão policial que guarda a entrada do eficídio governamental

Após negociações com o governo romeno

Grevistas da fome à espera de Iliescu

Pela primeira vez uma delegação dos contestatários, que há mais de 51 dias ocupam a Praça da Universidade, em Bucareste, foram recebidos pelo Governo romeno. Da delegação recebida ontem, por quatro representantes do Governo, faziam parte três representantes dos grevistas da fome e seis das associações que estão na origem da ocupação daquele local público.

No começo do movimento contestatário da Praça da Universidade, baptizada agora «zona livre do comunismo», os manifestantes pediam o afastamento dos cargos de todos os antigos quadros do regime comunista e uma «verdadeira democratização». Ontem, porém, e vistos os resultados das eleições que deram a vitória à Frente de Salvação Nacional, os representantes pediram e obtiveram, chegando a assinar um acordo com o Governo, a criação de um canal de televisão «livre e independente».

Enquanto decorriam as conversações entre os manifestantes e o Governo, algumas centenas de apoiantes, entretanto chegados da «zona livre do comunismo», manifestaram-se à frente do palácio do Governo, gritando *slogans* contra a Frente de Salvação Nacional. Imediatamente a polícia interveio formando filas à frente dos manifestantes para os conter, tendo chegado a haver reforços constituídos por seis autotanques e cerca de 250 soldados. Mas não se chegou a registar nenhum incidente e os únicos assaltos dignos de nota foram os das dezenas de crianças que, agitando a bandeira furada, símbolo da revolução romena, treparam os blindados da polícia, obrigando-os a parar.

À noite, a manifestação dispersou-se pacificamente, apesar de o Governo ter declarado, numa nota distribuida à Imprensa, que os manifestantes tinham agredido fisicamente a polícia e tomado da assalto o palácio do Governo, estando este «firmemente decidido a tratar toda a acção violenta e ilegal como aquela que ocorreu na Praça da Vitória, do mesmo modo que as outras», ou seja «segundo o espírito das leis e os interesses daqueles que verdadeiramente querem o diálogo e a calma».

Por seu lado, os grevistas da fome afirmaram que só poriam termo à sua acção no exacto momento em que a autorização para a criação da estação de televisão for dada.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Fundamentalistas ameaçam descer à rua se perderem

Primeiras eleições multipartidárias decorrem hoje na Argélia

Decorrem hoje na Argélia, a nível municipal e regional, as primeiras eleições livres desde a independência da antiga colónia francesa, há 28 anos, após uma campanha eleitoral tumultuosa, disputada por 11 partidos concorrentes.

Mais de 13 milhões de eleitores, maiores de 18 anos, de entre uma população de 22 milhões de habitantes, são chamados a eleger 15.000 autarcas em todo o país.

Cerca de 10 mil candidatos estão em competição para as assembleias comunais (APC - conselhos municipais) e 16 mil para as assembleias populares de «wilaya» (conselhos regionais).

Mais de 200 jornalistas nacionais e estrangeiros encontram-se em Argel para assistir a estas eleições históricas e para eles o Ministério do Interior transformou em sala de Imprensa o edifício Ibn Khaldoun.

A Frente de Libertação Nacional (FLN) - que adoptou a designação de partido - no poder desde a independência a 5 de Julho de 1962, é considerada nos meios políticos como a força vencedora, apesar da crise económica e do aumento da miséria e do desemprego.

Dois funcionários municipais argelinos junto das urnas de voto durante os preparativos para as eleições livres de hoje

Fundamentalistas em ascensão

O principal partido da oposição é Frente Islâmica de Salvação (FIS), grupo fundamentalista em ascensão num país de 98 por cento de muçulmanos, liderada por Abbas Mandani, e que ontem ameaçou descer à rua se não obtiver «pelo menos 75 por cento dos votos», quando os analistas lhe prevêem cerca de 30 por cento.

A FLN e a FIS são os únicos partidos que apresentam candidatos às 45 províncias da Argélia.

Além destes dois partidos, disputam também estas eleições a Frente das Forças Socialistas (FFS), liderada por Hocine Ait Ahmed, o Movimento para a Democracia na Argélia (MDA), do ex-Presidente Ben Bella, o Partido Social Democrata, do advogado Abderreman Adyerid e o Partido Nacional para Solidariedade e Desenvolvimento, de Rabah Bencherif.

Concorrem ainda a Frente de Renovação Nacional, de Mohammed Zin Charifi, o Partido Social Liberal, a União pela Cultura e Democracia e Partido Argelino do Homem Capital.

As 42 mil assembleias de voto abriram às oito horas da manhã e encerram às 19 horas e o trabalho da comissão eleitoral deve terminar 48 horas após o fecho das urnas.

Segundo a nova lei eleitoral, o resultado definitivo será proclamado pelo Conselho Constitucional no domingo, 17 de Junho.

Lusa

Quadros moçambicanos no exterior

Congresso em Lisboa marcado para Outubro

Elementos do Movimento para a Paz e Democracia em Moçambique (MPDM) e a Associação Pro-Cívica Moçambicana anunciaram a realização de um congresso em Lisboa com o objectivo de criar um espaço de diálogo entre quadros moçambicanos. No congresso previsto para 12 a 14 de Outubro estão asseguradas as presenças, além dos elementos das duas associações arganizadoras, de praticamente todas as sensibilidades políticas daquele país africano.

Entre os nomes que constam da lista de convidados destacam-se os nomes do Presidente da República e do primeiro ministro e de várias outras entidades portuguesas, bem como de representantes do Governo moçambicano e movimentos como a Renamo, Unamo, Monamo, Fumo e Conimo, e as igrejas do país. Bispos moçambicanos, nomeadamente, vão ser convidados a visitar Portugal e a participar no Congresso dos Quadros Moçambicanos no Exterior.

Nesse âmbito, disse Antonio Rebelo de Sousa, um dos impulsionadores do MPDM, vão ser estabelecidos protocolos com universidades portuguesas para a elaboração de cursos de formação para quadros moçambicanos. No congresso de Outubro, em Lisboa, «pretende-se chegar a consensos, identificar e inventariar as várias vertentes da situação moçambicana, desde a actual conjuntura económica à situação política, não escamoteando o facto da existência de um conflito armado interno», afirmou ainda o representante do MPDM.

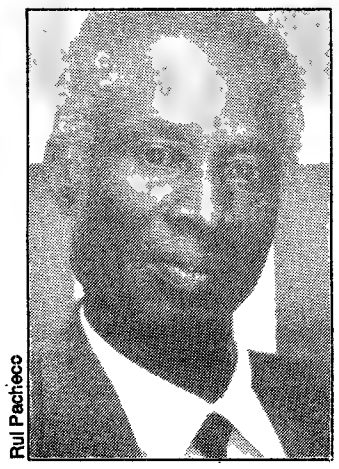
Entretanto no seguimento das acções empreendidas pela presidência moçambicana iniciam-se hoje, no Malawi, as conversações directas entre delegações do governo de Moçambique e da Renamo.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Opositor a Pinto da Costa regressa a São Tomé

Albertino Neto, Presidente da Coligação Democrática de Oposição de São Tomé e Príncipe (CDOSTP), regressa hoje ao seu país depois de sete anos de exílio em Portugal.

Albertino Neto, 53 anos, desloca-se a São Tomé para uma visita de cerca de 15 dias, «para analisar a situação interna no país», afirmaram ao DL fontes daquela coligação. Entre os principais aspectos que irão dominar a deslocação do Líder da CDOSTP destaca-se a escolha de um candidato a apoiar nas próximas eleições presidênciais em São Tomé e Príncipe. A coligação, que surge da convergência de várias correntes de oposição ao regime, mantém-se numa posição de distanciamento em relação aos três principais candidatos que neste momento já revelaram a intenção de se candidatar às eleições presidênciais em São Tomé e Príncipe: o actual Presidente são-tomense Pinto da Costa, Miguel Trovoada, exilado em França, e Guadalupe de Ceita apoiado por alguns elementos do chamado Grupo de Reflexão, formado essencialmente por quadros nacionais. Esta atitude, segundo ainda fontes da CDOSTP, deve-se ao facto de nenhum dos candidatos ter apresentado o seu programa eleitoral. No passado mês de Abril a cologação reuniu-se com Miguel Trovoada, em Lisboa, e apresentou-lhe uma base negocial para o apoio à sua candidatura.



Rui Pacheco

Albertino Neto, líder da CDOSTP

Fim da crise em Israel

Shamir forma Governo com extrema-direita

Cedências do primeiro-ministro Yitzhak Shamir a partidos religiosos, à extrema-direita e à ala dura do Likud, estão na origem do novo Governo israelita que ontem foi aprovado no Knesset (parlamento) de 120 lugares, com 62 votos a favor, 57 contra e uma abstenção. O novo Gabinete vem pôr termo a uma crise que desde Março abalou Israel, num momento em que enfrenta questões como a emigração de judeus soviéticos para os territórios ocupados e a proposta de paz do secretário de Estado norte-americano, James Baker.

Até à última hora esteve em dúvida a apresentação do Governo no Knesset, já que Shamir dizia que só o faria quando tivesse a maioria assegurada. Para tal teve que se envolver em complexas negociações de que resultou o Executivo mais à direita da história de Israel e que dificilmente conseguirá encaminhar um diálogo com os árabes para a paz na região.

Após ter conseguido o apoio de partidos de extrema-direita como o Tsomet e Téhya, que ficam com os Ministérios da Agricultura e das Ciências e Energia, respectivamente, e dos judeus sefarditas (de origem ibérica e norte-africana) do ultra-ortodoxo Shass, que, por sua vez recebem as pastas do Interior, Comunicações e Integração, Shamir teve que resolver um inesperado descontentamento no interior do próprio Likud, em que judeus askenazi (com origem na Europa Central) e alas mais liberais discordaram da composição do novo Executivo. A ala mais dura do Likud ficou com os Ministérios do Habitat (Ariel Sharon), responsável pelo acolhimento aos judeus soviéticos, e dos Negócios Estrangeiros (David Lévy, de origem marroquina).

No fim tudo se resolveu e Shamir, que sempre foi partidário dos Governos de união nacional com os trabalhistas, só contou com a esperada oposição destes e dos partidos à sua esquerda, para além do partido religioso Agudat Israel. Para já continua a imigração de judeus soviéticos, que têm permissão para ir para os territórios ocupados, e está praticamente inviabilizado qualquer diálogo com os palestinianos e os países árabes, que reagiram muito negativamente ao novo Governo.

Redacção «DL»/AFP

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-A Processo 1/216

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Op. Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, 190 metros, com origem no apoio n.º 9 da linha para o PT 1667 — Herdade da Pereira e término no PT 2010 Herdade Torre do Ervedal, freguesia do Ervedal, concelho de Avis, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE AVIS durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 5 de Junho de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de serviços

«DL» — 12/6/90

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LOURES
ANÚNCIO

O Exm.º Sr. Dr. Guilherme Pires, Meritíssimo Juís de Direito do Tribunal do Trabalho de Loures.

Faz saber que pela primeira secção do Tribunal, do Trabalho de Loures, correm seus termos uns autos de Execução de Sentença n.º 194-A/88 em que são exequente Hortense Rosa da Ressurreição Sequeira e executada Luís Pedro Mendonça, Ld.ª, com sede no lugar da Anaia — Estrada Nacional n.º 10 — Santa Iria de Azóia — 2685 Sacavém, e neles correm éditos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, deduzirem os seus direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Loures, 01 de Junho de 1990

O Juíz de Direito,
(Assinatura ilegível)
O Escriturário Judicial,
(Assinatura ilegível)

DL - 12/6/90 - 2.ª Pub.

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

INTERNACIONAL

Credores internacionais do Peru esperam normalização das relações

Renegociação da dívida é prioridade para Fujimori

Tendo sido considerado durante os últimos cinco anos como o «mau da fita» na alta finança internacional, o Peru poderá, após a vitória eleitoral de Alberto Fujimori, lançar-se na normalização das relações com os seus credores externos. Esta é a opinião corrente nos meios financeiros internacionais, depois de anunciada a vitória do filho de emigrantes japoneses. Fujimori, um universitário que se quer defensor da economia de mercado, prometeu ao país resolver os problemas com os credores e reiniciar o pagamento da dívida externa, que é de 19 bilhões de dólares. No entanto, ainda não se sabe se Fujimori conseguirá novos empréstimos para revitalizar a economia peruana quando, no dia 29 de Julho, assumir a presidência do país.

«Há etapas que Fujimori terá de cumprir, passos a dar para reposicionar o Peru em relação aos credores», disse um economista de um banco europeu em Lima adiantando que «a vontade para modificar o *status* do Peru existe. Fujimori deverá modificar o tom do diálogo.

Embora os resultados oficiais só sejam conhecidos dentro de alguns dias, Mário Vargas Llosa, o outro candidato à presidência, reconheceu, num discurso emocional, a vitória de Fujimori e desejou-lhe muita sorte.

Um «pária» financeiro

O futuro Presidente peruano vai herdar uma situação que se complicou desesperadamente quando, em 1985, o Presidente cessante, Alan Garcia, impôs grandes restrições no pagamento da dívida externa e recusou-se a negociar com o Fundo Monetário Internacional. Em oposição a Garcia, que subiu ao poder após ter exortado as populações contra «os poderosos grupos financeiros», Fujimori defendeu que a grande prioridade

Fujimori: «Temos de dizer ao mundo que somos honestos»

seria de «reabilitar» o Peru face a credores públicos e privados. «Temos de dizer ao Mundo que somos honestos, que vamos pagar e que faremos todos os esforços nesse sentido» afirmou.

Com o objectivo de reinserir o Peru no sistema financeiro internacional, Fujimori terá que limpar a imagem criada por Garcia que, a um dado momento, se considerou como o «gladiador solitário» na luta contra os «colectores de crédito», o que lhe ganhou admiradores na América Latina, mas transformou o país num «pária» financeiro.

O FMI declarou o Peru inelegível para receber dinheiro fresco depois de ter suspendido os pagamentos ao fundo em 1985. O Banco Mundial seguiu-lhe o exemplo em 1987. No entanto, o Peru retomou o diálogo com ambas as instituições efectuando um pequeno pagamento ao FMI no ano passado, que não chegou para melhorar as relações com estas instituições internacionais.

Renegociar a dívida

Embora Fujimori afirme pretender boas relações com os credores, manteve-se na anterior posição de Garcia de que o Peru não tem condições para, nos termos estabelecidos, pagar os 19 mil milhões de doláres da dívida anterior.

«Não podemos pagar imediatamente nada do que devemos. Temos que renegociar a dívida e normalizar as nossas relações com as instituições internacionais de crédito», disse recentemete Fujimori.

O futuro presidente peruano, de 51 anos, manifestou igualmente a vontade de atrair investimentos estrangeiros de que o país precisa. As suas ligações com o Japão, país de origem dos seus pais, poderiam proporcionar uma ajuda mais generosa por parte do governo de Tóquio.

Economistas consideraram o discurso de Fujimori como ferido de ambiguidade, sobretudo no que se refere aos seus planos para reduzir a inflação, que anda à volta dos dois mil por cento ao ano, o déficit fiscal e ressuscitar a indústria.

O produto nacional bruto sofreu uma queda de 12 por cento no ano passado e, segundo o jornal «El Comercio», que se publica em Lima, a produção industrial sofreu em Abril último uma baixa de 7,7 por cento.

A príncipal proposta de Fujimori, para fazer sair o Peru da confusão financeira em que se encontra, consiste em abolir o inti (a moeda local) e criar uma nova unidade monetária ligada ao dólar. Disse igualmente que não pretende privatizar as empresas estatais deficitárias nem despedir funcionários públicos.

Redacção «DL»/Reuter

RDP

CINEMA

sim, na

antena 2

Design MJF

Polémica em redor da realização da Exposição Universal do ano 2000

Veneza lança S.O.S.

Esta noite os venezianos não vão dormir, para se manifestarem contra a realização da Exposição Universal do ano 2000 que ameaça afundar, com hordas de 200 mil visitantes a cidade imortalizada por Thomas Mann no seu romance «Morte em Veneza». É de facto de morte, não já em Veneza, mas de Veneza que se fala há meses nas páginas da melhor nata jornalística italiana e mundial, empenhada numa batalha contra a relização do certame na Sereníssima.

Jornalistas, escritores, políticos, artistas e simples amantes da cidade única, manifestam-se quase diariamente, em todo o mundo, aderindo ao comité «No Expo», prestando declarações ou simplesmente mandando um postal à entidade organizadora (Bureau Internatonal des Expositions) com o objectivo de exigir a anulação daquilo que já foi definido como uma catástrofe artificial para a histórica cidade italiana.

A ideia de apresentar a candidatura de Veneza para servir de palco à Exposição Universal, que Paris já se recusara a albergar, partiu, há mais de cinco anos, do actual ministro dos Negócios Estrangeiros italiano, o veneziano Gianni de Michelis. Confirmada a candidatura pelo BIE em meados de 1988, formou-se um consórcio para o financiamento, estudo e organização do certame, onde despontam as siglas de multinacionais como a Coca-Cola, a IBM, Benetton, e claro a FIAT. O consórcio, curiosamente presidido pelo irmão do principal defensor da Exposição, Gianni de Michelis, após quatro anos de estudos e pesquisas apresentou os projectos para a Exposição, verdadeiras pedras do escândalo que ainda hoje se prolonga.

A máquina infernal

Os projectos da já apelidada «máquina infernal» contam entre outras extravagâncias técnicas, com a escavação de túneis submarinos, abertura de novos canais de ligação, instalação de ilhas flutuantes com a réplica do famoso Café Florian e «dulcis in fundo», a iluminação do Canal Grande com raios laser. A exposição, que segundo os seus promotores e acérrimos defensores, visa revitalizar Veneza, atrairá, segundo estudos contraditórios elaborados pela universidade daquela cidade, pelo menos 18 milhões de visitantes atingindo, nos dias de maior fluxo pontas de 180-200 mil «turistas» (10 vezes mais o limite de tolerância diária calculada em 20 mil presenças).

Até agora, e apesar do voto contrário da maioria dos deputados do Parlamento Europeu, em Maio, da oposição ao projecto do comissário europeu para o ambiente, Carlo Ripa de Meana, e do presidente Mitterand, da recolha de assinaturas em curso nos dois ramos do Parlamento italiano, a decisão final será da responsabilidade do Bureau Internacional des Expositions que no proximo dia 14 terá que confirmar definitivamente a escolha da cidade onde se realizará a Exposição.

As outras cidades, sobre as quais pode recair a escolha do BIE, são Hannover e Toronto. Até lá, e apesar de Veneza poder vir a desistir, não resta outra alternativa para os naturais bem como para os amantes de Veneza do que manter-se «vigilantes» e de olho bem aberto.

A.B.

Moradores da Quinta do Conde contra clubes de massagens

As mulheres evitam sair de casa, no temor de serem abordadas por forasteiros. Depois das queixas à GNR e dos abaixo-assinados, já há quem tenha feito «justiça» por mãos próprias

Aparentemente, o lote apontado a dedo da Rua 5, na Quinta do Conde, é uma moradia vulgar, tão incaracterística como as centenas de «vivendas dos pobres ou barracas dos ricos» erguidas nos 450 hectares de terreno que pertenceram a Xavier de Lima. Quase a meio caminho entre Setúbal e Lisboa, a Quinta do Conde, outrora considerado o maior empreendimento clandestino da Europa, foi mais tarde urbanizado e sujeito a um plano de reconversão. Legalizado, o complexo calmo e relaxante cuja «grande fatia» de população continua a ser constituída por emigrantes regressados do lado de lá do Atlântico, começou a conhecer os custos da civilização.

Clubes de massagens e barzinhos de atenciosas companhias apareceram, há cerca de um ano. De então para cá, a clientela não tem faltado. Em vésperas de feriados, fins de semana e de mês, o vai-vém é constante naquela casa. A partir das 9 da noite e até altas horas da madrugada, camiões TIR e veículos ligeiros amontoam-se na pequena estrada de terra batida.

Lado a lado com habitações familiares, os clubes vão ganhando adeptos e nem sempre a relação com a vizinhança tem sido amigável e pacífica. Os habitantes da Rua 5 fizeram toda a espécie de diligências ao seu alcance e entregaram abaixo-assinados no posto da GNR da Quinta do Conde. «Não passou dali. O primeiro abaixo-assinado foi abafado e não chegou às mãos dos superiores» lamenta um dos moradores.

O sargento Jesus, comandante daquele posto, garante que «tudo o que se passa na Quinta do Conde foi já comunicado ao respectivo Comando-Geral» e afirma que nada pode adiantar sobre o assunto.

Depois de alertadas as autoridades, os habitantes da Rua 5, descontentes com a falta de eficácia da GNR, ameaçam agora fazer justiça pelas próprias mãos. «Um dia talvez alguém se decida a incendiar aquele antro...».

Para já, mostram-se descontentes com o procedimento das autoridades. Dizem que o proprietário da famigerada vivenda, um homem de idade, de cabelo grisalho e voz rouca, cujo nome e profissão desconhecem, ameaça tudo quanto é gente por aqueles lados. «Influente e senhor de uma certa protecção por parte da GNR» chegou mesmo a ter acesso ao abaixo-assinado, onde constavam meia centena de nomes,e a quem prometeu represálias sem demora -- alegam.

«Para evitar estas manobras de intimidação, o nosso último abaixo-assinado foi entregue, em mão, à Governadora Civil do distrito de Setúbal. E para que se não perdesse ou desviasse pelo caminho, claro» acrescenta o mesmo morador.

Na Rua 5, vive-se sob tensão. As mulheres evitam sair à rua pois temem a abordagem de clientes, que classificam de rufiões, da casa abominada. Uma delas passou recentemente uma experiência que não gosta de recordar. Um automóvel com quatro homens parou ao seu lado, confundindo-a com uma das empregadas da invulgar casa. O facto chegou ao conhecimento do marido que, sem meias medidas, tratou de procurar o patrão do estabelecimento para ajustar contas.

«Por vezes, os carros param à nossa porta e um ou mais indivíduos tocam à campainha a perguntar se é aqui que funciona um barzinho com música ambiente...» confidencia uma das moradoras da zona.

Todos querem permanecer anónimos, condição essencial para falarem, mesmo assim, o menos possível sobre a misteriosa vivenda e o que se lá passa. Ao certo, apenas desconfianças e um ou outro distúrbio, às tantas da manhã, em especial nos fins-de-semana.

Episódios rocambolescos que «metem bêbados ou drogados, *rallies* de motorizadas e carros de escape aberto, uma ou outra zaragata que exige a presença da GNR, como foi o caso daquele mini que se enfaixou no candeeiro. Chamaram uma ambulância, a Guarda apareceu mas nem o teste da alcoolemia lhe fizeram...» afirma, um tanto chocado, um dos habitantes da rua.

«Claro que temos consciência de que se trata de uma situação melindrosa. Em termos jurídicos, por exemplo, não temos qualquer hipótese pois só se alguém, um consumidor, se queixasse, poderíamos avançar e tentar acabar com esta actividade. Mas a situação é do domínio público e faz já parte das conversas de café» adianta um morador.

Palavrões, em alta gritaria, à noite. De dia, um estendal de toalhetes fazia os miúdos do bairro comentar entre si que «naquele restaurante devia haver muita gente muito porca». O estendal foi retirado para as traseiras mas a azáfama mantém-se.

E. T.

B R E V E S

Jornalista madeirense responde a acusação

O jornalista Tolentino da Nóbrega, do «Diário de Notícias» do Funchal, entregou ontem a sua resposta-defesa à nota de culpa num processo disciplinar que aquele jornal lhe accionou. Nóbrega pertence aos quadros do referido matutino madeirense e é correspondente do «Público». Esta situação levou o jornal do Funchal a acusá-lo de concorrência desleal. Na origem do processo terá estado um artigo relativo aos aumentos salariais dos deputados da Assembleia Regional, publicado a 1 de Maio, no «Público». Em sua defesa, o jornalista madeirense alega, entre outros argumentos, o facto de não ter assinado qualquer contrato de exclusividade com o «Diário de Notícias». Exerecendo a profissão há 15 anos, Tolentino da Nóbrega sempre trabalhou como correspondente de jornais do Continente, situação que manteve quando ingressou no «Diário de Notícias».

Casino, ordem para jogar

O novo espectáculo do Casino Estoril, «007 - Ordem para Jogar», tem a sua estreia marcada para a próxima quinta-feira. Até lá, e porque ali se realizarão os ensaios para o *show*, o restaurante terá as suas portas encerradas.

LOTARIA POPULAR

1º - 422730	3 000 000$00
2º - 033379	750 000$00
3º - 494690	500 000$00
4º - 443054	250 000$00
Terminações em 2730	85 000$00
Terminações em 730	60 000$00
Terminações em 379	15 000$00
Terminações em 690	4 000$00
Terminações em 054	1 500$00
Terminações em 25,44,54,72,73 e 79	500$00

Greve na Rodoviária afecta Grande Lisboa

A greve de 48 horas que os trabalhadores da Rodoviária Nacional iniciaram esta madrugada conta com a já habitual discrepância no anúncio das percentagens de adesões. De acordo com os sindicatos, 85 a 90 por cento da frota ficou nas garagens, por seu turno, a empresa afirma que às 8 horas, 39 por cento das necessidades estavam asseguradas.

Segundo Fernandes Homem, porta-voz da RN, a empresa conta ter na rua, durante o dia, mais de mil viaturas, das três mil existentes, acrescentando que os serviços «expresso» e comerciais de aluguer «estão em pleno funcionamento». Admitiu, no entanto, que na área da Grande Lisboa os efeitos da paralisação fazem-se sentir, pelo que estão a tentar minorá-los através do aluguer de autocarros alternativos.

José Brandão, do Sitra, afirmou ao DL que a greve da RN está a provocar uma redução na frota da Carris em cerca de 30 por cento, pois os autocarros foram colocados ao serviço daquela empresa como alternativos.

A paralisação, que foi convocada por todas as estruturas sindicais da empresa - excepção feita ao Sindicato dos Quadros - tem por objectivo reivindicar aumentos salariais compatíveis com os níveis de inflação, bem como a reposição do poder de compra perdido em 1989. «Os 12 por cento de aumento proposto pela administração da RN não tem em conta a perda do poder de compra verificado nestes últimos três anos», período em que os vencimentos foram actualizados por actos de gestão, afirmou uma fonte sindical.

As duas organizações mais representativas dos trabalhadores da empresa - Festru (CGTP) e Sitra (UGT) - discutem agora a continuação da luta, com mais três dias de greve.

«O Sitra vai propor aos sindicatos a coincidência de datas para as greves previstas na CP, Carris, RN e ANA», adiantou José Brandão ao DL.

Entretanto, na próxima sexta-feira, inicia-se a greve dos maquinistas da CP, traduzida na recusa de prestação de trabalho nas quatro horas finais do período diário de trabalho de cada maquinista. A paralisação realiza-se nos dias ímpares, até 25 de Junho.

RODOVIÁRIA NACIONAL

INFORMAÇÃO AO PÚBLICO

Ao abrigo e em conformidade do disposto na legislação, a **RODOVIÁRIA NACIONAL** definiu os níveis mínimos de serviços indispensáveis para a satisfação das necessidades fundamentais de transporte dos utentes, para o dia 13 de Junho de 1990.

Igualmente será feito o reforço daqueles níveis de serviços com o recurso a outros meios rodoviários para o efeito identificados «Ao serviço da RN», no período das 06.00 horas às 21.00 horas nas seguintes linhas:

Cruz de Pau-Seixal
Cruz de Pau-Cacilhas
Cruz de Pau-Praça de Espanha
Amora-Cacilhas
Miratejo-Cacilhas
Miratejo-Praça de Espanha
Feijó-Cacilhas
Costa Caparica-Trafaria
Costa Caparica-Praça de Espanha
Almada-Praça de Espanha

São válidos os seguintes títulos de transportes:

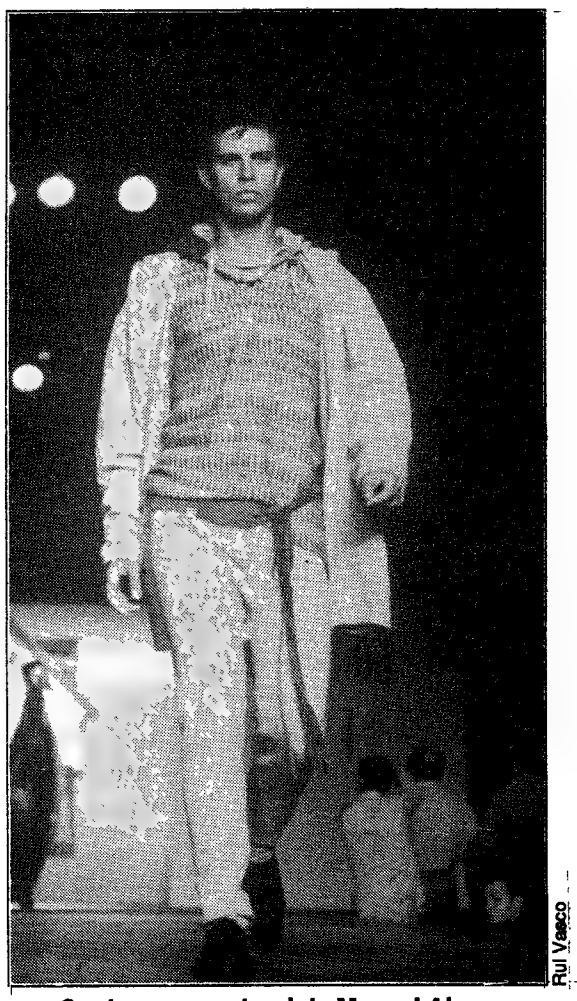
PASSE MULTIMODAL
ASSINATURA DE LINHA
PASSE COMBINADO
PRÉ-COMPRADO «RN»

G - 03/90

RN RODOVIARIA NACIONAL INVESTIMENTOS E PARTICIPAÇÕES, SA

No Jardim do tabaco

A moda no pedestal



Rui Vasco

O retorno ao natural de Manuel Alves

Lisboa, "sempre airosa" e fadista, diverte-se das maneiras que sabe e pode. Nestas festas da cidade, impregnadas do cheiro da sardinha assada e com o vaso do mangerico sempre ostensivo, como manda a tradição, também há espaço para novos rituais, embora de carácter mais restrito e com outra ressonância.

Falo da "Modalisboa-ano I", uma manifestação mais ou menos expressiva da moda que alguns dos nossos criadores e da nossa indústria produzem. Ano I sugere que tudo começou agora, sábado passado, no Jardim do tabaco, um espaço da arqueologia portuária que pouca gente conhece.

Dos criadores, no caso incluído na categoria dos novos talentos, Filipe Faísca revelou-se adepto de uma imagem masculina divertida e atraente construída na base do negro. Foi o primeiro a "jogar dentro" da inventiva, porque para trás ficaram as marcas industriais que, à excepção da Maconde, na dupla qualidade de Vadim e Moments, não sairam da banalidade. Seguiu-se Tanger, colorido discurso que se esgotou na dimensão do lúdico.

Literalmente, isto significa que se tratou de uma brincalhona piscadela de olho às marchas populares, e mais nada. A plebeia chita florida irrompeu no cenário, atirando alguma lenha para o fogo de um espectáculo que, em abono da verdade, não chegou a acontecer no Jardim do Tabaco.

Nenhuma surpresa, aceleração a mais e zero em matéria de pluralidade de sentidos. A sereia de Nuno Gama, evocando destinos marítimos, mereceu assobios aprovatórios, embora não transportasse o enigma da sua condição.

Entre os criadores já testados na rodagem da obra feita, destacamos a roupa de Abbondanza e Matos Ribeiro que os acessórios valorizavam, uma maneira de dizer que foram as propostas de moda mais consequentes que se apresentaram na pasarela. Na indumentária masculina de Manuel Alves e José Manuel Gonçalves, destinada ao frio, o protagonismo coube aos casacos com formas soltas e cómodas, de aspecto artesanal. O regresso ao ecológico, ao optimismo proveniente da natureza.

Aqui a palavra é o natural, enquanto a senha de Ma-nuela Tojal é o branco, símbolo da pureza e do intimismo.

Ela situa-se, na intersecção de linguagens que decorrem das experiências da sua passagem por Macau.

A acrescentar à lista dos criadores marcaram ainda presença José António Tenente e Ana Salazar que encerrou a "Modalisboa-ano I", figurando com algumas das peças do desfile da Gare Marítima que na ocasião comentámos.

Rui Vasco

Imagem de Abbondanza e Matos Ribeiro

Quanto à iniciativa, cooordenada e produzida por Abbondanza e Matos Ribeiro, não me pareceu muito comunicativa, faltou-lhe a sabedoria da **representação**. Foi algo de melancólico e desprovido de feitiço como o fado da banda sonora que pontuou a função.

Lourdes Féria

MONUMENTAL DE

SANTARÉM

Grupo A - maiores 6 anos

DOMINGO, **17** DE **JUNHO** ÀS 17.30 H. (cinco e meia da tarde)

VII CORRIDA "DESPERTAR" da RÁDIO RENASCENÇA

1.º GRANDE TROFÉU DA RÁDIO RENASCENÇA

A SER DISPUTADO POR 6 FIGURAS DO TOUREIO

LUÍS MIGUEL VEIGA

ANTÓNIO TELLES

JOÃO MOURA

RUI SALVADOR

JOAQUIM BASTINHAS

LUÍS ROUXINOL

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM Capitaneados por CARLOS GRAVE

6 TOIROS DR. ORTIGÃO COSTA 6 TOIROS

Bilhetes à venda: Lisboa • Rádio Renascença e Agência ABEP, Vila Franca de Xira • Agência Arena, Santarém • Casa Abegão e Praça de Toiros

O estilo de Kina

Gama de modelos exclusivos

Kina propõe um certo estilo de vestir, lança-se no mercado da moda na tentativa de oferecer algo com um cunho pessoal, o selo diferenciador da autoria que permita distingui-la do produto vulgar com que deparamos nas lojas de Lisboa. Sendo o nome da estilista, é também o nome de uma *boutique* que abriu recentemente na zona do Saldanha.

Neste espaço, enorme e branco, expõem-se modelos exclusivos, destinados a uma clientela seleccionada e com um determinado conceito de estética.

Desde a *lingerie*, parte dela concebida em tecidos com padrões coloridos e vistosos, aos fatos para ocasiões especiais, encontra-se naquele estabelecimento uma gama completa de indumentária feminina.

Há o prático, calções e *t-shirts*, modelos safari, *tailleurs* clássicos que conferem a quem os veste um toque de elegância, e ainda a linha "cocktail", dentro do muito curto.

Há trajes mais sofisticados, próprios para a noite, onde sobressaiem as pedrarias, as pérolas e outros elementos decorativos tais como o *strass*.

Quanto ao design, Kina aposta nos folhos, nos drapeados cingidos ao corpo, nas formas triangulares que dão ênfase aos ombros e depois estreitam no sentido descendente. Inspiradas, por vezes, no folclore, algumas peças estão dominadas por influências marroquinas, *navy* e *country*.

A sobreposição de folhos

Em termos cromáticos, predominam os brancos, tons terra, caquis, azuis marinhos e pretos.

Trata-se de uma colecção eclética, realizada na base das organzas, mousselines, sedas naturais, linhos, viscoses e algodões. Para os fatos de noiva, Kina utiliza a seda misturada com renda. Entre os acessórios, complementos fundamentais para o *look* sugerido pela criadora, destacam-se capelines, luvas, laços e ainda uma série variada de bijouteria.

O «Big Brother» está vivo e de boa saúde - circula no céu, mesmo por cima da sua casa! Muita da tecnologia de recolha de dados prevista por George Orwell está a ser utilizada diariamente e incide sobre o homem e a mulher vulgares

«*Big Brother*» observa-o do espaço

O «Big Brother» observa-o...

A frase mais famosa das fantásticas e aterradoras previsões contidas na obra «1984», de George Orwell, apareceu pela primeira vez aquando da publicação do seu *best-seller*, há 43 anos.

Vale agora a pena perguntar se a previsão de Orwell relativamente a uma sociedade repressiva, capaz de esmagar as almas, se tornou uma realidade.

Felizmente, na sua maior parte, não. Mas uma coisa é certa: o «Big Brother» está vivo e de boa saúde e circula no céu, mesmo por cima da sua cabeça...

É quase certo que algures, num *dossier* oficial, se encontra a fotografia da sua casa.

Tirada por um dos 235 satélites americanos, ou por um dos 538 satélites russos, a imagem será suficientemente nítida para mostrar telhas no telhado, roupa a secar na corda ou vasos de plantas no pátio.

E, se por acaso você se encontrava na rua no momento em que tal espia descrevia a respectiva órbita, 100 quilómetros acima da sua cabeça, também o seu retrato já achou um lugar nos muitos *dossiers*, altamente secretos, de reconhecimento.

E porquê, fotografar a sua casa e o seu jardim?

Pela mesma razão que muitas das suas chamadas telefónicas poderão ser rotineiramente gravadas e muitos dos seus dados médicos e financeiros se encontram nos arquivos de segurança estatais.

«Hoje em dia o mundo da espionagem electrónica, recolhendo informação, tornou-se um fim em si mesmo, mais do que um meio para alcançar um fim», diz John Bayes-White, um analisador da espionagem americana.

«E, na busca constante de conhecimento, máquinas de filmar equipadas com poderosas lentes, analisadores computorizados e dispositivos de escuta ultra-sensíveis estão focados não só sobre alvos militares, em território inimigo, como também sobre o homem, a mulher comuns, na vida do dia-a-dia.»

O primeiro espião aéreo, lançado em 1972, transportava uma câmara capaz de fotografar objectos de 30 centímetros, de uma altura de 100 quilómetros

Vasta gama

Equipas de reconhecimento têm já uma vasta gama de equipamento de registo, com o qual observam e fotografam pessoas. Há câmaras de vídeo tão pequenas que cabem num isqueiro e em relógios de pulso, para filmar em grande plano eventuais suspeitos.

Outras possuem lentes com um ângulo extremamente largo na ponta de tubos longos, flexíveis, capazes de transmitir a luz. Quando enfiados através de um buraco do tamanho de uma cabeça de alfinete, numa parede ou num tecto, permitem filmar tudo o que se passa dentro de um quarto.

As câmaras podem estar equipadas com lentes que aumentam a luz de tal modo que se torna possível filmar, literalmente, à luz de meia dúzia de estrelas...

Usando equipamento de vídeo, podem-se retransmitir imagens para as estações-base, ao passo que os computadores proporcionam a oferta de uma identificação quanse instantânea de qualquer indivíduo suspeito.

Também já existem conputadores no espaço, a fim de se obterem imagens de alta qualidade em qualquer ponto - e de quase tudo - na terra, apenas mediante um «clique», ao disparar da máquina.

O primeiro espião aéreo, Big Bird, lançado no dia 20 de Janeiro de 1972, transportava uma grande câmara capaz de fotografar objectos medindo apenas 30 cm, de uma altura de 100 quilómetros.

Presentemente, as imagens são transmitidas electronicamente em vez de serem emitidas, para depois serem devidamente tratadas em terra.

Aquelas fotografias altamente elaboradas da sua casa, da sua rua e da sua cidade natal, por exemplo, existem não como gravuras num gabiente-arquivo, mas como uma série de zeros e uns - código binário de computador - sobre fita magnética.

Graças a uma técnica conhecida como realçamento por meio do computador, a escuridão e o nevoeiro não constituem quaisquer barreiras para os «olhos» do espaço e imagens esbatidas rapidamente se convertem em imagens da mais apurada nitidez.

O que dizemos não é segredo - minúsculos microfones são rapidamente e facilmente colocados em casas, escritórios e salas de conferência e microfones parabólicos, com reflectores adaptados, podem gravar uma conversa, calmamente, numa movimentada rua, a partir de um telhado distante.

Mas a mais frutuosa das fontes de informação é, muitas vezes, o humilde telefone.

Telefone: microfone vivo

Inserindo um simples dispositivo no auscultador, este utensílio transforma-se num microfone vivo, que transmitirá qualquer conversa numa sala para qualquer ouvinte distante e anónimo.

Uma técnica de escuta ainda mais vulgar consiste em colocar um aparelho de escuta na caixa de ligações.

Por exemplo, detrás de uma porta de rua, sem apresentação, na artéria londrina denominada Ebury Bridge Road, encontra-se a sede da Tinkerbell, nome de código de uma organização que faz escutas sobre milhares de linhas telefónicas, de norte a sul do país.

Muitos desses dispositivos são totalmente automáticos, registando todas as chamadas em fita magnética, analisando-as depois, usando o último modelo de computador, que pode procurar palavras-chave nessas conversas, assim gravadas, à velocidade de 4 milhões de caracteres por segundo.

O que significa que o conteúdo deste artigo poderia ser lido desse modo, e indiciado, no mesmo espaço de tempo que lhe leva a si ler o título!

Na Grã-Bretanha, a informação assim obtida através de telefone destina-se a organizações tais como Serviços Secretos (M15), Ramo Especial e departamento de investigação criminal da Scotland Yard (C11).

E também a Menwith Hill, em Harrogate, no Yorkshire, onde a América mantém o maior centro mundial de escuta.

Não apenas recebe as transcrições e fitas de Tinkerbell, como também faz uma escuta directa nas chamadas para a Europa.

A estação de Menwith Hill, fortemente guardada, com os seus 800 funcionários, é o maior posto civil de escuta da National Security Agency.

«Comparado com a espionagem computadorizada actual, James Bond é um amador muito cru...», diz Boyes-White. E acrescenta: «Trabalha 24 horas por dia, não tem cor política, não está interessada em sexo e pode saber mais a seu respeito do que o seu companheiro mais chegado.»

Por isso, parece de facto que o «Big Brother» tem um olho no buraco da sua fechadura, um ouvido colado ao seu telefone e um microfone disfarçado no seu ombro!

Agência Europeia de Imprensa

(Tradução de Maria Margarida Pais)

Hospital de Coimbra desmente contágio das «vacas loucas»

A presumível detecção de dois casos de contágio humano, em Coimbra, pela chamada doença das «vacas loucas», foi desmentida ao DL por um administrador do Hospital dos Covões. Segundo este responsável, os casos aludidos referem-se a doentes afectados por uma doença rara mas há muito conhecida pelos neurologistas.

O rumor correu com insistência, nalguns meios da região de Coimbra, a semana passada: dois doentes sofriam do estranho mal que afecta as vacas do Reino Unido e que levou cinco Estados membros da Comunidade Europeia a estabelecer medidas unilaterais contra a importação de carne daquele país. Um responsável da Delegação de Saúde de Combra, dr. Paiva Marques, confirmou, em declarações feitas ao DL, a persistência deste rumor, acrescentando, contudo, que não tinha recebido qualquer informação oficial, ou outra, sobre os referidos casos.

Através dum contacto realizado com o Conselho de Administração do Hospital dos Covões, foi-nos dito pelo dr. Artur Vaz que os doentes em questão sofrem de uma doença pouco frequente, O mal é conhecido pela designação de Creutzfeld-Jakob e caracteriza-se por uma lenta degenerescência do cérebro. «Não há qualquer ligação com a chamada doença das "vacas loucas"» disse ainda Artur Vaz.

O Comité Europeu Veterinário da CEE declarou a semana passada que a carne de vaca britânica não é perigosa para a saúde humana, mas recomendou, apesar de tudo, que fossem tomadas precauções contra a doença das «vacas loucas». De facto, não se conhecem relações de causa e efeito entre a ingestão de tecidos de animais afectados pela encefalopatia espongiforme bovina (BSE) e o registo de sintomas de doença semelhante em humanos.

Os cientistas iniciaram experiências, recorrendo a cobaias alimentadas com carne de vaca contaminada, sem que, no entanto, tenham ainda chegado a resultados conclusivos. Os peritos europeus sustentam que, como medida preventiva, se deve realizar todos os esforços possíveis, durante o abate dos animais, para retirar nervos e tecidos linfáticos dos produtos destinados ao consumo.

Informatizar... mas devagar

Quando o pessoal estiver familiarizado com o equipamento informático ontem posto à sua disposição, a Conservatória do Registo Predial de Oeiras, ou, melhor, os seus utentes, poderão ganhar... dois dias dos cinco que habitualmente levava a conseguir um papel.

O lançamento da introdução da informática nos serviços dos registos e do notariado foi ontem apresentado em Oeiras, com a presença do secretário de Estado Adjunto do Ministro da Justiça, Borges Soeiro. Aquela vila periférica da Grande Lisboa foi escolhida por ter «uma das conservatórias com mais movimento do país».

Apesar de tão limitado avanço sobre os custos da burocracia, o sistema, foi afirmado, vai «facilitar o trabalho de rotina e reduzir substancialmente o atendimento dos pedidos de passagem de certificados».

O resto do país terá que esperar um pouco mais. Borges Soeiro limitou-se a informar «esperar» que, dentro de dois anos, estejam informatizadas todas as conservatórias do Registo Predial de 1ª classe. A próxima será a 8ª Conservatória Predial de Lisboa, e, optimisticamente, sabe-se que já foi adquirido o equipamento informático para aquela repartição e que o 1º Cartório Notarial deLisboa foi designado como cartório-piloto na área do notariado. Mais tarde será a vez do Porto, mais tarde, ainda, a das restantes cidadedsdo país. Não foram apresentadas datas para essas modernizações.

Nuvens até dia 20

As nuvens vão ser uma constante até dia 20, mas as temperaturas irão manter-se «próximas dos valores da época», refere uma previsão divulgada ontem pelo Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Segundo o Instituto, o tempo em Portugal continental vai ser influenciado, principalmente, por vales depressionários. Daí que não seja de admirar a ocorrência de aguaceiros e trovoadas nos próximos dez dias, de início no interior, mas depois em todo o país.

A partir de sábado, haverá tendência para que as trovoadas e os aguaceiros diminuam de intensidade e frequência.

Vêm aí as marchas populares de Lisboa

Avenida da Liberdade pronta para o

A Avenida da Liberdade será este ano, uma vez mais, palco do tradicional desfile das marchas populares. Desde ontem que todos estão a postos para a grande passagem: muitos dos ensaiadores percorreram, de cronómetro na mão, as centenas de metros de asfalto entre o Marquês de Pombal e a tribuna presidencial. Do Marquês à última zona do desfile, cada marcha demorará 55 minutos. O espectáculo prolongar-se-á até às 23 horas e 30, na melhor das hipóteses.

Depois da marcha infantil da Voz do Operário e dos estandartes dos clubes e colectividades dos bairros participantes, desfilarão os mais de mil figurantes dos dezanove conjuntos, segundo esta ordem: Alto do Pina, Marvila, Carnide, Madragoa, Campolide, Benfica, Olivais, Ajuda, Campo de Ourique, Bica, Castelo, Bairro Alto, Mouraria, Alcântara, Penha de França, Alfama, Graça e São Vicente.

«Lisboa sempre a cantar», escolhida em concurso como a «Grande Marcha de Lisboa», será a composição que todas as colectividades vão interpretar durante o desfile.

Há mais marchas no pavilhão

As marchas populares de Lisboa exibir-se-ão nos dias 19, 21 e 23 do corrente, no Pavilhão Carlos Lopes, perante um júri que estabelecerá a ordem classificativa, apurando as quatro primeiras que recebem os prémios de 400, 300, 200 e 100 contos em disputa.

No dia 19, actuarão a marcha infantil A Voz do Operário, Penha de França, Madragoa, Olivais, Carnide, Marvila e Campo de Ourique. No dia 21, as marchas da Ajuda, Bairro Alto, Castelo, Campolide, Alfama e Alto do Pina. No último dia, 23: as marchas da Bica, Alcântara, S. Vicente, Mouraria e Graça.

As marchas de Lisboa datam de 1932 e foram iniciativa de Leitão de Barros e Norberto Araújo, respectivamente director do «Notícias Ilustrado» e redactor do «Diário de Lisboa».

«Foi o ano zero», escreve José Ramalho, autor de um livro que a Câmara Municipal de Lisboa deverá editar em breve.

É, aliás, o único lisboeta que tem compilados todos os factos que historiam as marchas populares. Desde a actuação, tímida, de três ranchos no Parque Mayer (Alto do Pina, Campo de Ourique e Bairro Alto) até aos dias de hoje, muitas peripécias assinalaram as marchas.

Guerras travaram desfiles

Um ano depois seria a consagração, no Parque Eduardo VII (o desfile largou do Terreiro do Paço), perante metade da população de Lisboa de então: 300 mil pessoas. Sete Rios, Campo de Ourique, Alto do Pina, São Vicente, Bairro Alto, Ajuda, Alcântara, Benfica, Santo Amaro, Mouraria, Alfama e Madragoa foram os bairros pioneiros do certame - acontecimento anual na vida de Lisboa.

Veio a Guerra de Espanha e o primeiro interregno, que se prolongou pela II Guerra Mundial.

As marchas voltaram à Avenida em 1947. Nova pausa no desfile, entre 1970 e 1980. Em 81, retomam o seu ciclo normal: ganha a Mouraria; Carnide e Castelo repartem o 2º lugar.

Um ano depois, o Castelo «vinga-se» da afronta e troca de posição com a Mouraria. Repete o triunfo no ano seguinte.

De 84 a 1987 as marchas são uma vez mais interrompidas.

Em 1988, vence o Castelo (a Madragoa vem a seguir) e o ano passado foi a vez de Benfica (Marvila sobe ao segundo lugar).

Júlio Rodrigues

Figurinistas e ensaiadores soltam a imaginação para que as marchas sejam a grande festa desejada

As marchas voltam a ser

Madragoa com sete t

A Madragoa lidera o rol de triunfadores das marchas de Lisboa, com sete primeiros prémios, muito embora nos primórdios desta festa essa atribuição fosse determinada em função da participação e não competitivamente. Foi assim até 1935, ano que José Ramalho afirma ter sido «o grande salto para o êxito das marchas populares». Foi a primeira vez que se apresentou ao público a «Grande Marcha de Lisboa», e a todos os elementos era exigido que a cantassem».

A Madragoa venceu sete

A.M.A.
Auto Monumental de Aveiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

a o desfile

am a ser este ano o grande cartaz das festas de Lisboa

goa à frente

e triunfos

lde vezes (1932, 1935, 1940, 1950, 1964, 1965 e 1966), Bica e Castelo cinco cada.

de A marcha da Bica impôs-se em 1952, 1955, 1958, 1963 e 1970. A do Castelo em 1935, 1947, 1982, 1983 e 1988.

ros Desfilam depois, com três nos triunfos, Alfama (19334, ssa 1935 e 1940) e Benfica (1935, er- 1940 e 1989). Com dois: par- Marvila (1963 e 1967) e va- Mouraria (1969 e 1981).

35, Com um primeiro prémio: lho Campo de Ourique (1932), nde Campolide (1935), Carni- das de (1968), Graça (1935) e i a S. Vicente (1940).

en- A classificação em 1935 foi nde esta: Alfama, Madragoa, dos Graça, Benfica e Castelo. Em que 1940: Alfama, Benfica, Madragoa e S. Vicente. Em 1970: Bica, Alfama, Mouete raria e Ajuda. Em 81: Mouraria e Carnide/Castelo.

Em 1982: Castelo, Mouraria, Marvila e Campo de Ourique. Em 1983: Castelo, Alcântara, Alfama e Madragoa.

Em 1988 (prémios de 400, 300, 200 e 100 contos): Castelo, Madragoa, Marvila e S. Vicente. O ano passado: Benfica, Marvila, Castelo e Madragoa.

Ensaiador consagrado escreve livro sobre marchas de Lisboa

As marchas populares vão sair em livro: o homem que melhor conhece esta história anual da vida lisboeta que já tem mais de meio século, prontificou-se, em Fevereiro de 1988, a colaborar com o Município para que esta faceta alfacinha chegue ao grande público. Título: «História das Marchas Populares de Lisboa». Autor: José Ramalho, ensaiador de marchas há quatro dezenas de anos. É o mais aureolado de todos os que se conhecem. Mário Gualdino, especialista pelo Alto do Pina, admira nele a experiência e a criatividade. «É o mais competente de todos», reconhece.

José Ramalho guarda religiosamente na sua casa comercial da Rua da Misericórdia, documentação que retrata com fidelidade e grande riqueza de pormenor toda a evolução das marchas de Lisboa. O que os serviços de turismo e animação urbana da edilidade lisboeta não têm.

Tem muito para contar esta historiador das marchas populares de Lisboa. O seu livro, de que a anterior vereação assumiu a responsabilidade de publicar a troco de 250 mil escudos, salientará, por exemplo, que Leitão de Barros (ao tempo director do «Notícias Ilustrado») e Norberto Araújo (jornalista cá na casa), foram os pioneiros desta festa, retrato dançado e cantado de Lisboa. Revelará ainda que o seu primeiro contrato lhe rendeu mil escudos e um conjunto de panelas oferecido na Feira Popular, onde as marchas populares então também desfilavam. «Foi em 1950, quando fui convidado a ensaiar a marcha da Mouraria», diz.

Gratificação de mil escudos

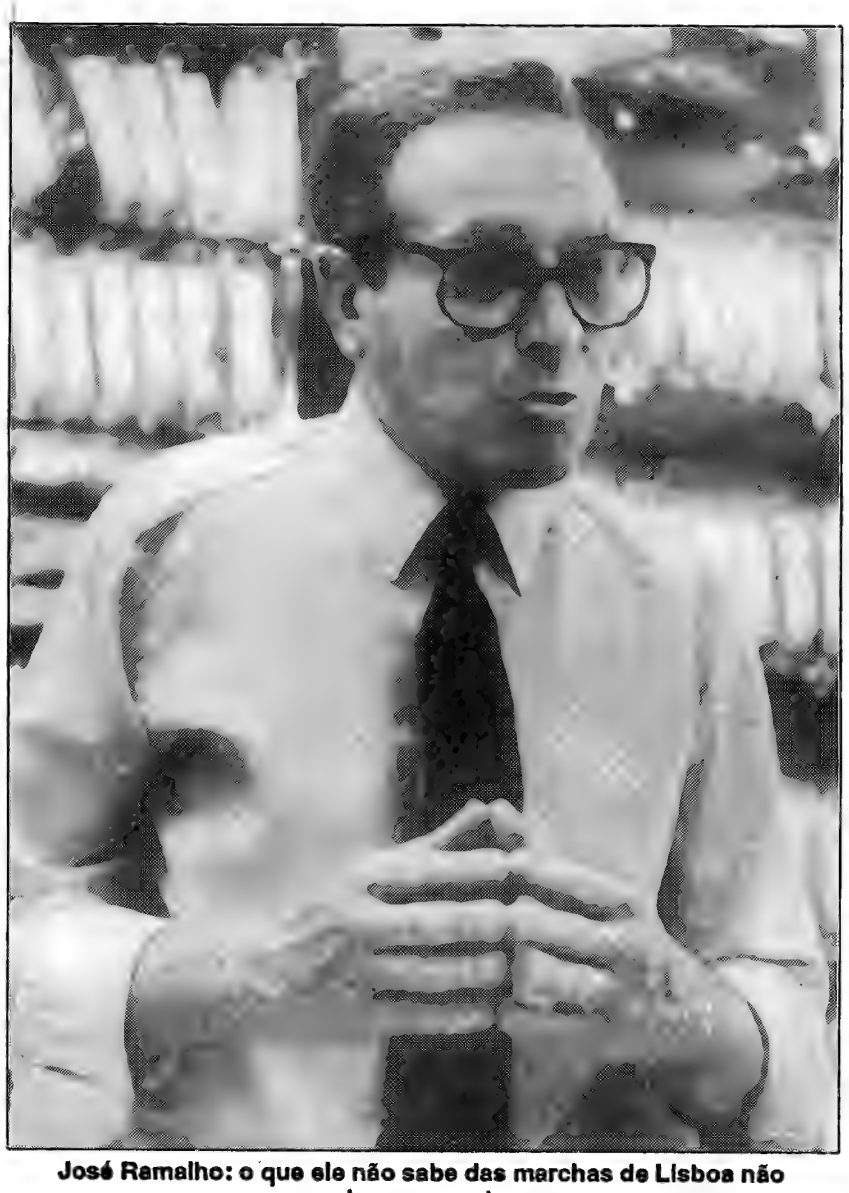
«Eu não exigi nada, os responsáveis da colectividade local é que decidiram dar-me uma gratificação», esclareceu, para que não haja confusões. E, de esclarecimento em esclarecimento, também nos disse que, ofereceu à Câmara Municipal os livros alusivos aos anos em que, a partir de 1932, se organizaram marchas populares que os Serviços de Turismo e de Cultura municipais não tinham. Face à importância e interesse do material em seu poder, o vereador da Cultura da Câmara Municipal no anterior mandato, Vítor Reis, ofereceu-lhe 250 contos pela co-autoria (com Pinto Gonçalves) do livro, e José Ramalho - que nos revelou não ter pedido nada- aceitou, claro.

Hoje não é bem como antigamente: os ensaiadores ponderam as ofertas que lhes fazem, levam em conta o material que lhes propõem, avaliam o potencial que lhes é proposto e mudam de bairro quando a oferta que lhe fazem é aliciante. Recusam ser comparados aos jogadores de futebol ou de outra modalidade desportiva bem paga, muito menos aceitam - por serem ensaiadores - a ideia de que são treinadores. Mas há ofertas que não podem declinar...

As colectividades dos bairros - são dezoito as que esta noite desfilarão pela Avenida da Liberdade e que este mês actuarão no Pavilhão dos Desportos - são bem tentadas pela Câmara: além da comparticipação nas despesas para adereços, roupas e outras despesas visíveis, candidatam-se a quatro prémios pecuniários que vão de cem mil a quatrocentos mil escudos. Para mês e meio de ensaios não é nada mau.

Cinco primeiros prémios, um segundo, um terceiro e um quinto («o pior lugar da minha carreira», disse ao «DL») abonam José Ramalho, que, aos 26 anos, entrou a sério nas marchas, depois de uma efémera passagem como ensaiador do Rancho dos Mercados, que já não existe. Entrou, gostou e não mais largou. Estreou-se em força, em 1950, na Mouraria, onde tinha amigos que sabiam da sua vocação folclórica e etnográfica.

«O teatro é uma coisa, o *ballet* é outra e a marcha é diferente de qualquer delas», disse José Ramalho ao «Diário de Lisboa», quando o confrontámos com actores, locutores e coreógrafos que todos os anos, nesta altura, aparecem à frente das marchas dos bairros populares de Lisboa. «As colectividades têm a impressão que com teatro e coreografia resolvem os seus problemas, mas isso não é verdade», frisou.



José Ramalho: o que ele não sabe das marchas de Lisboa não vale a pena saber

Três vezes consecutivas

José Ramalho pode gabar-se de ter sido o único ensaiador a vencer o concurso das marchas populares de Lisboa três vezes consecutivas. Haveria de averbar mais duas vitórias à frente da Mouraria, em 1969 e 1981. Entre a Madragoa e a Mouraria pontificou, mas em 1970 optou pelo Bairro de Alfama, obtendo o segundo lugar (ganhou a marcha da Bica). «A Mouraria e a Madragoa foram os maiores amores da minha vida.»

Em 29 de Junho de 1969 foi passeado em ombros, quando a Mouraria ganhou, pela primeira vez. Doze anos depois, com dez anos de interrupção pelo meio, aquele bairro repetiria a façanha, com José Ramalho a orientar de novo a sua marcha.

O «Diário de Lisboa» de 30 de Junho de 1969 dá-lhe honras de primeira página e publica uma foto, a quatro colunas, aos ombros de admiradores, como se se tratasse de um ídolo. Era a quinta vez que ensaiava a Mouraria e levara um ano a pensar a marcha - afirmou ao nosso jornal. «No Desportivo da Mouraraia encontrei uma direcção esplêndida e uns rapazes e umas raparigas muitas correctos e cheios de vontade.»

Júlio Rodrigues

TOITORRES TOYOTA

CULTURA

Cinema independente norte-americano no Festróia 90

A outra América

Em matéria de cinema, a América, como o mito, é o nada que é tudo. A analogia não é gratuita. Nos últimos cinquenta anos, os grandes estúdios de Hollywood construíram a mais poderosa máquina de mitos conhecida no século XX, responsável pelo aparecimento e pela manutenção de todo um pequeno Olimpo que se convencionou apelidar de *star-system*. Na nossa edição de ontem, notámos como também no Festróia se vive o gosto pelos ídolos, mas a verdade é que nem só de vedetas vive um festival e é também por isso que esta sexta edição do Festróia volta a consagrar uma atenção particular ao cinema independente do mesmo país em que as Warner, as MGM e as Fox ainda dizem quan-do e como se faz um filme.

De acordo com o que Salvato Tel-les de Meneses, di-rector do programa do Festróia/90, de-clarou ao «DL», as obras independentes norte-americanas a transmitir durante este certame foram oportunamente seleccionadas no Festival de Berlim, onde a Independent Project apresenta, no âmbito de uma secção especializada, o que há de melhor no sector. «Foi aí que visionámos e seleccionámos os filmes que integramos em secções temáticas diferentes: O Homem e a Natureza, Primeiras Obras, etc.», acrescentaria a propósito.

Os critérios de selecção são aparentemente simples, pois para Telles de Meneses o que importa «é a forma como um filme está ou não bem resolvido». E refere um que não lhe saiu da cabeça enquanto conversávamos: «Building Bombs», de 1989. Não chega a uma hora de duração mas «não deixa de ser representativo das novas tendências cinematográficas, ao mesmo tempo em que se mostra preocupado com a própria análise da sociedade contemporânea e com algumas situações decorrentes da máquina militar norte-americana».

À partida, o tema já era controverso. Abordava-se o chamado plano Savannah River, cuja pretensão era instalar um importante conjunto de armas nucleares na Carolina do Sul, mas, conforme é hábito nestas circunstâncias, os autores do plano esqueceram-se de que pelo meio há seres humanos, com hábitos e raízes que não se destroem com uma simples investida de *buldozzer*. De resto, como os realizadores (Mark Mori e Susan Robinson) previam, a polémica suscitada por «Building Bombs» foi tal que o filme acabou por ser boicotado nos próprios circuitos paralelos à distribuição comercial em que, regra geral, é possível visionar os artigos de produção independente.

Há males que vêm por bem. Neste caso, o boicote não obstou que a película arrebatasse prémios de vulto no Festival de Vídeo e Cinema de Oakland ou no Festival Internacional de Cinema de São Francisco. Entretanto, amealham-se secretas esperanças de ouvir sentença favorável na noite dos Oscares...

Com ou sem prémios, a necessidade de divulgar o cinema independente, tanto mais representativo quando ele vem de um país em que a distribuição comercial é particularmente esmagadora, justifica-se também pelas diferenças que estão subjacentes a estes trabalhos de escasso orçamento.

Para Salvato Telles de Meneses, o que distingue o cinema independente do produzido pelas empresas tradicionais é precisamente «esta preocupação com temas actuais, enquanto o das *majors* adquire um tom mais escapatório. Claro que no cinema independente existe também um desejo de qualidade estética e uma faceta de entretenimento, características que quase sempre se articulam com estas ou com outras preocupações sociais.

Ao exibir estes filmes em Tróia, o festival pretende alertar os circuitos comerciais para o valor de certas obras inevitavelmente desconhecidas por quem frequenta as salas de cinema, ou por quem segue as emissões televisivas. Com visível satisfação, o director da programação deste Festróia confidenciava-nos ontem que a RTP se mostrara interessada na compra de «Hollywood Mavericks».

No fundo, o que acaba por estar em causa é que a América, mais do que qualquer outra nação ou continente, é o nada que o cinema quiser: um país de sonho, onde os pobres se tornam «Rockfellers» e os maus são exemplarmente punidos, ou um país de gente que, de quando em vez, também deixa de sonhar com extraterrestres domesticáveis. Uma América que não é a de Spielberg e muito menos a de George Lucas.

Maria João Martins

PARQUE MAYER
TEATRO MARIA VITÓRIA
Telefone. 346 1740

HELDER FREIRE COSTA E VASCO MORGADO

HONRAM-SE PELA ATRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS

«PRÉMIO TEATRO DA S. P. A. / 1990»

Pelo esforço dispendido com a reconstrução do Teatro Maria Vitória

«PRÉMIO PRESTÍGIO DA CASA DA IMPRENSA / 1990»

Pela reconstrução do Teatro e pela grande REVISTA

VITÓRIA! VITÓRIA!

HOJE, DIA 12, FESTEJAMOS ESTE HONROSO ACONTECIMENTO, COM A DISPENSA DE TODA A COMPANHIA, PELO QUE NÃO HAVERÁ ESPECTÁCULO, FACTO POR QUE APRESENTAMOS AS NOSSAS DESCULPAS.O SUCESSO DE «VITÓRIA! VITÓRIA!...», RECOMEÇA AMANHÃ, DIA 13 EM 2 SESSÕES NOCTURNAS (ÀS 20.30 E 22.45 H).QUINTA-FEIRA FERIADO («MATINÉE», ÀS 16 H. E 2 SESSÕES, ÀS 20.30 E 22.45 H)

olhar de mocho

Filme do protesto

A história do protesto alemão dos anos 60 ainda está por fazer, e por mais terrorizada que seja essa geração «protestante», os motivos geradores ainda não passaram por águas lustrais que apagam culpas fundadas e pecados herdados. O Andreas Baader perdeu o pai na guerra do Hitler, e o Fritz Teufel argumentava dizendo que os grandes armazéns de Berlim se deviam incendiar para que na Europa existisse uma grande cidade que recordasse o que estava a acontecer no Vietname. Quando perguntaram a Rainer Werner Fassbinder qual a sua opinião sobre o grupo Baader-Meinhof, ele respondeu lacónico: «Não tenho nada a ver com as bombas, mas faço filmes».

Os críticos de cinema que se ocupem das qualidades fílmicas do realizador Fassbinder, vindo do grupo «Antiteatro» de Munique. Mas a crítica cinematográfica não tem monopólios sobre realizadores. Fassbinder é um exemplo notável de uma pessoa que está na cabeça de uma geração que teve por tarefa prioritária, enfrentar o pós-guerra e ajudar ao saneamento intelectual dos valores deixados pelo nazismo. Só por isso ele já merece um minimonumento: saltou para os cornos do touro e pagou a jóia de entrada no clube dos democratas - os que entraram de borla e com a papinha já cozinhada, por favor, não atirem pedras nem a ele nem à geração que ele simbolizou. É por isso que os filmes de Fassbinder têm todos um contexto histórico: a situação degradante dos emigrantes na RFA; a tirania da sociedade de consumo; a marginalização dos homossexuais; o preconceito do anti-semitismo. Ele entrou em todas as portas tabus e fez filmes à sua maneira, «anarquista da fantasia» como se dizia.

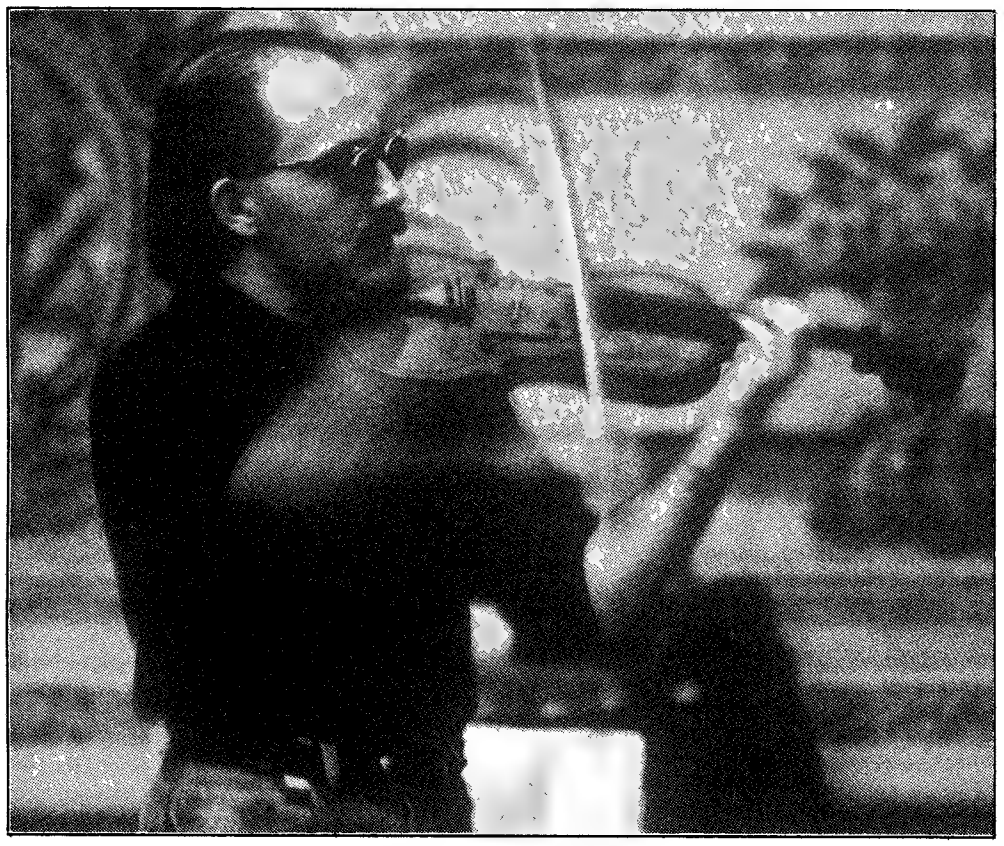
É evidente que o protesto tem um ciclo de vida muito curto. As guerras, as políticas totalitárias acabam e o protesto passa logo para o desemprego ou para a aposentação. Mas importa lembrar os homens que viveram a charneira e ajudaram sobremaneira à cambalhota do antigamente. Os méritos de Fassbinder entendem-se melhor se sublinharmos ter ele saido um alemão, isto é, membro de uma sociedade que nos dois últimos séculos, tendencialmente se apresentava como detentora do monopólio da verdade e da ideologia correcta. Na filosofia, a verdade ou era hegeliana ou não existia, na teologia, só os alemães sabiam quem era Deus. Para as máquinas ainda vá que não vá, o *made in Germany*. Mas no reino das ideias, não se podem aceitar monopólios nacionalistas.

Para comemorar o aniversário da morte de Fassbinder a RTP poderia e deveria apresentar um documentário sobre a vida do cineasta, uma discussão, tipo «Primeira Página» onde artistas e críticos relembrassem o «filme» da sua vida. Em vez disso, tivemos no Canal 2 uns retalhos cosidos à pressa dos restos que ficaram do seu último trabalho que o realizador deixou inacabado mas passou nas casas de cinema. Fassbinder merecia ter sido tratado sem recurso a restos.

José Sousa Monteiro

Carlos Zíngaro, depois de Maio

O ponto da situação



Para Carlos Zíngaro, Maio foi o mês de todas as novidades. Depois de uma dupla participação no Musique Action 90, a solo e juntamente com três dos nomes cimeiros da improvisação europeia, a saber Daunik Lazro, Joelle Leandre e Roger Turner; depois, também, da gravação de um CD ao lado de Leandre e da co-autoria - com Constança Capdeville - da partitura que acompanha o bailado «Fado», na Ópera de Genève, é altura de o violinista português fazer o ponto da situação. Com uma presença regular nos festivais internacionais e um sucesso medido pelos convites que lhe fazem para deslocações muitas, Zíngaro está num ponto de encruzilhada. Apesar de tudo, apesar até de ser português, faz muito do que pode, mas pouco do que verdadeiramente quer.

Nunca como neste momento Carlos Zíngaro esteve tão perto de obter esse estatuto que há tantos anos ambiciona - o de ser um músico do mundo, no centro dos acontecimentos.

Em Paris convidam-no a gravar um disco em seu nome, o que acontecerá em breve. Na sua agenda constam - para Setembro - espectáculos com Richard Teitelbaum, para apresentação da ópera «Golem», com electrónica Midi e vídeo interactivo. O seu nome está incluído na próxima edição do Free Music Production - Total Music Meeting. Em Lisboa, porém, já vai para um ano que uma matriz registada nos claustros do Jerónimos espera pela sua oportunidade... Coisas que não se compreendem muito bem.

- Comecei por trabalhar com a escola hardcore da improvisação, mas entretanto cada um dos músicos com que fui tocando alteraram as suas linguagens. A Leandre está na zona intermédia com a música contemporânea, é intérprete de Cage e Scelsi. Talvez o Daunik Lazro mantenha ainda a radicalidade dos anos 60, mas até ele já escreve música. Eu estou entre os dois, sou sobretudo um improvisador mas sinto-me cada vez mais atraído pelo método. Tenho uma posição estética próxima da deles: não me interessa a improvisação tout court, procuro um certo rigor.

A formação de Carlos Zíngaro é rica, múltipla, e vai desde os estudos feitos sobre a música sacra até à interiorização da música popular portuguesa. As deambulações desestruturadas, sem métrica fixa nem escala academicamente certificada, se foram em determinada altura a condição para a (sua) liberdade, acabaram por cansá-lo. Hoje quer retornar a discursos mais fixados...

- É verdade que também gostaria de ter a possibilidade de tocar com instrumentistas que tivessem uma marcação rítmica marcada, e até mais ou menos identificada com o rock. É uma opção, no entanto, que não se me afigura fácil. O centro das movimentações que me interessam está em Nova Iorque, com o Fred Frith, o Christian Marclay, o Tom Cora, com quem aliás já toquei. Só que aquilo lá anda mal, não há dinheiro para convidarem gente de fora. Um cachet em Nova Iorque raramente passa dos 600 dólares; quando os músicos americanos querem ganhar algum viajam até à Europa.

Carlos Zíngaro tem pois esta atracção pelas músicas com «uma certa pujança física» e boa dose de «exuberância». E sente a falta das «misturas de linguagens» que já experimentou na cena nova-iorquina. É, porém, a partilha musical com os improvisadores franceses a via do seu actual sucesso. Na Europa, só Londres é semelhante ao *downtown* de Nova Iorque, mas ali, diz ele, «a inventividade está esmagada pelo pop». Investir energias em Portugal, por outro lado, revela-se uma tarefa utópica e logo «condenada ao fracasso».

- Sim, nos últimos dois anos toquei mais vezes no País, mas não foi nada do outro mundo. Se dantes só conseguia dar dois ou três concertos num ano, passei para os seis ou sete. Não há estruturas organizativas que se interessem pela música que eu pratico, nem editoras. A gravação que fiz no Jerónimos foi em Fevereiro do ano passado, contactaram-se trinta e tal entidades ao abrigo da Lei do Mecenato. Nenhuma apoiou o disco. Lá fora não é um mar de rosas, há dificuldades sérias, mas pelo menos acontecem coisas. Aqui não, o que se verifica é que a maior parte do rock, do jazz e até alguma música clássica são produtos de entertaining, variedades. Há algumas franjas de prestígio que dão status, mas não passam disso. A Gulbenkian será uma excepção, podia ser melhor, mas sem ela não haveria o pouco que ainda há.

Rui Eduardo Paes

Sob o signo das Descobertas

Enquanto o Ministério da Educação não se decide por uma verdadeira e consistente reforma do ensino artístico em Portugal, o coreógrafo Paulo Ribeiro decidiu tomar em mãos um projecto de dinamização cultural junto de uma escola preparatória dos subúrbios da capital. «O beijo da técnica no futuro» é o produto de alguns meses de um trabalho que juntou crianças sem qualquer treino teatral específico a bailarinos profissionais, como no passado fim-de-semana pôde ser visto, no Centro de Arte Moderna, por um público um tanto diferente daquele a que se destina.

A concepção e realização do espectáculo, excelente para o roteiro das escolas, é de Paulo Ribeiro, a partitura musical foi especialmente composta por Luís Cília, os figurinos são da autoria de João Zhoraide e as luzes têm a assinatura de Paulo Graça. «O trabalho surgiu da opção de confrontar alguns alunos de uma escola divorciada das problemáticas teatrais com uma experiência totalmente nova», referiu o artista ao «DL». Na base, uma consideração: «O trabalho escolar é ainda bastante incompleto no actual sistema de ensino, encarando-se o desenvolvimento físico como um acto desportivo, de natureza competitiva.» Convinha, pois, que se trouxesse para terreno escolar a ideia de «corpo comunicativo», que Paulo Ribeiro classifica como «uma semente lançada num terreno fértil e produtivo».

Começou-se inicialmente por enviar uma estrutura básica de trabalho a diversas escolas, donde se escolheu a mais interessada, aquela que melhor acolheu o projecto. Um projecto que, não obstante a co-produção da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, não teve como objectivo inicial tematizar as navegações portuguesas. Dever-se-ia sim partir de uma premissa ligada ao imaginário infantil doméstico, desenvolvê-la e projectá-la no futuro. A Comissão permitiu a viabilização financeira dos objectivos do coreógrafo e seus colaboradores, com a vantagem de também contribuir para a aprendizagem de episódios da nossa História - no caso a Descoberta do Brasil -, uma vertente funcional virada para as artes do corpo.

De entre as várias propostas lançadas pelos docentes da Escola Preparatória de Miraflores, as crianças, cuja faixa etária se situa nos onze anos - inventaram um guião a partir do qual o texto coreográfico se foi construindo progressivamente. As aulas de educação musical e educação visual proporcionaram um trabalho de campo entre docentes e discentes, do qual saíram pistas preciosas tanto para o compositor como para o figurinista.

A inclusão de quatro artistas profissionais (Aldara Bizarro, Daniela Graça, Rosário Vale e Vítor Garcia) saldou-se num confronto propositado, um contraponto ao trabalho das crianças, que revelaram uma imaginação extraordinária ao longo de todo o processo.

«Todos os intervenientes colaboraram activamente nesta partitura, inclusivamente a nível de instrumentação. Deram-me pistas e sugeriram-me climas musicais. Acabei compondo uma das músicas mais modernas de toda a minha obra», dissenos por sua vez Luís Cília.

Paula Bárcia, a coordenadora do grupo que deu assistência ao projecto, acrescentou: «Foi uma experiência inolvidável para todos, nos mais diversos aspectos, pois o que se conseguiu em quatro meses de trabalho foi tão importante que eles hoje já possuem uma visão muito diferente de conceitos como cultura, arte e vida.» Resta saber se terá continuidade, se outras escolas partilharão das descobertas...

António Laginha

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/2015

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kV, 163 metros, com origem no apoio n.º 2 da linha para o PT SMG 39 C e término no PT SMG 161, sita na propriedade da Palhota freguesia e concelho de Salvaterra de Magos, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SALVATERRA DE MAGOS durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 5 de Junho de 1990 *João Manuel F.C. Garcia*
Director de serviços

«DL» — 12/6/90

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-C Processo 1/464

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., DIRECÇÃO DISTRIBUIÇÃO TEJO a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Modificação da linha aérea a 30 kV, 545 metros, com origem no apoio n.º 13 da linha para o PT ARR-3 Mosteiros — Arronches e término no PT n.º 1179 no Moínho do Bacharel, freguesia de Mosteiros, concelho de Arronches, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ARRONCHES durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

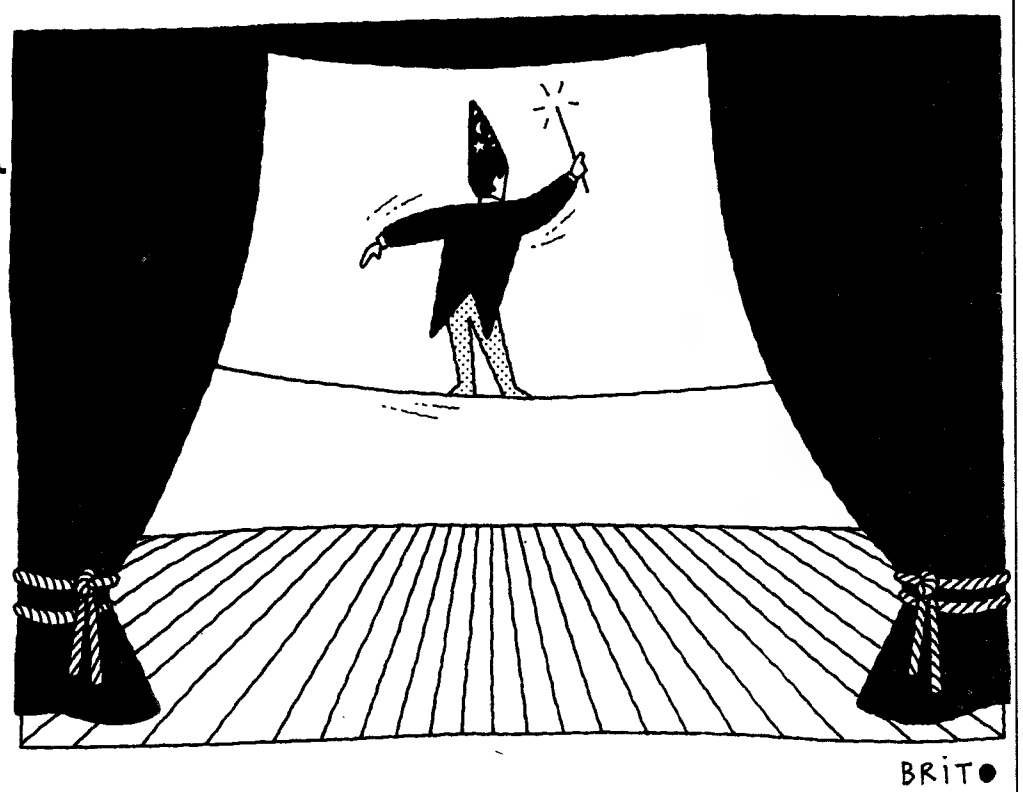
Lisboa, 5 de Junho de 1990 *João Manuel F.C. Garcia*
Director de serviços

«DL» — 12/6/90

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS • SÓ ATÉ 10 JULHO
SALA NOVA SALA 1
CURTA SERIE DE ESPECTACULOS!
O ESTRANGEIRO EM CASA
TEXTO • RICHARD DEMARCY
MUSICA • JOSE MARIO BRANCO
M/12 A
UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO
TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOAO GOMES
M/16 A
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA
DIARIAMENTE AS 21,30H • DOMINGO AS 17 H • 2ª FEIRA FOLGA
APOIOS F. GULBENKIAN • REMEDIUS • MUSIC CINE FOTO AVIZ • APOIO PUBLICO
SUBSIDIO S.E.C. MARCAÇÕES T. 726 0818

13º FITEI

No fim, a melancolia



Era mais ou menos a meia-noite de domingo quando um dos actores do Xarxe Teatre desceu melancolicamente do palco improvisado nos Arcos de Miragaia. A chuva caía, os raios atravessavam o céu, lá para os lados do rio e do mar os trovões rimbombavam como se os técnicos lá do alto arrastassem pesados cenários do que viria a ser o próximo espectáculo. Infelizmente, as centenas ou milhares de portuenses que costumam encaminhar-se para Miragaia a fim de participar na festa que o FITEI lhes proporciona não tiveram desta vez direito a essa pequena parcela de felicidade, antecipação dessa festa maior que é o São João portuense. Assim acabava este 13º FITEI.

Antes disso, outros espanhóis, os do Teatro Geroa, de Durango, Biscaia, uma das melhores companhias do País Basco, apresentaram no Rivoli o seu mais recente espectáculo, «Durango, um Sonho. 1439», encenação de Paco Obregon de um texto de Ignacio Amestoy Egiguren, dramaturgo conhecido no Porto por ser o autor de «Ederra», primeiro espectáculo dos Comediantes.

«Durango, um Sonho. 1439» é a dramatização, em forma de ritual carnavalesco, de uma utopia, a da comunidade de corpos e almas, vivida por Frei Afonso de Mella e pelos seus seguidores, padres e freiras, assim como por parte da população de Durango. Contra esse sonho levantou-se o irmão de Afonso, cardeal Juan de Mella, para quem a dor seria o princípio de todas as coisas, não o prazer. É ele quem comanda o exército enviado pelo rei de Castela, João II, para vencer os heréticos; antes disso, porém, Afonso foge para Granada, o que parece confirmar aquilo que no seu comportamento era excessivamente ambíguo para ser credível: a sua vocação para o mando (se o prazer era repartido, o poder era de um só).

Num praticável em curva, que ocupava o palco, coberto por uma pele branca, cenário simples e perfeito, o espectáculo do Teatro Geroa procura a utopia impossível: ser ao mesmo tempo belo, comunicativo e livre. Falha nessa procura de um clima de festa, de um carnaval do princípio do mundo, de uma carnalidade absoluta, de uma beleza sem mácula, porque não podia deixar de falhar.

Ganha em alguns dos seus elementos, em especial pela maneira como está vestido (nalgumas cenas despido), pela criatividade dos figurinos e das máscaras; ganha pela criação de algumas personagens, como Aristóteles, que é curiosamente um bufão, ou a de Txakurra, a mulher que substitui Afonso; ganha ainda pela maneira como contrasta os elementos fundamentais da dramaturgia: a fidelidade implacável à fé e o privilégio da libertação (já vimos que incompleta).

Trata-se de um espectáculo discutíve l pelas suas propostas e afinal pela duplicidade das místicas que o enformam.

Razões suficientes para ser tido em conta num festival por vezes demasiado conformista.

De Coimbra, os Bonifrates

Não se pode falar de conformismo a propósito do espectáculo da Cooperativa Os Bonifrates, de Coimbra, agora a comemorar os seuss 10 anos de existência. O grupo trouxe ao FITEI a peça de Alfonso Sastre «Os Homens e as Suas Sombras», que apresentou em Coimbra no início do ano, em estreia absoluta. É de certo modo, como o autor e o grupo querem, um espectáculo inquietante mas é também incomodatício por razões que têm a ver com a irregularidade de um texto dividido em cenas («Terror e Miséria no IV Reich», é o seu título brechtiano) de valor e de impacte desiguais. Mas também pela incapacidade de o elenco amador corresponder às exigências do texto.

«Os Homens e as Suas Sombras» decorre numa Alemanha ao mesmo tempo do futuro e do passado recente, e essa é uma ambiguidade que a marca, mas o que há de mais curioso consiste no facto de passar por todas as espantosas mudanças que têm ocorrido a Leste sem perder a sua credibilidade, isto porque se situa num espaço mental que tem mais a ver com uma problemática civilizacional do que com uma problemática imediatamente política. Podemos talvez dizê-lo de outra maneira: a peça é tanto mais interessante quanto mais nos coloca perante problemas do futuro e menos comunicante, até pelas ambiguidades que as atravessam, nas cenas em que são levantados problemas recentes, como é o caso do terrorismo.

Uma polémica africana

Depois do Mutumbela Gogo, de Moçambique, e do Grupo Experimental de Teatro, de Angola, foi a vez de outro grupo moçambicano, o Tchova Xita Duma, que obteve em 89 um grande êxito com um espectáculo político intitulado «Black and White». Desta vez o grupo trouxe ao FITEI, com encenação de José Pinto de Sá, um texto de um escritor de Moçambique, Orlando Mendes. Publicada em 1970, a peça «E um dia, a esta hora» é uma obra breve, insólita sob o ponto de vista da estrutura dramática, uma obra ao mesmo tempo repetitiva e aberta ao prolongamento da história nuclear em que se baseia, lembrando, como modelo reconhecível, a peça de Schnitzler «Dança de Roda».

A história que se conta é a de um negro que procura um professor para que ele o leve ao exame da 4ª classe, de modo a vingar-se da vida. No seu contacto com o professor, que sempre se recusa a levá-lo a exame, o negro vai contando a sua história, história de um homem injusticiado em criança.

A injustiça e a solidão levam-no à loucura, como no fim sabemos. A peça foi dividida em vários quadros, com as duas personagens interpretadas por vários actores. Na cena final, e para reforçar o carácter circular da obra, o aluno do primeiro quadro é interpretado pelo actor que interpretara o professor, e vice-versa.

Este texto é no seu género uma obra-prima que foi aproveitada por José Pinto de Sá para ilustrar o processo político da evolução de Moçambique. Sem alterá-lo, apenas através de sinais evidentes mas extremamente simples, o encenador e dramaturgista conseguiu dar um tempo diferente à acção da peça, como se metade desta se passasse no período pós-independência (a peça, repetimos, é de 1970). Por isso, nos dois quadros finais, com um casaco à Mao e uma posição diferente da boina, o intérprete do professor surge como um guerrilheiro, substituído no último quadro pelo professor do Partido. Através destas duas personagens, o espectáculo critica o regime, a sua verborreia sem sentido, no primeiro caso, o consumismo e a corrupção no segundo.

Foi este o espectáculo polémico do festival, polémica levantada essencialmente pelos elementos do Grupo Experimental de Teatro, de Luanda, indignados por aquilo que consideravam ser impróprio para vir a um festival como o FITEI, e pelas referências políticas, aparentemente anti-Frelimo, que o espectáculo moçambicano veicula.

Seria fácil e lucrativo ao observador considerar que a reacção dos angolanos, elementos de um grupo oficial, resultaram de posições de uma ortodoxia política e ideológica que hoje ninguém aceita. O problema é que as coisas não são assim tão simples. Na verdade, o espectáculo, sob o ponto de vista do seu discurso ideológico, não escapa ao carácter esquemático de que justamente acusa os outros. Não tem em conta o leque de terríveis problemas e de soluções difíceis que uma situação como a moçambicana implica.

No entanto, as reacções angolanas só são aceitáveis como posição meramente especulativa ou crítica porque a criação e existência da peça demonstra como é através da discussão ampla e livre das questões - mesmo correndo o risco da arbitrariedade - que é possível encontrar soluções tão consensuais quanto possível. Essa aceitação da liberdade que o espectáculo implica parece ser a prova de que a discussão é praticável. O que se coloca ao mesmo tempo contra e a favor do espectáculo.

Tenha-se em conta, além disso, que a crítica dos angolanos decorria de outras razões, mais de ordem estética. É que o espectáculo não consegue superar os problemas que a proposta implicava.

Ao defender a criação daquilo a que chama Teatro Puro, que tem como centro o actor, José Pinto de Sá elimina um ritmo, um tempo específicos, uma expressão própria do teatro de raiz africana, forçando actores, mas também espectadores, a assumir padrões de criatividade supostamente internacionalistas, correndo o risco da inautenticidade.

Carlos Porto

Vozes no feminino— Jovem professora de Filosofia, escritora a sua maior ambição, Ana Paula Portugal tem, da vida, uma concepção pessimista. Exige o absoluto, mas o relativo trava-lhe os passos. Apesar disso (ou por isso mesmo) estamos em crer que à luz dará muitos títulos...

A vida? Uma *chiclet*! Goma de mascar...

- Então, amanhã, junto do relógio da estação...? Certo...?

- Certíssimo!

Mas não. No dia seguinte, ela não se encontrava junto do relógio da estação, ali no Rossio, o trânsito automóvel a deslizar cá por fora.

Depois, à noite, um telefonema:

- Ó pá, desculpa... A vida é goma de mascar. Cospe - e pronto!

Enfim - são tantos os encontros-desencontros da vida, tantas as escadas subidas para patamares vazios, tantos os passeios dados para fim nenhum, que, em situação de angústia, nos sentimos estar sempre no meio de qualquer coisa por definir.

- Eu sou assim - costumava dizer Ana Paula Portugal, professora de Filosofia por terras do Alentejo, escritora jovem, teima que teima nas palavras. - Mas acredite que estou dentro e no meio de si...

- Ora!

Este *estar no meio*, fora dos pontos cardeais da vida quotidiana, cria em nós (generalizando agora até para defesa própria) uma situação de angústia, de perdição no deserto, sempre longe de qualquer oásis. Ana ria-se de tal, encolhia os ombros, dizia, os olhos perdidos para além da esplanada exterior do Hotel Central de Sintra:

- Somente os cegos e os surdos se acomodam e se dão por felizes nos caminhos cruzados da existência. Creia, Pedro, que é assim... Esses são os que vêem as coisas como elas, de facto, não são: tudo em ordem, tudo arrumado, tudo devidamente numerado. Como...? Deixe-me, deixe-me falar... Esses tais, sejam homens, sejam mulheres, tratam os semáforos com grande familiaridade, fazem perguntas que de imediato obtêm respostas, prezam as moradas fixas - e nunca, mas nunca!, se interrogam.

Tal gente, meu caro, sofre de uma ignorância santa, imaculada - e a sua maneira de agir encontra-se em paralelo com as órbitas dos planetas, com a exactidão dos eclipses, com a velocidade constante da luz. Bom seria (talvez) que todos nós assim fôssemos...

Uma outra casta de pessoas

- Talvez, talvez...

- Mas não. Existe uma outra casta de pessoas que (passe a expressão) não é *matemática* por natureza. Aliás, você já o escreveu quando se referiu ao meu livro, editado pela Contra-Regra, «Minha Querida Adolescente»... Furtam-se, essas pessoas, a quaisquer...

- Vai mais um café...?

- Não. Antes um Martini seco... E tome você também um, a fim de se mostrar mais afoito... Continuemos, no entanto. Furtam-se essas pessoas, com estava dizendo, a quaisquer regras, exorbitam, estão sempre fora de qualquer geometria - e, porque assim são, surgem-nos, para o bem e para o mal (o que são o mal e o bem...?), como pessoas ímpares, isto é, sem pares que sejam a sua rima. Perdem-se (como você o notou, está a ficar espertinho, não há dúvida!) na errância, andam à deriva, deambulam como se obedecessem às palavras de um qualquer coro grego, fora de qualquer tempo e sempre actuando num espaço em fuga ao espaço que temos como certo e de-

Ana Paula Portugal

tectável.

- Nem sempre assim, nem sempre assim...

- Ó tanas! Digo, e digo e digo... Em certa medida (se é que há medida para qualquer coisa...), em certa medida, essas pessoas assemelham-se ao poeta que aspira à prosa. Aí tem: você, com alguns livros de poemas, não está a escrever um romance...? Desde já lhe digo que o não vou ler. Trata-se da apologia de uma mulher. Pelo menos assim percebi, quando sobre esse romance conversou comigo...

- Nada disso, Ana, nada disso...

- Tá bem, que já o conheço! Mas estava eu a dizer... Ah, que certas pessoas se assemelham ao poeta que aspira à prosa. Ou, então, por outras palavras: ansiariam por sair da marginalidade que lhes é inerente e transitar para a normalidade comum. Mas...

Pardais ao cesto

- Só para a provocar, Ana. Talvez fizessem bem...

- Pardais ao cesto, meu querido! Essa passagem para a normalidade comum é-lhes impossível - e quando, porventura, se situam no quadriculado lógico do calendário, se vão pelos dias como as outras pessoas, é sempre (ou quase) em situação transitória.

- Tudo transita, Ana...

- Pardais ao cesto! Eu refiro-me a uma outra espécie de transitoriedade... Uma transitoriedade que, por certo tempo, se processa como que ao longo do paralelismo de uma via férrea - e que, numa euforia súbita, acaba por descarrilar antes do fim da linha...

- Que tragédia! Um cigarro...?

- Sim, que já estou sem nenhum... Tragédia...? Pardais ao cesto! Sem tragédia nenhuma, uma vez que precisamente a tragédia se integra na personalidade de quem habita a outra margem da vida.

- Ana, um pouco de calma para eu coordenar ideias. Como sabe, viajo todos os dias de comboio... Tenho vias férreas, paralelas até mais não, dentro de mim. Perante as suas palavras, sinto-me a descarrilar um pouquinho. Isto é...

- Diga...

- Tudo o que me está a dizer enfia como uma carapuça no seu livro, nessa «Minha Querida Adolescente» que, praticamente, me ofereceu sem dedicatória, e sobre o qual escrevi tocado de emoção...

- De certo modo, sim...

- De certo modo...?

- Sim, sim! Você escreveu que era um livro inquietante. Eu trago essa nota de leitura aqui na minha saca a tiracolo... Gosta da minha saca a tiracolo...?

- Detesto, Ana. Você tem um perfil clássico, não lhe vai lá muito bem...

- Um perfil clássico com o meu cabelo cortado tão rentinho...? Bem - deixemo-nos de coisas. Ora aqui está o que você escreveu. Ouça: «É, por diversos motivos, um livro inquietante, muito embora o humor, por vezes, se situe nas suas páginas. Mas é, acima de tudo, um livro escrito por uma pessoa que *está no meio*, ora numa margem, ora noutra margem - e se desbobina qual um filme simultaneamente do princípio para o fim e do fim para o princípio. Mais ainda: quando se apresentam primeiros planos, tomando toda a página, o leitor é sugado pela sensação de abismo, ou de poço que o estrangula lá no fim, ou então de parede contra a qual se magoa na tentativa de uma abertura para percepção do que lhe é proposto e contado...»

- Eu escrevi isso...?

- Pardais ao cesto! Preto no branco! E ainda mais... Ouça só... «E tal é conseguido de maneira funda: quem se retrata, ora utilizando o ortónimo, ora utilizando heterónimos, nunca se revela de maneira solar, pois se desenha em dois tons, o diurno e o nocturno, a copulativa (*e*) substituída por um quarto crescente, por um quarto minguante...» Tal e tal e tal... «Não é de maneira nenhuma um livro de linhas paralelas, cada uma independente da outra, seguindo, enfim, o seu destino. Elas cruzam-se e voltam a cruzar-se, emaranham-se, em novelinho cerrado, como que preenchendo, de maneira infinita, a superfície finita de uma esfera.» Escreve também que escrevi sem pudor de qualquer espécie...

- Talvez haja em si um certo fingimento... Não nego uma grande frontalidade, mas...

- Meu amigo... Fingimento ou não, o certo é que nunca pude com sepúlcros caiados de branco - e o meu livro é como é e eu sou como sou...

Goma de mascar

- Afinal, talvez, uma pessoa bem comportada...

Ana riu-se, pediu um café, disse:

- Consigo, sei lá porquê!, comporto-me bem. Nunca descarrilei lá muito... E gosto de estar consigo, a falar horas sem fio. Talvez lhe tenha alterado um tanto a casa, isto é, desarrumado os seus livros, os seus papéis, partido um copo ou outro...

- Bem, são coisas que acontecem... Mas também foi segurando a minha casa...

- Segurando...?

- Eu conto... Embora a Ana fume como um cavalo, a verdade é que também anda sempre na boca com goma de mascar... Ora aconteceu muitas vezes que... Agora até me rio...

- Aconteceu muitas vezes o quê...?

- Quando a Ana se ia embora, para Cascais ou para as suas escolas do Alentejo, acontecia muitas vezes que, ao mudar um cinzeiro, o cinzeiro não saía do do sítio.

- Não saía do sítio...?

- Não. A Ana semeava a casa com *chiclets*, de todas as cores, um por aqui, outro por ali, debaixo disto, debaixo daquilo... Muitas vezes sob este e aquele cinzeiro. Eu ia com a mão, o cinzeiro cheio de cigarros, e pronto!, o cinzeiro não saía do sítio. Coisas...

E Ana, acendendo mais um cigarro:

- Aí tem! Fui sempre uma pessoa apegada às coisas e às pessoas... A minha intencionalidade é essa: as coisas e as pessoas. Depois, despego-me. A não ser que me ofereça um pacote de goma de mascar. Vamos a isso...?

- Vamos a outra coisa. Isto é: vamos a uma pergunta... Algum livro na forja...?

- Muito no princípio. Estou exausta! Você sabe lá o que é ser professora... Mas depois dou-lhe notícias. Sabe o que me apetecia agora...?

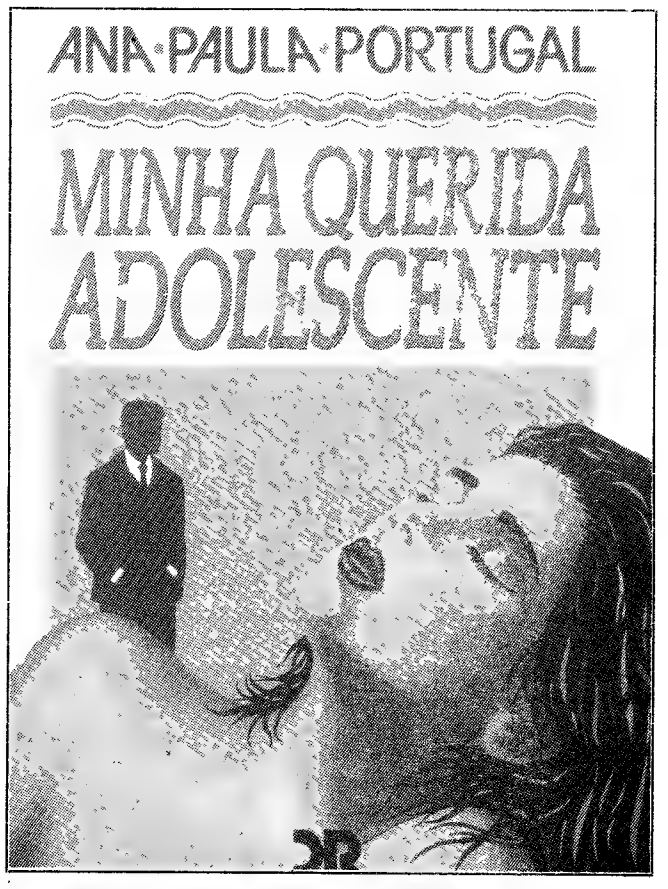
- Diga...

Ela deixou a cadeira e disse:

- Já que estou em Sintra, apetecia-me ir até ao Castelo dos Mouros. Que tal...?

E fomos. Como ela estava contente! Era, sem dúvida, a minha querida adolescente...

Pedro Alvim



teatro da Cornucópia

UM POETA AFINADO

Manuel de Figueiredo

CURTA CARREIRA

Dramaturgia: Manuel João Gomes; **Encenação:** Luís Miguel Cintra; **Cenário e figurinos:** Cristina Reis; **Montagem:** Fernando Correia; **Guarda-roupa:** Emília Lima (cedida pelo T. N. D. Maria II); **Adereços especiais:** João Calvário; **Interpretação:** Adriano Luz, António Fonseca, Fernando José Oliveira, Gilberto Gonçalves, José Manuel Mendes, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Luísa Cruz, Maria José, Márcia Breia, Roberto Candeias, Rogério Vieira, Rui David, Rui Mata-Mouros e Teresa Madruga.

TEATRO DO BAIRRO ALTO: Rua Tenente Raul Cascais, 1-A — 1200 Lisboa
Telef.: 396 15 15/396 92 05

De 3.ª a sábado, às 21.30h, e domingos, às 16h
Atenção: O espectáculo começa **pontualmente**
Não é permitida a entrada na sala depois do início

Mário de Sá-Carneiro no Círculo de Leitores

Edições e «corrimões»

Infelizmente, ainda não é desta que Mário de Sá-Carneiro tem a obra reeditada condignamente. Apesar de estarmos no centenário, nem tais celebrações justificaram grande aprumo por parte do Círculo de Leitores que lança agora as pretensas "Obras Completas". O primeiro volume inclui a "Poesia" (o segundo será a "Prosa") e foi apresentado há dias.

O livro é composto por um prefácio de Nuno Júdice, seguido da selecção de poemas, cuja origem rapidamente se identifica como sendo mista: a fixação da maioria dos textos é copiada da "Obra Poética", reunida por António Quadros em 1985 (para a Europa-América). O restante foi reproduzido dos "Poemas Juvenis", publicados por François Castex em 1986 (Centro de Estudos Pessoanos).

Nenhum dos poemas está situado em termos de obra, de primeira publicação ou de fixação original do texto. Prevendo talvez o desastroso resultado desta sucessão de cópias anónimas, o Círculo de Leitores não identifica o organizador da edição, deixando a Nuno Júdice - após o muito escasso trabalho de um prefácio sem explicações - o enorme trabalho de arcar com todas as culpas.

Normalmente, a ausência de ética (omissão das fontes onde o direito de autor pode ser discutível - caso da fixação de textos) costuma ser uma faca com dois gumes. Porque o usurpador passa a ser dono das responsabilidades e dos erros alheios.

No caso, e como se não bastasse o discutível procedimento editorial, acrescentam-se ainda, aos erros das edições utilizadas, muitos erros "originais". A cópia da edição organizada por António Quadros pode ser desculpável - pese embora a ausência de citações sobre a fixação do texto (em 1985, a própria Europa-América utilizou - com citação da fonte, note-se - uma parte desses poemas a partir da edição da Ática). Mas a segunda cópia é menos ortodoxa. Os "Poemas Juvenis" pertencem a um caderno manuscrito comprado pelo próprio François Castex, que o pagou por bom preço. Acontece que François Castex não foi ouvido nem achado para esta edição. Mais do que isso, os "Poemas Juvenis" nem sequer constam de bibliografia apontada, deixando ao leitor a interrogação: teriam eles sido descobertos pelo Círculo de Leitores?

Foram, pelo menos, "redescobertos". Porque, além das hesitações na grafia (Quinta da Victoria ora aparece com um *c*, ora sem ele), chegam a acrescentar-se sílabas à edição de Castex. Onde Mário de Sá-Carneiro escreveu "asp'reza", aparece "aspereza". Provavelmente, o compilador anónimo julgou que, na época, a palavra se escrevia com apóstrofe!

Os únicos textos que esta edição vai buscar à origem são aqueles que Mário de Sá-Carneiro escreveu em 1908-1909, na revista "Azulejos". Mais uma vez, não se explica onde foram publicados. Alguns erros da ausência de pesquisa contribuem para a confusão. Por exemplo, chamar-se "Comedie" à revista "Comoedia".

Os chamados (pela Ática) "Últimos Poemas" são outra das zonas onde os compiladores andam em autogestão. Tome-se como exemplo "O Fantasma". Em relação ao manuscrito, o Círculo de Leitores acrescenta um travessão e três vírgulas; corta três outros travessões e duas reticências. Tendo em conta que se trata de um soneto, é uma boa média por verso.

Noutro dos poemas - "Aquele Outro" - o título aparece alterado para "Aqueloutro" (o que não é, necessariamente, a mesma coisa). No resto, seguem-se também as duas edições da Ática e da Europa-América, nenhuma das quais condiz com os dois manuscritos conhecidos. O Círculo de Leitores vai buscar à Ática as reticências com que remata o poema. Mas a vírgula na última linha ("O mago sem condão, o Esfinge Gorda..."), que está nas duas matrizes usadas, não figura em nenhuma das versões do manuscrito. Quando muito, há um travessão ("O mago sem condão - o Esfinge gorda..."), na versão enviada a Fernando Pessoa em papel do Café Riche. A outra versão não tem reticências no fim; e em nenhuma figura a palavra "Gorda" com maiúscula. Mas, como a Ática e a Europa-América assim publicaram, assim aparece no Círculo de Leitores. O facto de Mário de Sá-Carneiro não aceitar a expressão "Esfinge Gorda" como um todo (mas acrescentar o adjectivo - com minúscula - à designação de "Esfinge") é significativo e altera um pouco as conclusões que estamos habituados a ouvir.

O apogeu dos disparates é, contudo - em "O Fantasma" - a substituição da palavra "corrimãos", correctamente escrita por Mário de Sá-Carneiro, pelo incorrecto "corrimões".

Esta edição "completa" omite alguns poemas já conhecidos e publicados, como é o caso de "A Mulher Grávida" (de 1912) e "Não" (de 1916), ambos publicados na revista "Alma Nova"; ou de "A Aula de Física" (de 1904), publicada no jornal "O Chinó"; ou de "O Estrume" e "O Porte Telegráfico", publicados em 1981 pela "Nova Renascença". A estes casos, acrescentem-se ainda os inéditos cujo paradeiro não é ignorado pelos estudiosos, como é o caso da segunda parte dos poemas juvenis.

Pode partir-se do princípio de que é legítimo divulgar sem qualquer informação ou qualquer enquadramento prévio as obras infantis e de adolescência dos grandes poetas. Mas, mesmo nesta frágil opção, há maneiras e maneiras. E há maneiras sem maneiras nenhumas. Claro que não se deve exigir a um clube do livro o rigor de edições críticas. Mas, dada a abundância de meios, esperar-se-ia uma coisa minimamente asseada. A edição da Europa-América - que é de bolso - tem, ao menos, o rigor da citação das fontes e de enquadramentos condignos.

Para quando as obras mesmo completas (e reais) de um dos nossos maiores poetas?

A edição do Círculo de Leitores marca o apogeu de um século inteiro de maldições. O que é que ainda faltará acontecer à obra de Mário de Sá-Carneiro?

Marina Tavares Dias

SINTRA Verão 90

ANIMAÇÃO TURÍSTICA
SINTRA

XXV FESTIVAL DE SINTRA
14 DE JUNHO / 15 DE JULHO 1990

Quinta-feira, 14 de Junho, 21.30 h – Palácio Nacional de Queluz
MARIA JOÃO PIRES piano
AUGUSTIN DUMAY violino
Brahms
Sonata n 3 para violino e piano en re menor op 108
Beethoven
Sonata n 5 para violino e piano em fa maior op 24
Mozart
Sonata para violino e piano em sol maior K 301
Debussy
Sonata para violino e piano

Segunda-feira, 18 de Junho, 18.00 h – Palácio da Pena
IAN FOUNTAIN, piano
Schubert
Sonata para piano em si bemol maior D 575
Liszt
Balada n 2 La Lugrube Gondola Les Jeux d eau a la Villa d Este
Chopin
Barcarola em fa sustenido maior op 60 Três Mazurcas op 63 Polaca em lá bemol maior. op 53

Quarta-feira, 20 de Junho, 18.00 h – Palácio Nacional da Pena
CATHERINE COLLARD. piano
Fauré
Tema e variações
Debussy
Três preludios: Ondine Canope e Feux d Artifice
Brahms
Peças para piano. op 118
Schumann
Sonata em fá sustenido menor op 11

Sexta-feira, 22 de Junho, 21.30 h – Palácio Nacional de Sintra
MICHEL PORTAL clarinete
ALAIN PLANÈS piano
Brahms
Sonata em fa menor para clarinete e piano op 120 n 1
Sonata em mi bemol maior para clarinete e piano op 120 n º 2
Schuman
Três peças de fantasia para clarinete e piano op 73
Debussy
Rapsódia para clarinete e piano

Domingo, 24 de Junho, 18.00 h – Quinta do Vinagre
JORGE MOYANO. piano
Schumann
Carnaval op 9
Brahms
Três intermezzi op. 117
Chopin
Quatro valsas Sonata em si menor op 58

Terça-feira, 26 de Junho, 21.30 h – Palácio Nacional de Queluz
GABRIELI STRING QUARTET
MIKHAIL RUDY. piano
Dvorák
Dois Ciprestes para quarteto de cordas Quarteto de cordas em dó maior. op 61
Brahms
Quinteto com piano em do menor op 60

Sexta-feira, 29 de Junho, 18.00 h – Quinta da Piedade
JOSÉ CARLOS COCARELLI piano
MICHAEL ZILM maestro
ORQUESTRA GULBENKIAN
Ravel
Ma Mere Oye
Beethoven
Concerto n 4 para p ano e orquestra em sol maior op 58
Schumann
Sinfonia n 1 em si bemo maior op 38

Sábado, 30 de Junho, 18.00 h – Quinta da Penha Longa
JEAN-FRANÇOIS HEISSER piano
Brahms
Sonata para piano em fa menor op 5 n 3
Granados
Cenas Românticas
Albeniz
Iberia segundo caderno

Domingo, 1 de Julho, 18.00 h – Quinta da Piedade
TZIMON BARTO
Liszt
Estudos de Execução Transcendente ciclo integral

Terça-feira, 3 de Julho, 21.30 h – Palácio Nacional de Sintra
TRIO WANDERER
Mendelsshn
Trio com piano em do menor op 66 n 2
Tchaikovsky
Trio com piano em la menor op 50
Chausson
Trio op 3

Sexta-feira, 6 de Julho, 18.00 h – Quinta do Vinagre
GEORGES PLUDERMACHER piano
Schumann
Cenas Infantis op 15
Liszt
Sonata em si menor
Debussy
Preludios (I Livro)
Ravel
Gaspar de la Nuit

Segunda-feira, 9 de Julho, 18.00 h – Quinta da Piedade
ANDREA LUCCHESINI, piano
Chopin
Três improvisos Sonata n 2 em si bemol menor. op 35
Debussy
Dois Arabescos Suite Bergamasque: Estampes

Quarta-feira, 11 de Julho, 18.00 h – Quinta da Penha Longa
PETER DONOHOE. piano
Debussy
Images primeiro caderno
Beethoven
Sonata para piano em dó maior op. 53 («Waldstein»)
Rachmaninov
Treze Preludios. op 32

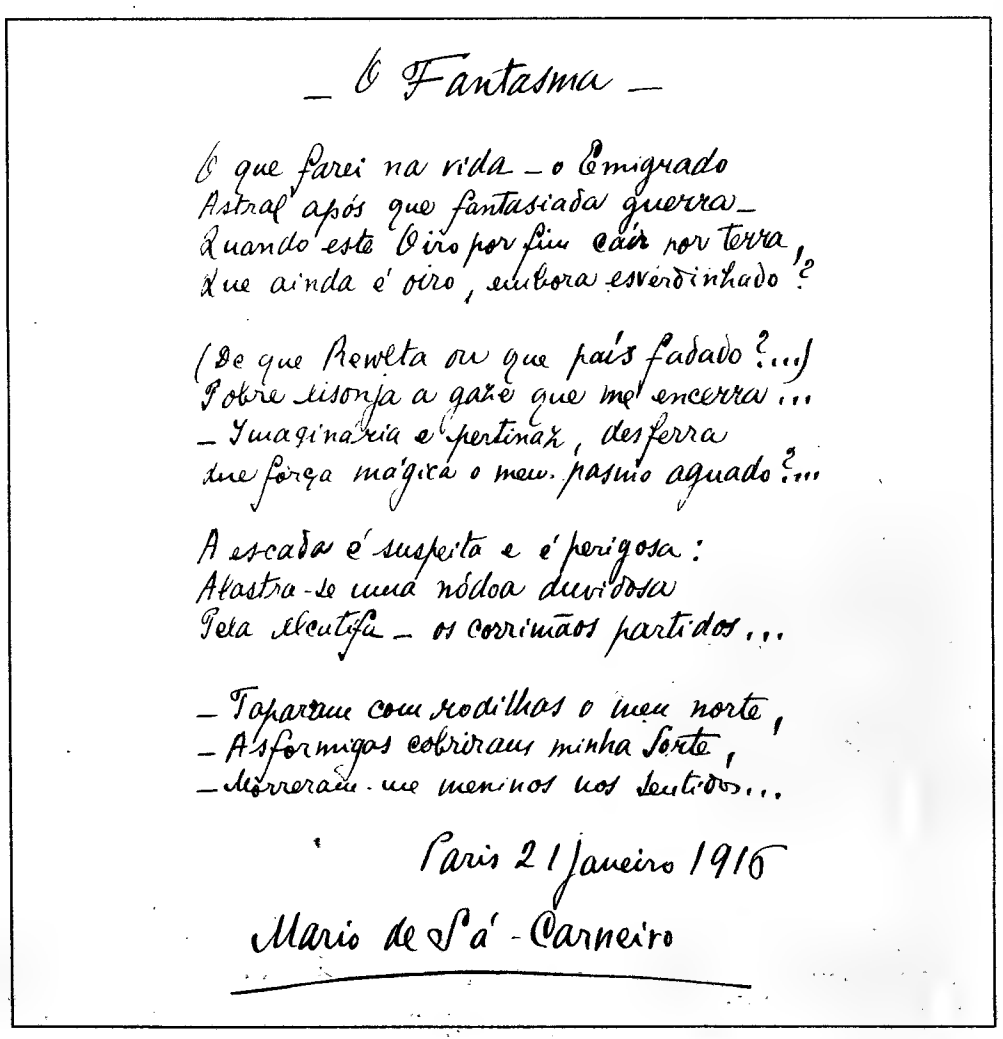
Domingo, 15 de Julho, 21.30 h – Palácio Nacional de Queluz
SEQUEIRA COSTA. piano
Schumann
Carnaval de Viena. op 26
Chopin
Vinte e Quatro Prelúdios. op. 28

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA
INFORMAÇÕES: Turismo de Sintra: Telef. 923 54 01 / 923 11 57

BILHETEIRAS: Turismo de Sintra das 9.00 às 20.00 horas • Turismo de Colares: Telef. 929 26 38 • Valentim de Carvalho (Amoreiras) das 10.00 às 23.45 horas • Nos locais 1 hora antes do espectáculo

ESPECTÁCULO: **1250$00**
Desconto de 10% para portadores de Cartão Jovem

APOIO:
Fundação Calouste Gulbenkian / Secretaria de Estado da Cultura / Câmara Municipal de Lisboa / British Council / Embaixadas do Brasil e França / Enatur / Cartão Jovem / Instituto de Promoção Turística / Agência Abreu / Banco Pinto e Sotto Mayor / Sarrió



_ O Fantasma _

O que farei na vida – o Emigrado
Astral após que fantasiada guerra –
Quando este Oiro por fim cair por terra,
Que ainda é oiro, embora esverdinhado!?

(De que Revelta ou que país fadado?...)
Pobre lisonja a gaze que me encerra...
– Imaginária e pertinaz, desferra
Que força mágica o meu passo aguado?...

A escada é suspeita e é perigosa:
Afastra-se uma nódoa duvidosa
Pela alcatifa – os corrimãos partidos...

– Taparam com rodilhas o meu norte,
– As formigas cobriram minha Sorte,
– Morreram-me meninos nos sentidos...

Paris 21 Janeiro 1916

Mario de Sá-Carneiro

Compare-se este original com o poema que figura na página 224 do livro editado pelo Círculo de Leitores. Em 14 linhas, houve 10 alterações; incluindo a substituição da palavra "corrimãos" pelo incorrecto "corrimões"

MUNDIAL

O COMENTÁRIO DE NEVES DE SOUSA

De lá para cá

Decididamente, os deuses tutelares dos futebois andam fazendo fosquinhices à malta, desafiando o pagode para ir tombando nas mais diferentes armadilhas, neste mundial campeonato onde Portugal cedeu todos os trunfos de mão aberta e não conseguiu qualquer direito a desfilar na montra de honra por erros (sobretudo) acumulados ao longo da vigência de um triunvirato técnico que, por um dos ramos, ainda estrebucha, tentando atirar poeira para trás das costas, alijar a carga e procurar convencer milhões de que a razão estava com quem ia por água abaixo, mas garantia que sabia nadar na perfeição.

Hoje, no nosso colega «Record», João Barnabé, professor de Educação Física e treinador de meninos com aptidões para o futebol, uma das personaldiades que esteve na sombra de Juca, afirma que *o futebol português não tem a força que se lhe apregoou* e *procurou-se transmitir uma imagem de incompetência da equipa técnica. Quando se ganhava era pelo valor dos jogadores, quando se perdia a culpa era dos técnicos.*

Ora, salvo o devido respeito, estamos diametralmente em opinião contrária. E, bastaria ir contemplando o Campeonato Mundial para rapidamnete se descobrirem diversos «pormenores» altamente influentes nas carreiras de algumas das equipas. Alguém nega que Maradona e seus pares formam uma turma de alto valor? Para os deitar abaixo chegou a argúcia de um treinador a sério, desse perfeito táctico que é Nepomniachi, apenas 46 anos mas já currículo que, na chefia do modesto bloco dos Camarões, avança em flecha. Quem será capaz de subestimar uma depauperada (animicamente) selecção amadora da Roménia, batida por todos os ventos e intempéries mas entregue a um orientador com o gabarito de Emerreich Jenel? Acaso a formação romena que colocou KO a delegação soviética tem valores muito superiores aos que podem encontrar-se entre portugueses? E, que dizer da ultramodesta (e aparentemente muito frágil) Costa Rica que, ontem, atirou ao tapete a possante e credenciada Escócia? Só que, quando o bloco abalou de São José da Costa Rica trazia como condutor um jugoslavo (Velibor Milutinovic) já com rodagem feita à frente de clubes estrangeiros de prestígio e nome firmado. Tem um longo passado como jogador de muitas estrelas, correu mundo a documentar-se com outros mestres, não estava no desemprego, e também não precisava de se colocar em bicos de pés para dar nas vistas.

Pois é: faltou muita coisa a Portugal para hoje podermos morar nas primeiras páginas de toda a Imprensa mundial, morarmos ao lado de uma Costa Rica que ensarilhou saiotes e entupiu as escocesas gaitas-de-foles, do conjunto de moços que, psicológica e fisicamente, foram preparados por bons professores para o trabalho que tinham pelas barbas. Génova é testemunha fiel e contemplativa de que os costa-riquenhos nem por um segundo se deixaram intimidar com a fama dos parceiros de outro estandarte. O poderio atlético do «onze» da Escócia (papão para muitos...) foi chão que deu uvas: então para que serve a habilidade? David fugiu de Golias?

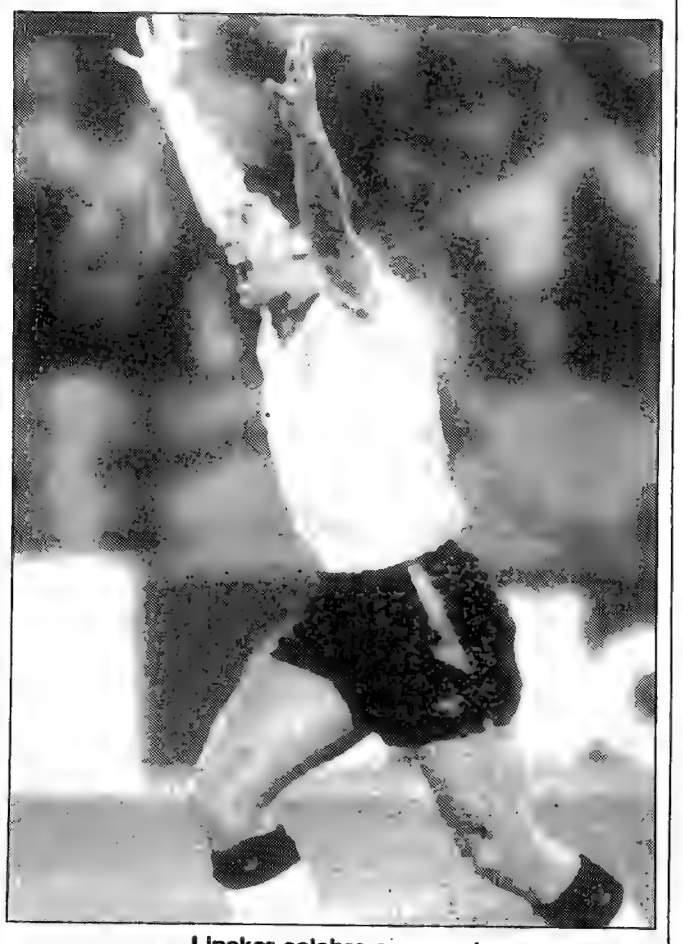
Quanto ao soberbo espectáculo de aplicação e generosidade, de espírito de luta e de talento, aquele duelo britânico em Cagliardi foi para 20 valores. O vento quase chegou a ciclónico, daí a pouco a fustigante chuva enregelava o fio dos ossos: e nem um só daqueles autênticos atletas travou o ímpeto, baixou bandeira, deixou de correr e colocar toda a genica na esgrima pela bola. Pergunta-se: o trabalho preparativo, em tom físico, dado às sucessivas selecções portuguesas que não estiveram ao bom cuidado de Carlos Queirós e Nelo Vingada, seria capaz de reptar a Inglaterra ou a Irlanda do Norte para um desafiozinho, mesmo que fosse a feijões?

Evidentemente que o leitor tem a mesma minha opinião: não foi necessário frequentar as Belas Artes para existir um Vieira da Silva. E, se Júlio Pomar não tivesse ido muito cedo estudar para Paris, para junto de bons mestres, acaso o teríamos como outro estandarte universal?

Eusébio, Alves, Artur Jorge, Futre, Rui Barros: nenhum (felizmente) se confinou aos estreitos horizontes onde se mendiga, por vezes em tom de bajulação, um saltinho fora da obscuridade. É sempre nos altos voos que se admira quem tem asas. Os portugueses, as sucessivas esquadrilhas que Juca e secretários foram atirando para o pano verde, não podiam (realmente) estar hoje alinhados no painel onde já moram terceiromundistas (Camarões, Costa Rica) ou onde volta a refulgir o tão chibatado futebol britânico? Mas, com a organização de base que teimamos em considerar utilitária e as figuras de cúpula que têm estado com as rédeas dos mais bem pagos «teams» das cinco quinas, alguém pode jurar que merecíamos justamente viver hoje sob o céu de Itália?

Os irlandeses marcaram e estragaram a festa inglesa

A segurança tem sido um quebra-cabeças. Na foto: polícias guardam símbolo do mundial



Lineker celebra o seu golo

INSTALE PORTAS DE SEGURANÇA
E... VÁ DE FÉRIAS DESCANSADO
SEMES
SEMES - SISTEMAS ELECTRÓNICOS E METALOMECÂNICOS DE SEGURANÇA LDA
Novas instalações
FUNDIÇÃO DE OEIRAS - 443 03 24

Classificações

Grupo A

Itália - Áustria, 1-0; e Estados Unidos - Checoslováquia, 1-5.

	J	V	E	D	G	P
Checoslováquia	1	1	-	-	5-1	2
Itália	1	1	-	-	1-0	2
Áustria	1	-	-	1	0-1	0
EUA	1	-	-	1	1-5	0

Faltam disputar os jogos (horas de Lisboa): dia 14 — Itália - Estados Unidos (Olímpico, Roma, 20); dia 15: Áustria - Checoslováquia (Comunale, Florença, 16h); dia 19: Itália - Checoslováquia (Olímpico, Roma, 20h); Áustria - Estados Unidos (Comunale, Florença, 20h).

Grupo B

Argentina - Camarões, 0-1; e URSS - Roménia, 0-2.

	J	V	E	D	G	P
Roménia	1	1	-	-	2-0	2
Camarões	1	1	-	-	1-0	2
Argentina	1	-	-	1	0-1	0
URSS	1	-	-	1	0-2	0

Faltam disputar: dia 13 — Argentina - URSS (San Paolo, Nápoles, 20h); dia 14: Camarões - Roménia (Nuovo Comunale, Bari, 20h); 18: Argentina - Roménia (San Paolo, Nápoles, 20h); e Camarões - URSS (Nuovo Comunale, Bari, 20h).

Grupo C

Brasil - Suécia, 2-1; e Costa Rica - Escócia, 1-0.

	J	V	E	D	G	P
Brasil	1	1	-	-	2-1	2
Costa Rica	1	1	-	-	1-0	2
Suécia	1	-	-	1	1-2	0
Escócia	1	-	-	1	0-1	0

Faltam disputar (horas de Lisboa): dia 16: Brasil - Costa Rica (Nuovo Comuale, Turim, 16h); e Suécia - Escócia (Luigi Ferraris, Génova, 20h); dia 20: Brasil - Escócia (Nuovo Comunale, Turim, 20h); e Suécia - Costa Rica (Luigi Ferraris, Génova, 20h).

Grupo D

Emirados Árabes Unidos - Colômbia, 0-2; e Alemanha Federal - Jugoslávia, 4-1.

	J	V	E	D	G	P
RFA	1	1	-	-	4-1	2
Colômbia	1	1	-	-	2-0	2
E.Árabes	1	-	-	1	0-2	0
Jugoslávia	1	-	-	1	1-4	0

Faltam disputar os jogos (horas de Lisboa): dia 14 — Jugoslávia - Colômbia (Estádio Renato dall'Ara, Bolonha, 16h); dia 15: Alemanha Federal - Emirados (Guiseppe Meazza, Milão, 20h); dia 19: Alemanha Federal - Colômbia (Guiseppe Meazza, Milão, 16h); e Jugoslávia - Emirados (Renato dall'Ara, Bolonha, 16h).

Grupo F

Inglaterra - República da Irlanda, 1-1.

	J	V	E	D	G	P
Inglaterra	1	-	1	-	1-1	1
Irlanda	1	-	1	-	1-1	1
Holanda	-	-	-	-	-	-
Egipto	-	-	-	-	-	-

Faltam disputar (horas de Lisboa): Holanda - Egipto (em Palermo, 20 horas); Inglaterra - Holanda (dia 16 — 20h, em Cagliari); Irlanda - Egipto (dia 17 — 16h, em Palermo); Inglaterra - Egipto (dia 21 — 20h, em Cagliari); e Holanda - Irlanda (dia 21 — 20h, em Palermo).

Grupo C *Costa Rica, 1 - Escócia, 0*

Juan Arnoldo Cayasso: uma estrela nasceu

Cayasso celebra o golo que marcou frente à Escócia

Camisa 14, aquele diabólico Juan Arnoldo Cayasso, nascido a 24 de Junho na aldeia de Limon, estreado como futebolista no mais que modesto Saprissa, deu ontem cabo da cabeça aos reis da Escócia, que não tinham acreditado que um «team» muito jovem, embora já com presenças nas Olimpíadas de Los Angeles e nos mundiais de cadetes e juniores, conseguisse colocar junto ao paredão Johnston, Leighton e companhia. Aconteceu: o magro tento de Cayasso (em fora-de-jogo que o árbitro não assinalou) foi primorosamente defendido durante dilatados 40 minutos pelo excepcional guardião Gabelo Conejo e seus pares. Bonito de ver.

O árbitro argentino Juan Carlos Loustau deixou passar em claro fora-de-jogo o único golo da partida: erro grave e que, neste Campeonato se repete pela 2.ª vez (aconteceu antes no 1.º tento de Careca, frente à Suécia).

COSTA RICA: Conejo; Chavarria, R. Flores, Montero e Chaves; Gonzalez, Gomez, Marchena, Cayasso e Ramirez; Jara (Medford, 86).

ESCÓCIA: Leighton; Gough (Mckimmie 2.ª parte), Mcpherson, McLeish, Malpa; Bett (McCoist, 74), Aitken, McCall e McStay; Johnston e McInally.

Golo: Cayasso (49).

O Presidente da Costa Rica, Rafael Calderon, festejou na rua a vitória da selecção do seu país.

Amarelos, 18 Vermelhos, 3

Os árbitros continuam a seguir, com extremo rigor, as instruções recebidas do Comité de Abritragem da FIFA, procedendo à exibição da «cartolina» sempre que os jogadores atentam contra as normas estabelecidas e no decurso dos nove encontros já realizados, o cartão amarelo foi mostrado a 18 futebolistas enquanto o vermelho foi exibido por três vezes, contemplando K. Biyick e Massing (Camarões) e ao norte-americano Wynalda. Os jogadores expulsos foram punidos com um jogo de suspensão e a multa de 10 mil francos suíços. .

Grupo F *Inglaterra, 1 - Irlanda, 1*

Força, vento e chuva no empate britânico

Quando o astucioso Lineker mostrou que a fase de eclipse da sua carreira (vivida quase anonimamente em Barcelona) já ia por água abaixo e conseguiu um belo golo, imaginou-se que seria fácil à Inglaterra suplantar os sempre muito animosos irlandeses que (porém) jogavam em onda, não rasgando a cortina defensiva contrária. Contudo, num despique em que o calor e entusiasmo da luta nunca resvalaram para a dureza, a persistência irlandesa teve prémio no nulo, que contentou por igual os 35 238 espectadores do Sant'Elia, de Cagliardi. Vento e chuva não desanimaram os artistas: um belo espectáculo, sem mácula no pano verde.

Magnífica direcção do juiz Aron Schmidhuber (RFA).

Inglaterra: Shilton; Stevens, Butcher, Walker, Perarce; Walddle, Gascoigne, Robson e Barnes; Lineker (Bull, 84) e Bearsdley (McMahon, 70).

República da Irlanda: Bonner e Morris; McCarthy, Moran e Staunton; Houghton; McGrath, Townsend e Sheedy; Aldridge (McLoughlin, 65) e Cascarino.

Golos: Lineker e Sheedy. Cartão amarelo para McMahon.

Árbitros para os próximos jogos

A Comissão de Arbitragem da FIFA designou para os encontros de amanhã, quinta e sexta-feiras, os seguintes árbitros *amanhã:* Erick Fredriksson (Suécia) estará presente na coordenação do Argentina-URSS e o austríaco Helmut Kohl (que dirigiu a final da Taça dos Campeões Europeus) foi indicado para o Uruguai-Espanha. *5.ª feira:* Luigi Agnolin (Itália) no Jusgoslávia-Colômbia, o mexicano Edgardo Codesal no Itália-EUA e o chileno Hernan Silva no Camarão-Roménia; *6.ª feira:* George Smith (Escócia) no Áustria-Checoslováquia e o soviético Alexei Spirin no RFA-Emirados Árabes Unidos.

MUNDIAL

Ingleses falam em excesso de zelo

Carros blindados para britânicos

Os três mil agentes policiais colocados ao redor do Estádio de Cagliari onde se realizou o confronto Inglaterra-República da Irlanda e as medidas de segurança tomadas pela organização com a determinação da «lei seca» entre outras proibições, impediram qualquer veleidade para que os 15 mil adeptos dos clubes britânicos cometessem o mínimo atentado à ordem estabelecida.

As comitivas foram transportadas para o estádio sob escolta de carros blindados e meia dúzia de helicópteros iam sobrevoando os arredores numa tentativa (conseguida) de evitar que os adeptos da violência materializassem intenções desordeiras. Exceptuando uns «piropos» trocados entre as claques dos países em «confronto» prontamente silenciados pela presença da forte dispositivo policial, nada de alarmante se registou na Sardenha. Entretanto, as autoridades inglesas consideram que italianos estão a actuar com «excesso de zelo».

Os incidentes que antecederam o jogo RFA-Jugoslávia, em Milão, tiveram graves consequências tendo sido expulsos de Itália 15 adeptos germânicos, medida que também «contemplou» três cidadãos suíços para além da detenção de 50 indivíduos.

Inspectores «reprovam» estádio

Os inspectores italianos de segurança, que haviam «reprovado» o Estádio Olímpico de Roma, vão apelar contra a decisão de manter aquele campo «operacional» para os jogos do Mundial de Futebol em Itália-90.

Os inspectores responsáveis pela segurança advertiram que os túneis de acesso do estádio são demasiado estreitos para permitir a entrada de veículos de combatae a incêndios e que as saídas de emergência para os espectadores são inadequadas.

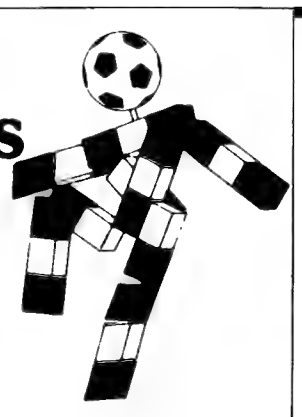
Apesar do aviso, o ministro do Interior italiano António Gava decidiu declarar o renovado Estádio Olímpico de Roma como «apto» a receber os jogos do Mundial, inclusive a partida da final da prova.

Carros da polícia junto aos «ferryboats» com adeptos ingleses

Adeptos alemães presos pela polícia de choque

MARCADORES

Vinte e três golos até agora



Quatro jogadores com dois golos cada lideram a lista dos melhores marcadores do Mundial após nove encontros já efectuados. A lista é a seguinte:

Com dois golos

Careca (Brasil)
Marius Lacatus (Roménia)
Lothar Mathaeus (RFA)
Thomas Skuhravy (Checoslováquia)

Com um golo

Michael Bilek (Checoslováquia)
François Omam Biytik (Camarões)
Tomás Brolin (Suécia)
Paul Galiguri (EUA)
Ivan Husek (Checoslováquia)
Davor Jozic (Jugoslávia)
Juergen Klinsmann (RFA)
Milan Luhovy (Checoslováquia)
Bernardo Redin (Colômbia)
Salvatore Schillaci (Itália)
Carlos Valderrama (Colômbia)
Rudi Voller (RFA)
Sheddy (Irlanda)
Linetter (Inglaterra)
Juan Cayasso (Costa Rica)

O Mundial de Futebol cativa a atenção de muita gente, mesmo dos que, normalmente, pouca importância ligam ao desporto-rei. «Fora de jogo» é uma secção onde, diariamente, damos a palavra a gentes das Artes, das Letras, do Espectáculo e da Política. São olhares diferentes sobre o espectáculo do momento

FORA DE JOGO

Um «derby» a falar inglês

O Inglaterra - Escócia era considerado desde o início como sendo um desafio de alto risco. Dele se poderiam esperar momentos de glória ou então tempos de guerra. Aliás, a conflitualidade generalizada entre «hooligans» e aborígenes, que marcaria as noites da Sardenha, mais viria a reforçar tais perspectivas.

Por isso as atenções centravam-se, predominantemente, em torno do comportamento dos dez mil adeptos britânicos e dos cerca de oito mil irlandeses presentes no Estádio de Sant'Elia. As forças de segurança, aparentemente, estavam vocacionadas para bater primeiro e perguntar depois. Assegurada assim a brandura de comportamentos, aquietado o dessassossego dos «tiffosi» locais, igualmente muito lestos a molhar a sopa, o jogo não desiludindo totalmente, esteve longe de constituir um espectáculo à medida do que se poderia esperar das duas equipas em confronto. Afinal, assistiu-se a um desafio monótono e quase banal em que se lutou muito e se jogou pouco. Mal-grado todas as preocupações cautelares, o facto é que os ânimos, porventura refrescados pela chuva intensa que caíra na segunda parte, estiveram calmos e a correcção no campo e nas bancadas constituiu a principal nota positiva deste encontro.

Quanto ao jogo, propriamente dito, estiveram em campo duas equipas que praticam o futebol total e atlético e os lances de bola corrida uma constante. Os irlandeses, tirando partido do clássico passo longo, através de Aldridge e Cascarino, exerciam uma pressão constante sobre o último reduto inglês. Pelo seu lado, os ingleses, mais disciplinados tacticamente, revelavam-se seguros na defesa e eficazes no ataque. O que lhes valeria terem-se adiantado no marcador através de um bom recorte pessoal de Linekar. Iam decorridos oito minutos da primeira parte. Entretanto, as defesas muito povoadas, evidenciavam a sua clara preponderância perante os ataques. Jogou-se assim, quase sempre, aos repelões, bola no ar, bola para fora e passes imprecisos, até que Sheddy marcaria, numa das poucas vezes em que a bem escalonada defesa britânica concedeu espaço de manobra aos dianteiros irlandeses. Enfim, retenho o bonito esforço de Linekar a tentar dar o melhor caminho a uma emenda de Barnes. O que é manifestamente pouco para corresponder a todas as expectativas que o arredio futebol britânico vinha suscitando. Afinal, o que se viu mais não passou de um «derby» a falar inglês. Um jogo de vizinhos, nada mais.

José Lello
deputado do PS

OS JOGOS NA TV

Hoje

Bélgica — Coreia do Sul

RTP 1 16.00

HOLANDA EGIPTO

RTP 2 — 20H00

Breukelen	1	A. Shobeir
Berry van Aerle	2	Hassan Hussein
Frank Rijkaard	3	Rabie Yassein
Ronald Koeman	4	Guda
Adri van Tiggelen	5	Hesham Yakan
Jan Wouters	6	Ashraf Kasem
Erwin Koeman	7	Y. Awadallah
Gerald Vanenburg	8	Abed El Ghani
Marco van Basten	9	Hossan Hussein
Ruud Gullit	10	Abed El Hamid
Richard Witschge	11	Tarek Soliman
Wim Kieft	12	Abu Zeid Taher
Grame Rutjes	13	Ahmed Ramzy
John Vant Schip	14	Mayhoub
Brian Roy	15	Saber Eid
Joop Hiele	16	Madi Tolba
Hans Gillhaus	17	Ayman Shawki
Heink Fraesser	18	Osama Orabi
John van Loen	19	Rahaman
Aaron Winter	20	Ahamed Abdou
Danny Blind	21	Ayaman Kandil
Stanley Menzo	22	Sabet Al Batal

Amanhã

URUGUAI ESPANHA

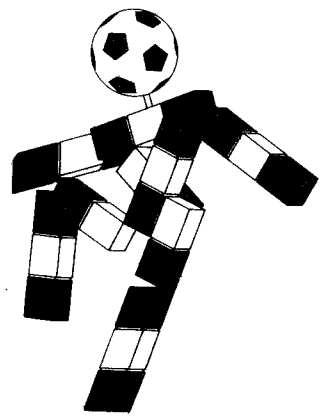
RTP 1 — 16H00

Fernando Alvez	1	Andoni Zubizarreta
Nelson Gutierrez	2	Miguel Chendo
Hugo de Leone	3	Manuel Jimenez
José Herrera	4	Genar Andrinua
José Perdomo	5	Manuel Sanchis
Alfonso Dominguez	6	Martin Vasquez
António Alzamendi	7	Miguel Pardeza
Santiaago Ostolaza	8	Quique Flores
Enzo Francescoli	9	Emílio Butragueño
Ruben Paz	10	Fernando Gomez
Ruben Sosa	11	Javier Villaroya
Eduardo Pereira	12	Rafael Martinez
Daniel Revelez	13	Juan Ablanedo
Jose Pintos Saldana	14	Alberto Gorriz
Carlos Correa	15	Roberto Fernandez
Pablo Benguechea	16	José Bakero
Sergio Martinez	17	Fernando Hierro
Carlos Aguilera	18	Rafael Marin
Daniel Fonseca	19	Júlio Salinas
Ruben Pereira	20	Manuel Manolo
Willam Castro	21	Jose Miguel
Javier Zeoli	22	Jose Ochotorena

ARGENTINA URSS

RTP 2 — 20H00

Nery Pumpido	1	Rinat Dassaev
Sergio Batista	2	Vladimir Bessonov
Abelbalbo	3	Vagis Khidiatulin
Jose Basualdo	4	Oleg Kuznetsov
Edgardo Bauza	5	Anatoli Demianenko
Gabriel Calderon	6	Vassili Rats
Jorge Burruchaga	7	Sergei Alfinikov
Caludia Cannigia	8	Gennadi Litovchenko
Gustavo Dezotti	9	Alexnader Zavaarov
Diego Maradona	10	Oleg Pitrotasov
Nestor Fabbri	11	Igor Dobrovolski
Sergio Goycochea	12	Alexander Borodiuk
Nestor Lorenzo	13	Akhrik Tsveiba
Ricardo Giupsi	14	Vladimir Liutyi
Pedro Monon	15	Ivan Yarenchuk
Julio Olarticoechea	16	Viktor Chanov
Roberto Sensini	17	Andrei Zygmantovich
Jose Serrizuela	18	Igor Shalimov
Oscar Ruggeri	19	Sergei Fokin
Juan Simon	20	Sergei Gorlukovic
Pedro Troglio	21	Valeri Broshin
Fabian Cancelarch	22	Alexander Uvarov



5.º feira

Jugoslávia — Colômbia

Camarões — Roménia

RTP 1 16.00 (diferido)

ITÁLIA EUA

RTP 2 — 20H00

Walter Zenga	1	Tony Meola
Franco Baresi	2	Steve Trittschuh
Guiseppi Bergomi	3	John Doyle
Luigi Agostini	4	Jimmy Banks
Ciro Ferrara	5	Michael Windischmann
Riccardo Ferri	6	John Harkes
Paolo Maldini	7	Tab Ramos
Pietro Vierchowod	8	Brian Bliss
Carlo Ancelotti	9	Chris Sullivan
Nicola Berti	10	Peter Vermes
Fernando de Napoli	11	Eric Wynalda
Stefano Tacconi	12	Paul Krumpe
Giuseppi Giannini	13	Eric Eichmann
Giancarlo Marocchi	14	John Stollmeyer
Roberto Baggio	15	Desmonf Armstrong
Andrea Carnaval	16	Bruce Murray
Roberto Donadoni	17	Marcelo Balboa
Roberto Mancini	18	Kasey Keller
Salvatore Schillaci	19	Chris Henderson
Aldo Serena	20	Paul Caligiuri
Gianluca Vialli	21	Neil Covone
Gianluca Pagliuca	22	David Vanole

6.ª feira

ÁUSTRIA CHECOSLOVÁQUIA

RTP 1 — 16H00

Klaus Lindenberger	1	Jan Steijskal
Ernest Aigner	2	Julius Bielik
Robert Pecl	3	Miroslav Kadlec
Anton Pfeffer	4	Ivan Hasek
Peter Schoettel	5	Jan Kocian
Manfred Zsak	6	Frantisek Straka
Kurt Russ	7	Michal Bilek
Peter Artner	8	Jozef Chovanec
Anton Polster	9	Lubos Kubik
Manfred Linzmayer	10	Tomas Skuhravy
Alfred Hoertnagel	11	Lubomir Moravcik
Michael Baur	12	Peter Fieber
Andreas Ogris	13	Jiri Nemec
Gerhard Rodax	14	Vlademir Weiss
Christian Keglevits	15	Vlademir Kinier
Andreas Reisinger	16	Vilian Hyravy
Heimo Pfeifenberger	17	Ivo Knoflicek
Michael Steiter	18	Milan Luhovy
Gerald Glatzmayer	19	Stanislav Griga
Andreas Herzog	20	Vaclav Nemecek
Michael Konsell	21	Ludek Miklosko
Otto Konrad	22	Peter Paluch

RFA — Emirados

RTP 2 20.00

DIGEST

Beckenbauer anuncia abandono da selecção...

Após a vitória por 4-1 sobre a Jugoslávia no seu primeiro jogo do Mundial de futebol, Beckenbauer disse pretender demitir-se no final do Campeonato, mesmo se a Alemanha Federal conquistar o título. «*Já tomei esta decisão há muito tempo e não vou voltar atrás*», disse.

Beckenbauer recusou, entretanto, comentar informações veiculadas por alguns órgãos de Comunicação Social de que iria treinar a selecção norte-americana para o Mundial de 1994, a realizar nos Estados Unidos.

Comentadores desportivos apontam Berty Vogs como provável sucessor de Franz Beckenbauer na direcção técnica da selecção germânica.

...e Beenhakker também

O técnico holandês Leo Beenhakker anunciou a sua opção pela utilização de Richard Witschge em detrimento de Erwin Koeman no encontro de hoje com o Egipto, referente ao grupo F.

Esta decisão do seleccionador holandês resultou do facto de Erwin Koeman ainda não estar totalmente refeito de uma lesão contraída ao serviço do seu clube (Malines).

Beenhakker que se recusou a dar pormenores sobre a forma como a Holanda actuará frente ao Egipto, reassumiu a intenção de abandonar a selecção mal termine este Campeonato do Mundo, para se dedicar por inteiro à orientação do Ajax.

Maradona acusa jovens companheiros

Diego Maradona acusou alguns dos seus novos companheiros de equipa de terem actuado com pouco espírito combativo na derrota sofrida (1-0) frente aos Camarões, na partida inaugural do Mundial de Futebol de Itália.

«*Esperava mais entusiasmo da parte dos mais jovens*», afirmou Maradona nos arredores de Roma, para onde os campeões mundiais se retiraram com vista à preparação do encontro crucial com os soviéticos, que se disputa amanhã, em Nápoles.

O «astro» argentino confessou, entretanto, que, após o final do encontro, a grande maioria dos seus companheiros «*se remeteram a um silêncio sepulcral*» com os jogdores mais velhos a tentarem, sem sucesso, animar os mais jovens.

Selecção checa em boa companhia

O seleccionador checoslovaco de futebol, Josef Venglos, sublinhou a presença em Itália de três mil compatriotas a apoiarem a equipa nacional, considerando-a uma prova das grandes transformações políticas em curso no seu país.

«*Agora os checoslovacos são pessoas livres e podem viajar para onde quiserem, sem necessidade de vistos nos passaportes, e a presença desses milhares de compatriotas, com as suas bandeiras, nas bancadas do estádio, constitui um bom incentivo para os meus jogadores*», referiu Venglos, técnico que já orientou o Sporting.

Fortemente moralizados com o volume da sua vitória sobre os Estados Unidos, 5-1, no único encontro que já efectuaram, os futebolistas checoslovacos têm realçado, em declarações públicas, a importância do seu empenhamento, num país em que a modalidade está menos desenvolvida do que se supunha.

Mais de oito milhões viram o Brasil-Suécia

O primeiro jogo do grupo C do mundial de futebol, entre o Brasil e a Suécia, foi o que registou maior audiência televisiva dos três encontros da jornada de domingo, a terceira do Campeonato, informou a televisão italiana RAI.

Segundo a RAI, a transmissão televisiva do encontro Brasil - Suécia foi seguida por 8 640 000 pessoas.

Carlos Valente: nova chamada

O nosso representante na arbitragem do Campeonato do Mundo, o prestigiado e credenciado Carlos Valente, foi novamente nomeado (e ainda na qualidade de fiscal de linha) cabendo-lhe, juntamente com o colombiano Armando Peres, auxiliar o chileno Herman Silva no encontro Camarões - Roménia. Recorde-se que Carlos Valente esteve presente no encontro Itália - Áustria.

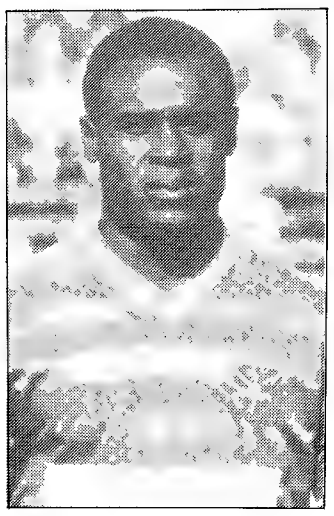
João Alves irá sacudir muito «joio» da peneira dado que o clube do Bessa conta, presentemente, com um quadro de 40 futebolistas

Futebol: dispensas e aquisições agitam a «bolsa de valores»

Enquanto a generalidade das atenções do futebol, se centralizam em Itália, por cá, temos as habituais movimentações de bastidores com contratações e dispensas com vista à actualização e renovação dos quadros futebolísticos, havendo algumas situações que vão gerando alguma polémica, como, por exemplo: a dispensa do Álvaro, Chalana e Diamantino por parte do Benfica, as saídas (prováveis) de Branco e Geraldão e (confirmadas) de Rui Águas e Demol do FC Porto entre outras.

No *Bessa* a agitação é grande e João Alves terá de peneirar o plantel de 40 elementos que o major Valentim Loureiro lhe colocou ao dispor. Naturalmente que na peneira ficarão muitos dos elementos que formaram o bloco na passada temporada e como aquisições de maior peso o destaque vai para Marlom Brandão e Carlos Manuel (Sporting), Abel e Admir (Benfica) bem como o regresso de Barny, Caetano, Álvaro e Ricardo (todos anteriormente cedidos ao Estrela da Amadora) e ainda a entrada de Tiano (Braga) e Coelho (Penafiel).

No *Belenenses* e enquanto Rosa Freire e Barcínio Pinto não cedem os reclamados «dossiers» ao actual líder Ferreira de Matos, e José Manuel Delgado vai observando as potencialidades dos titulares da camisola n.º 10 em desfile pela Itália, tudo se conjuga para que o boliviano Sanches (em observação na Luz), Raudnei (ex-portista ao serviço do Corunha), Vital (Sporting) e Nito (Espinho) sejam algumas das aquisições admitindo-se o regresso de



Sobrinho e Mapuata: dois prováveis regressos ao Restelo

Sobrinho e de Mapuata e a contratação de Chalana.

Sobre saídas do Restelo temos: Myhailov, Macaé, Jorge Silva, Adão e Sadkov, não se confirmando a dispensa do angolano Saavedra.

Em *Chaves,* apenas se fala na contratação de Azis (Espinho), sendo previsíveis as saídas de Slavkov, Jorge Silvério, Miranda, David e Rogério para além da já confirmada cedência de Jorginho ainda que o seu destino tarde em definir-se (Marítimo, Benfica, Sporting e Belenenses estão na corrida).

Última (?) «chicotada»

Por alegado compromisso com o clube de Fátima com vista à próxima temporada e (segundo os dirigentes do Sp. Tomar) depois de haver acordado com as condições para a renovação do contrato com a colectividade nabantina, Esmoriz foi afastado do comando da equipa que, como se sabe, está a disputar a fase final para apuramento do campeoão nacional da 3.ª Divisão.

Custos da promoção

Dos 30 clubes que acabam de ser promovidos à 2.ª Divisão Nacional, são diversos os que não dispõem de campo relvado e daí o surgimento de acrescidas preocupações para os seus dirigentes já que, a legisção em vigor sobre arrelvamentos dos campos de futebol obriga os clubes va procederem a esse melhoramento logo que subam àquele escalão. Naturalmente que os organismos oficiais, nomeadamente a Direcção-Geral dos Desportos e as câmaras municipais irão ser «convidadas» a colaborarem no investimento.

A título de curiosidade refira-se que só na região Norte do País, dos 10 clubes que ascenderam à 2.ª Divisão apenas o Vila Real, Paredes e Sanjoanense, dispõem de campo relvado, pelo que o Esposende, Moreirense, Mirandela, Valpaços, Delães, Lousada e Amarante terão de puxar os cordelinhos da bolsa, e os respectivos municípios já começaram a ser sensibilizados para a indispensável cooperação.

«Mosquitos por cordas» no campo da Lourinhã

Devido a desacatos verificados nas bancados do campo da Lourinhã, o encontro Lourinhense-Águias da Musgueira foi interrompido por decisão do árbitro, depois de ter constatado haver falta de segurança. O Conselho de Disciplina da Associação de Futebol de Lisboa determinou a instauração de um inquérito aos graves acontecimentos.

Paneira na prisão

O futebolista-soldado Vítor Paneira deu ontem entrada na Casa de Reclusão Militar da Região Norte, para cumprir a pena de 75 dias de prisão (que poderá ser reduzida a metade caso o recluso manifeste bom comportamento) por crime de deserção.

Vítor Paneira na prisão por erro de quem pensa que se po-

de brincar com a tropa. Foi mal aconselhado e ficou provado que os patrões do futebol não gozam do poder absoluto.

Xadrez: modalidade muito participada

Jogos de Lisboa

Os IV Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa aproximam-se do seu termo depois de, durante sete meses, terem evoluído nos diversos recintos lisboetas onde a prática desportiva se torna possível, cerca de dez mil jovens mobilizados por centenas de colectividades de 51 freguesias do concelho.

A iniciativa do Pelouro de Desporto da CML sensibilizou grande parcela da população mercê do empenhamento das juntas de freguesia que responderam ao «convite» de Rego Mendes responsável por aquele sector da autarquia lisboeta.

Os Jogos, agora na sua recta final, prosseguem até ao dia 23, data em que, no Terreiro do Paço, ocorrerá a tradicional Festa do Desporto, com a realização das finais de algumas modalidades (as outras terão lugar no Pavilhão Carlos Lopes) e, em síntese, aqui fica o «ponto da situação» relativamente ao basquetebol, voleibol, xadrez, andebol e ténis de mesa:

Voleibol: equipas apuradas para a fase final: Pina Manique (St.ª M.ª Olivais), Liceu Pedro Nunes (S. Mamede), Liceu Francês (Campolide) e Escola Ralis (St.ª M.ª Olivais).

Xadrez: 2.º esc. mas.: 6.ª jornada (Série A): Col. Sagrado Coração Maria, 1-Xeques Arábia, 3; Grupo Gente Nova, 4-Sport Club Amoreiras, 0; Mata de Benfica, 1-Externato Chamagnat, 3; Sport Lisboa Amoreiras, 1-Esc. Sec. D. Maria I, 3. Classificação: 1.º Esc. Sec. D. Maria I — 15 pontos, 2.º Grupo Gente Nova — 14 pontos, 3.º Externato Champagnat — 14 pontos. 3.º esc. masc.: 3.ª jornada: Anjos da Morte, 2-Os Xequistas, 2; Xeques do Lumiar, 1-Escola Alemã, 3; Esquizocélicos, 0,5-Esc. Sec. D. Maria I, 3,5. Escola Alemã — 9 pontos, 2.º Esc. Sec. D. Maria I — 7 pontos, 3.º Anjos da Morte — 6 pontos.

Ténis de mesa: no 1.º escalão masculino os Cicilianos da Ameixoeira e o Sport Lisboa e Campolide disputarão a final no dia 23.

Andebol: equipas apuradas para as meias-finais: Liceu Passos Manuel, Colégio S. João de Brito, SC Penha e Liceu Francês (2.º escalão feminino); Olivais e Moscavide, Liceu Pedro Nunes, Esc. Sec. Telheiras e Esc. Sec. Nuno Gonçalves (2.º esc. mas,); Olivais e Moscavide, Esc. Sec. Telheiras e SC Penha disputarão, em sistema de «poule», os lugares do pódio no 3.º escalão feminino e Liceu Pedro Nunes, Esc. Sec. Telheiras e Lusíadas ou «CA», são os parceiros no 3.º escalão masculino.

Basquetebol: equipas apuradas para os quarto de final (3.º esc. mas.): Globetretas (St.ª M.ª Belém), Chicago Bulls (Anjos), Os Trincões (S. Jorge de Arroios), Seven Stars (S. João Brito), Rosas e Violetas (Benfica), CCR Coruchéus (Campo Grande), OSJ Salesianos (St.º Condestável), L. Maria Amália (S. Sebastião Pedreira).

BREVES

Andebol: um torneio de «mão-cheia»

Organizado pela Câmara Municipal de Loures com o patrocínio da Federação Portuguesa de Andebol, vai realizar-se,entre os dias 13 e 17 de Junho do corrente mês, o mais relevante torneio desde sempre organizado em Portugal, no sector feminino. Em sessão ocorrida em Bucelas, e na qual estiveram presentes o presidente da CMO (Demétrio Alves), o vereador do pelouro de Desporto daquela autarquia (Marques Ribeiro), o técnico João Barata, o presidente e vice-presidente da FPA, respectivamente, Luís Santos e João Correia, foram transmitidos aos jornalistas todos os pormenores da importante competição. Ficámos a saber que estarão presentes as selecções (seniores) de Portugal, URSS, Holanda, Dinamarca, Espanha e Angola, que o encontro inaugural (18 e 30 do dia 13) terá como protagonistas a União Soviética e a Holanda e que o jogo de encerramento será o Dinamarca-Portugal (mesma hora do dia 17).

Demétrio Alves e Marques Ribeiro, realçaram a colaboração, prestada pelo organismo federativo e Luís Santos enalteceu o esforço, dinamização e empenhamento da autarquia de Loures, designadamente no fomento do andebol.

O Pavilhão Paz e Amizade — padrão de orgulho da população de Loures — vai ser palco de mais um acontecimento desportivo de nível internaciopnal. Um torneio de «mão-cheia».

Olimpíadas de Évora

Os Segundos Jogos Olímpicos Populares do distrito de Évora vão envolver este ano, durante quatro meses, mais de dez mil atletas de dezenas de clubes e colectividades de oito concelhos.

As Olimpíadas, a decorrer até Setembro, iniciam-se este mês com a fase concelhia em todas as modalidades, apurando-se os vencedores para a fase distrital, e decorrendo o festival de encerramento a 30 de Setembro.

A primeira edição das Olimpíadas Populares teve a participação de 12 mil atletas, e a organização espera ultrapassar este ano esse número, embora inicialmente estejam inscritos pouco mais de dez mil.

Os Jogos organizados pela Associação de Municípios do Distrito de Évora, tem a participação das Câmaras de Arraiolos, Borba, Évora, Montemor-o-Novo, Mora, Portel, Redondo e Vendas Novas.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

12.º JUÍZO

PROC. 8942
1.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

Por este Juízo e 1.ª Secção correm termos uns autos de Liquidação de Herança Jacente, registados sob o n.º 8942, que se procede por óbito de FRANCISCO VASCO DE MELO E CASTRO DE LIZ TEIXEIRA BICUDO DE MEDEIROS, com último domicílio na Rua Carlos Mardel, n.º 4 — 2.º A, em Lisboa, que o Digno Magistrado do Ministério Público move contra incertos, correm éditos de trinta dias, contados da publicação do segundo e último anúncio, citando os INTERESSADOS INCERTOS, para no prazo de vinte dias, findo que seja o dos éditos, deduzirem, querendo, a sua habilitação nos termos e para os efeitos do disposto no Art.º 1132.º do Cod. Proc. Civil, na acção indicada e na qual o Autor pede que a mesma seja julgada procedente e provada e em consequência declarada vaga para o Estado os bens deixados no valor de 1 114 280$00.

Lisboa, 30 de Maio de 1990

O Juiz de Direito
José Geraldes Pereira de Carvalho

A Escrivã Adjunta
Ana Maria Neves Leitão de O. Borges

«DL» 2.ª Pub. — 12/6/90

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

15.º Juízo

ANÚNCIO

Execução SUMÁRIA (A Seguir Por Custas) N.º 7744, 3.ª Secção.

EXEQUENTE LOCAPOR — C.ª Portuguesa de Locação Financeira Mobiliária, SA.

EXECUTADO GEOVIA — CONSULTADORIA OBRAS PÚBLICAS, com sede na Rua José Filipe Neto Rebelo, 10-A, 2503 — CALDAS DA RAINHA.

Por este Tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do Anúncio citando os credores desconhecidos daquela executada para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos. Para constar se passou o presente edital, que vai ser devidamente afixado.

Lisboa, 11 de Maio de 1990

O Juiz de Direito
António Sousa Santos

Pel' O Escrivão de Direito,

Maria Patrocínio Salvado Lopes Hermenegildo

DL — 2.ª Pub. — 12/6/90

14.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Pela 3.ª sec. deste juízo, correm éditos de 30 dias, contados a partir da 2.ª e última publicação do anúncio respectivo, CITANDO o executado EDUARDO RIBEIRO DE CARVALHO, actualmente ausente em parte incerta mas com última residência conhecida no Páteo da Picheleira, n.º 4-r/c, em LISBOA, para no prazo de 10 dias posteriores ao dos éditos, deduzir oposição, pagar ou nomear bens à penhora, sob pena de se devolver esse direito ao exequente, nos autos de Execução de Sentença **n.º 4091-C/85** que lhe é movida por ANTÓNIO JOAQUIM MENDONÇA FERREIRA com o fim de obter por parte do executado a quantia de Esc. 2 302 020$00 em que foi condenado na respectiva acção e proveniente de uma letra aceite pelo executado, encontrando-se o duplicado de requerimento inicial à disposição deste, nesta secretaria.

Lisboa, 90-06-01

A Juíz de Direito
Fernanda Isabel de Sousa Pereira

O Escrivão Adjunto
José Manuel Ribeiro da Cruz

DL 2.ª Pub 12/6/90

I Série N.º 135
Dia 12 de Junho
DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros e Ministério da Administração Interna

Portaria n.º 426/90:
Regula a transição para a nova estrutura salarial dos profissionais de enfermagem integrados no quadro de pessoal civil da Guarda Nacional Republicana.

Ministério das Finanças e da Administração Interna

Portaria n.º 427/90:
Aumenta o quadro geral de efectivos da Polícia de Segurança Pública (PSP) em várias subunidades.

Ministério das Finanças e do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 428/90:
Actualiza as gratificações devidas aos membros da mesa da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa para as gerências da lotaria nacional e das apostas mútuas.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Avisos:
Torna público ter a França aprovado, a 26 de Abril de 1990, a Convenção Relativa à Conservação da Vida Selvagem e do Meio Natural da Europa.

Torna público que o Governo do Mónaco aderiu à Convenção que cria a Organização Marítima Internacional.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 429/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Quinta de Santo António», situada na freguesia de Raposa, concelho de Almeirim, e «Casa Cadaval», situada na freguesia de Muge, concelho de Salvaterra de Magos.

Portaria n.º 430/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade da Oliveirinha» e anexas, situadas na freguesia de Vaiamonte, concelho de Monforte.

Portaria n.º 431/90:
Sujeita ao regime conegético especial as propriedades denominadas «Herdade dos Sordos», «Vale de Zebro» e anexas, situadas nas freguesias de Assumar e Monforte, concelho de Monforte.

Portaria n.º 432/90:
Sujeita ao regime conegético especial a propriedade denominada «Herdade da Parreira», situada na Freguesia de Nossa Senhora do Bispo, concelho de Montemor-o-Novo.

Portaria n.º 433/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade do Roubão», «Braço de Prata» e outras, situadas na freguesia de Samora Correia, concelho de Benavente.

Portaria n.º 434/90:
Cria a Zona de Caça Social das Antas, situada nas freguesias de Lalim, Lazarim e Bigorne, concelho de Lamego.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território
Céu pouco nublado temporariamente muito nublado no interior durante a tarde, onde há possibilidade de ocorrência de trovoadas. Vento fraco. Condições favoráveis à formação de neblinas e nevoeiros durante a madrugada e manhã.

Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã — Céu pouco nublado, apresentando-se temporariamente muito nublado durante a tarde nas regiões do interior, onde há possibilidade de aguaceiros e de trovoadas. Vento fraco soprando moderado de Noroeste durante a tarde na faixa costeira ocidental. Neblina matinal.

Depois de amanhã — Céu geralmente muito nublado. Vento fraco. Aguaceiros que serão mais frequentes nas regiões do interior durante a tarde, onde há também possibilidade de trovoadas. Neblina ou nevoeiro matinal.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado do Norte. Aguaceiros, fracos nas vertentes viradas ao Norte.

Mar de pequena vaga com ondulação Norte de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal — Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.

Amanhã — Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Norte, sendo fraco na região do Funchal. Aguaceiros fracos nas encostas viradas a Norte.

Depois de amanhã — Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Norte. Aguaceiros fracos.

AÇORES

Em todo o arquipélago
Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco.

Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Norte de 1 a 2 metros.

Amanhã

Grupos Ocidental e Central — Céu geralmente muito nublado. Vento fraco.

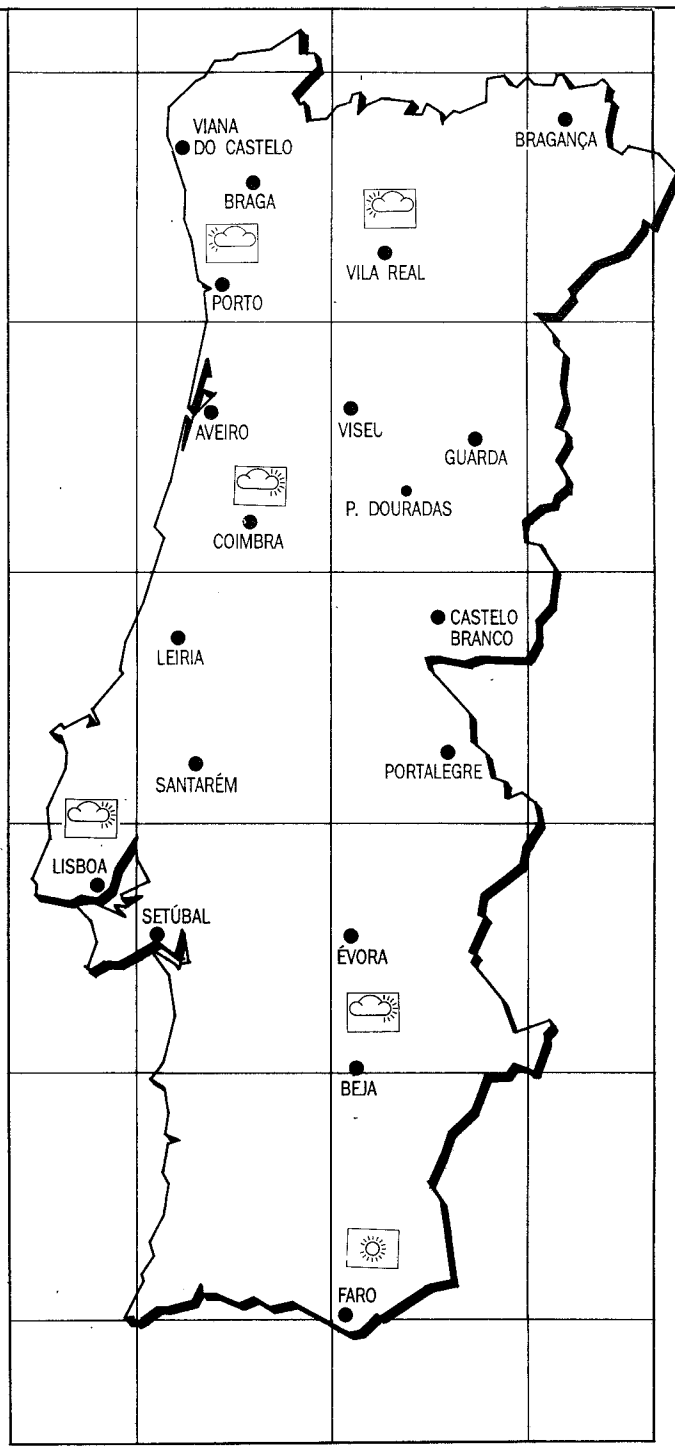
Grupo Oriental — Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Norte.

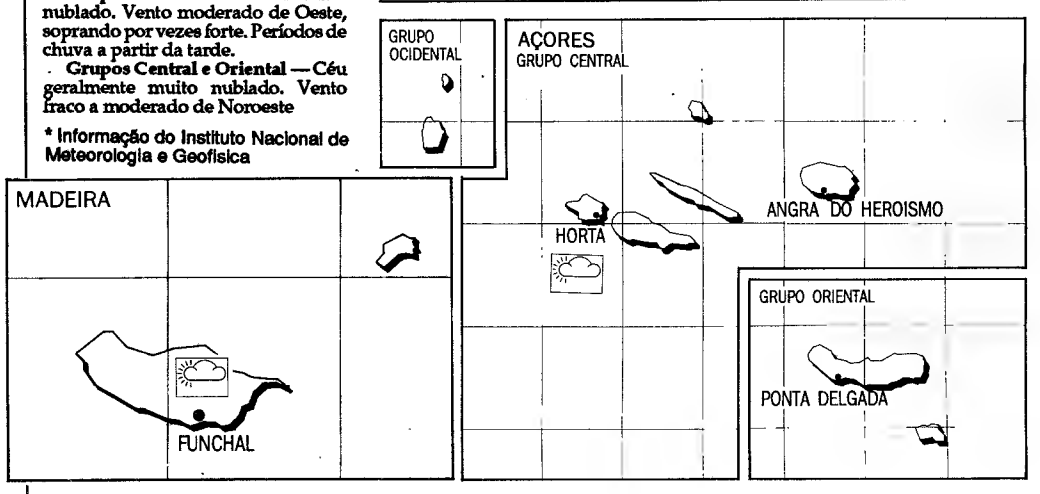
Depois de amanhã

Grupo Ocidental — Céu muito nublado. Vento moderado de Oeste, soprando por vezes forte. Períodos de chuva a partir da tarde.

Grupos Central e Oriental — Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de Noroeste

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
06.29	3,1m	11.51	1,0m
18.39	3,4m	00.22	0,9m

Amanhã

07.06	3,1m	12.33	1,0m
19.17	3,3m	—	—

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	11	11	Neblina
V. Castelo	12	13	Nevoeiro
Vila Real	14	14	Limpo
Porto	13	13	Neblina
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	14	14	Neblina
C. Carvoeiro	16	17	Encoberto
C. Branco	16	16	Neblina
Portalegre	14	14	Neblina
Lisboa	15	15	Neblina
Évora	13	14	Nevoeiro
Beja	13	13	Neblina
Faro	15	15	Limpo
Sagres	14	14	P. nub.
P. Delgada	-	-	-
Horta	16	17	M. nub.
Funchal	16	16	P. nub.
Sines	-	-	-

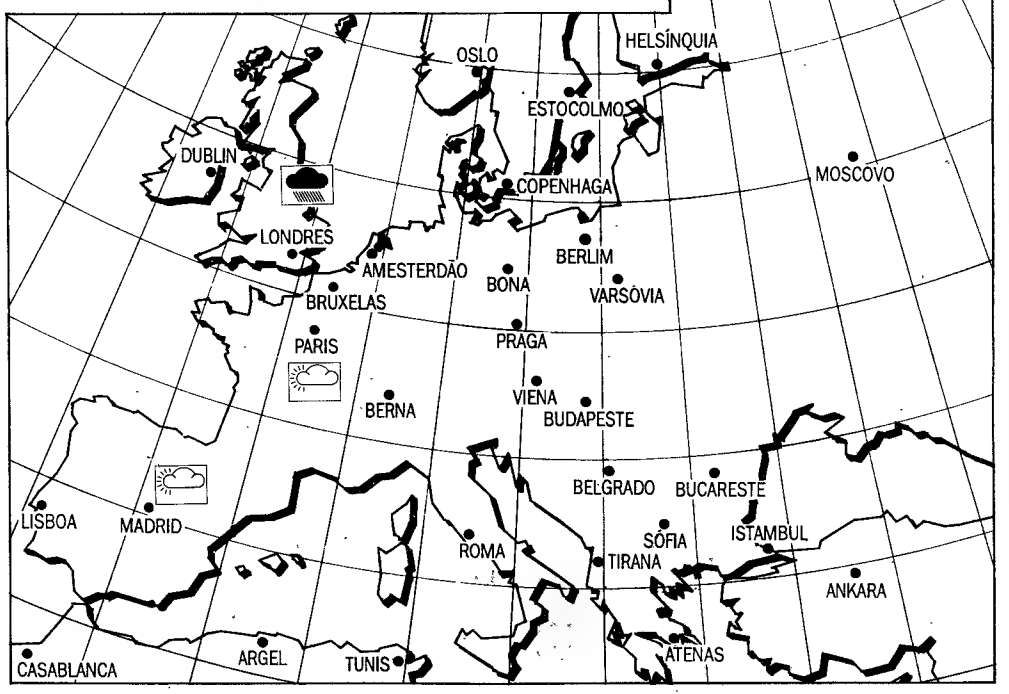
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 25; Porto, 20; Faro, 22; P. Delgada, 22; Funchal, 22.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	10	12	P. nub.
Londres	8	10	M. nub.
Paris	11	12	Neblina
Bruxelas	11	12	Encoberto
Amesterdão	11	12	Chuvisco
Genebra	12	12	Chuva
Roma	14	18	Neblina
Oslo	13	15	P. nub.
Copenhaga	13	19	P. nub.
Estocolmo	11	13	M. nub.
Berlim	12	14	Neblina
Viena	8	14	M. nub.
Varsóvia	9	14	Limpo
Atenas	20	23	Limpo
Moscovo	8	18	Encoberto

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	19	29	Trovoada
Houston	23	33	P. nub.
Los Angeles	15	22	Limpo
Montreal	12	26	Limpo
Nova Iorque	12	25	Encoberto
S. Francisco	11	23	Limpo
Toronto	9	26	Encoberto
Vancover	8	17	Aguaceiros
Washington	16	27	Limpo
Hong Kong	25	29	Encoberto
Melbourne	10	19	Aguaceiros
Pequim	19	33	P. nub.
Perth	8	16	P. nub.
Singapura	26	33	Aguaceiros
Sydney	11	18	M. nub.
Tóquio	20	24	Encoberto
Wellington	-	-	-



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alvalade: Líbia, Av. Igreja, 4 B-C, Tel. 891681; **Arco Cego - Estefânia:** Délio, Rua Açores, 32-34, Tel. 572388; **Av. Novas - João Crisóstomo:** Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C, Tel. 520592; **Zona J de Chelas:** Serejo, Av. João Paulo II, 531 - Loja B, Tel. 8592611; **Benfica - Bairro Santa Cruz:** Lavinha, Rua Eng. Paulo Barros, 28-A, Tel. 708242; **Cais do Sodré:** Africana, Rua Bernardino Costa, 43-45, Tel. 3469120; **Calvário:** Monge, Rua Lusíadas, 30-32, Tel. 3636704; **Encarnação:** Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; **Lapa:** Paiva da Costa, Rua da Lapa, 105-107, Tel. 664414; **Lumiar:** Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 7590942; **Rato - Príncipe Real:** Cunha, Rua Escola Politécnica, 18, Tel. 325455; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 382241; **Odivelas - Quinta do Mendes:** Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, Lote 110, Tel. 9824242; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Areeiro: Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5, A-B, Tel. 887300; **Belém:** Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A, Tel. 611454; **Campo de Ourique:** Linaida, Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; **Campolide - Bairro Liberdade:** Salutar, Rua B, 75, A-B - Bairro da Liberdade, Tel. 683694; **Graça:** Morão, Largo da Graça, 63, Tel. 860700; **Jardim dos Anjos:** Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A, Tel. 821653; **Jardim Zoológico:** Alegria, Estrada de Benfica, 180, A-B, Tel. 780511; **Pampulha - Janelas Verdes:** Lealdade, Rua Olival, 226-228, Tel. 663441; **Praça Alegria:** Brites Moita, Praça da Alegria, 33-34; **Picheleira,** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Quinta da Luz - Carnide:** Findor, Rua Adelaide Cabete, 10-E, Tel. 7145271; **Saldanha:** Dalva, Av. Duque D'Ávila, 125, Tel. 545225; **Xabregas:** Salter, Rua Xabregas, 63-65, Tel. 381185; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Godinho, R. Cândido Reis, 8, Tel. 4430090. Permanente; **Nova Oeiras:** Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737; **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permanente; **S. João do Estoril:** Das Areias, Urb. Areias. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 280170. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Solla, Loja D, Lote 65, Tel. 900724. Soares Correia, Est. Águas Livres - Carenque, Tel. 965517. Permanente; Nunes, Est. Serra Mira - Falagueira, Tel. 4937543. **Queluz:** Pereira Dias, Monte Abrão, Tel. 4375566. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; **Algueirão:** Vítor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 24, Tel. 92300058. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Pragal, R. Dit.ª Pragal, 58, Tel. 2767126. Permanente; **Cova da Piedade:** Cerqueira, L. 5 Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Barreiro:** Diogo Roque, Av. Miguel Bombarda, 299, Tel. 2070602. Permanente; **Baixa da Banheira:** Cardoso, R. Liberdade, 59, Tel. 2041044. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Amora:** Nova Amorense, E.N. 10 - Bloco A, Loja A, Paivas, Tel. 2216824. Permanente.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

A nossa pecuária exige empresários modernos

«A problemática do empresário da moderna exploração agro-pecuária abre grande campo aos especialistas da sociologia rural e o seu estudo necessita de ser correctamente formulado» - avisou hoje à tarde em Santarém o secretário de Estado da Agricultura, discursando no encerramento do colóquio sobre produção e comercialização de carne de bovino. O eng. Vasco Leónidas, que há dias presidira a uma sessão idêntica, voltou a verberar o imobilismo de parte da nossa lavoura.

Assinado hoje o primeiro acordo cultural com a França

Uma visita ao ministro da Educação Nacional, a poucas horas da assinatura do primeiro acordo cultural luso-francês, foi o primeiro ponto da pesada agenda de Maurice Schumann no segundo dia da sua estada no nosso País. Antes, porém, Maurice Shumann esteve durante um quarto de hora no Liceu Charles Lepièrre, visitou a Sé e admirou o panorama que se disfruta do miradouro do Castelo de S. Jorge.

Grã-Bretanha sem jornais de circulação nacional

A Grã-Bretanha encontra-se hoje a menos de uma semana das eleições gerais, sem jornais nacionais pelo terceiro dia, a despeito de uma sessão-maratona para chegar a uma solução sobre a greve que afecta a Imprensa. Dirigentes sindicais disseram, ao abandonar a conferência, que a greve continuava ainda e que não comentariam as perspectivas.

EFEMÉRIDES

1834

• Em Portugal, é fundada a Associação Comercial de Lisboa.

1875

• A figura do Zé Povinho, criada por Rafael Bordalo Pinheiro, surge, pela primeira vez, na revista «A Lanterna Mágica».

1937

• Tem início a purga dos generais russos.

1950

• Morre o historiador João de Freitas, fundador da Academia Portuguesa de História.

1979

• O norte-americano Bryan Allen atravessa o canal da Mancha montado numa «bicicleta aérea», movida por acção muscular.

1986

• O Governo da África do Sul declara o estado de emergência em todo o país.

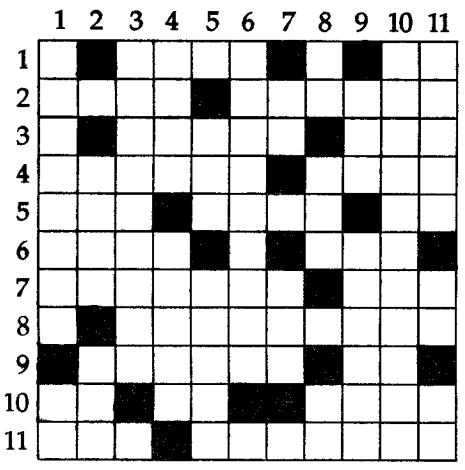
1987

• O ditador derrubado do ex-império centro-africano, Jean-Bedel Bokassa, 66 anos, é condenado à morte em Bangui.

1988

• Realiza-se, na capital soviética, pela primeira vez, um concurso de beleza, destinado a eleger Miss Moscovo.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17 938

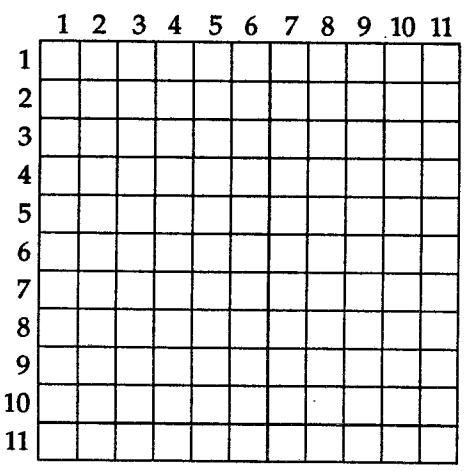
HORIZONTAIS:

1 - Artigo definido. Sofreguidão. Tempo do verbo ser. Crómio (s.q.).
2 - Luz da Lua. Cortou com serra.
3 - Mareante. Liguei.
4 - Caravana. Repete.
5 - Gosta muito de. Cidade da Argélia. Preposição.
6 - Cidade do Japão. Desgraça.
7 - Retirares. Repreensão.
8 - Destes alojamento.
9 - Terceiro estômago das aves (pl). Interjeição de dor.
10 - Pronome pessoal. Em a. Palmeira da Amazónia.
11 - Agarrei. Acudas à memória.

VERTICAIS:

1 - Cidade de Espanha. Ruim.
2 - Estimai. Espaço de trinta dias.
3 - Impostor.
4 - Rezai. Cidade da Alemanha.
5 - Grito. Ralé (prov.).
6 - Vila e concelho do distrito de Aveiro.
7 - Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Sádias.
8 - Espera Resposta. Bondoso. Caminhar.
9 - Nome de homem. Influir.
10 - Aquela que aconselha.
11 - Desmoronavam-se. Carta de jogar. Arsénio (s.q.).

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16 748

HORIZONTAIS:

1 - Antiga província da Palestina, principal teatro das prédicas de Jesus Cristo. Prasiodímio (s.q.).
2 - Preveniram. Isto é.
3 - Lugar onde se arremata o peixe à chegada dos barcos de pesca. Ratem.
4 - Agarrar. Suplico.
5 - Gálio (s.q.). Teimas.
6 - Terceiro. Murros.
7 - Anéis. Satanás.
8 - Serra de Portugal. Bário (s.q.). Érbio (s.q.).
9 - Pessoa muito parecida com outra. Conceder.
11 - Boro (s.q.). Retardas.
11 - Albergarás. Apelido.

VERTICAIS:

1 - Antiga região da Ásia Menor. Bário (s.q.).
2 - Antepassados. Furiosos.
3 - Dependente da sentença judicial.
4 - Rio de França. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
5 - Nota musical. Ópera de Verdi.
6 - Vagueamos. Prefixo que desina ar.
7 - O mesmo que ion. Rei de Israel, marido de Jezabel. Miriare.
8 - Amachucados.
9 - Mamífero afim da foca, e próprio das regiões polares. Aparência.
10 - Letra grega. Gálio (s.q.). Estavas.
11 - Apoiar. Saudável.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 937

HORIZONTAIS: 1 - A. MULHER. 2 - Ivã. Amue. 3 - Selada. MAIS. 4 - Sonhei. 5 - CC. SS. Ois. 6 - Aedo. Mr. Cr. 7 - Aldeã. At. 8 - Doai. Aro. 9 - Ide. Mu. Apó. 10 - Dorna. Grela. 11 - Ar. Adoraram.

VERTICAIS: 1 - Ais. CÂNDIDA. 2 - VENCE. Odor. 3 - Mal. Aer. 4 - Assoai. Na. 5 - Lados. Mad. 6 - An. O. 7 - HOMEM. Gr. 8 - Rameira. Ara. 9 - MAIS. Aper. 10 - Tui. Carola. 11 - ESPERTO. Am.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 747

HORIZONTAIS: 1 - Trancozelos. 2 - Remar. Irado. 3 - Amaro. Gamo. 4 - Narrado. Ará. 5 - Omo. 6 - Era. Amansar. 7 - Reli. Fo. 8 - Rua. An. Avis. 9 - Andara. Sião. 10 - São. Mim. 11 - Ms. Assumir.

VERTICAIS: 1 - Trandeiras. 2 - Rema. Unam. 3 - Amar. Arados. 4 - Narra. 5 - Croa. Alarma. 6 - Dominais. 7 - Zigoma. Ms. 8 - Era. Ondas. 9 - Lama. Viam. 10 - Odor. Afia. 11 - Só. Airoso.

PROVÉRBIO:
A MULHER MAIS CÂNDIDA, VENCE O HOMEM MAIS ESPERTO.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
TELHADOS DE NOVA YORK
Filme de Robert Wise
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
A ILHA DO TESOURO
Filme de Fraser C. Heston
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
STAR TREK V: A ÚLTIMA FRONTEIRA
Filme de William Shatner
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
NINGUÉM É SANTO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
PARA ÍRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
O MEU TIO SOLTEIRO
Filme de John Hughes
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
TELHADOS DE NOVA YORK
M/16 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.30

AMOREIRAS 7
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
Filme de Clint Eastwood
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
LIGAÇÕES SUJAS
Filme de Mike Figgis
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

AMOREIRAS 10
UM ROSTO SEM PASSADO
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Filme de Jamie Uys
M/6 anos - Às 15.30, e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
COM PIZZA... TUDO SE FAZ
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
FORA DE CONTROLE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
M/6 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
CURTO DE CIRCUITO 2
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
Filme de Uli Edel
M/18 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
A TURMA DO SEXO
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO DE HAROUN FAROCKI
Às 18.30
AS PALAVRAS DO PRESIDENTE seguindo de
ALGO SE TONA VISÍVEL
Às 21.30
O SABOR DA VIDA, seguido de
TRAÍDO

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
UM ROSTO SEM PASSADO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
UM ROSTO SEM PASSADO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/16 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - às 15.00, 18.00 e 21.15

AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15 e 21.45

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
COBRA ATACA
Filme de George Erschbamer
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

O EXPRESSO DE CASABLANCA Com Jason Connery/Glen Ford
Brevemente, estreia em Lisboa

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
UM ROSTO SEM PASSADO
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
A ILHA DO TESOURO
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
TELHADOS DE NOVA YORK
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
O CASAL FASCINANTE
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
UM ROSTO SEM PASSADO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
COBRA ATACA
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
ARMADILHA SENTIMENTAL
Filme de By Nicolas Roeg
M/18 anos - Às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15 e 22.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
NINGUÉM É SANTO
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
STAR TRECK - A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.15

SÃO JORGE 3
PARA ÍRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
UM ROSTO SEM PASSADO
M/16 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
CAÇADOR BRANCO, CORAÇÃO NEGRO
M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
NARCOTRÁFICO
Filme de Stephen Minoc
M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
LIGAÇÕES SUJAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado - T. 2905011

Sala 1
A FÚRIA DO VENTO
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
TAP- A DANÇA DE DUAS VIDAS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
SONHOS DE AKIRA KOROSAWA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
UM ROSTO SEM PASSADO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
TEMPO DE GLÓRIA
M/12 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
UM ROSTO SEM PASSADO
M/16 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
MISS DAISY
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
STAR TREK V: A ÚLTIMA FRONTEIRA
M/6 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
ADEUS AO REI
M/16 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845

Sala 1
NEGÓCIOS DE FAMÍLIA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
ROCK DE FOGO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

A BARRACA (Cinearte)
Larg. de Santos, nº 2 - T. 3965360
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco de Borja, 24 - T. 607299
De 5ª a Sáb. às 21.30. Dom. às 17.00
TEATRO DOCE TEATRO
De Edward Radzinsky
Em cena até dia 23

CLUBE ESTEFÂNIA
R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
De 3ª a Sáb. às 21.30. Dom. às 16.30
INIMIGOS
De Nigel Williams
Em cena até dia 17

CHAPITÔ
R. da Costa do Castelo, 7 - T. 878225
Sexta e Sáb. às 21.30
KLÁSSIKUS KABARET
De Fernando Gomes
Em cena até ao final do mês

COMUNA
P. de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy
SALA 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams

IBÉRICO
R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
De 3ª a Sext. às 21.30
Sáb. às 17.00 e 21.30
O FIM
De António Patrício
Em cena até ao final do mês

MAIZUM
R. dos Poiais de S. Bento, 75 - T. 601866
De 4ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
O REI E A ROSA
De Filipe Petronilho

MARIA MATOS
Av. Frei Miguel Contreiras, 52 - T. 897017
De 6ª a Sáb. às 20.30 e 22.45
Dom. às 15.00 e 18.00
SEVERA
De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner
Em cena até dia 1 de Julho

MARIA VITÓRIA
Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augusto Fraga, Nuno Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

PALCO ORIENTAL
Clç. Duque de Lafões, 78 - T. 3635850
6ª e Sáb. às 21.30
A BELA DOS OLHOS DE SEDA
De Bepi Marsulli

TEATRO ABERTO
Praça de Espanha - T. 770969
De 5ª a Sáb. às 21.45
Dom. às 16.00
NA SOLIDÃO DOS CAMPOS DE ALGODÃO
De Bernard- Marie Koltés

CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A - T. 3961515
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 16.00
UM POETA AFINADO
De Manoel de Figueiredo

TEATRO DA GRAÇA
Trav. de S. Vicente, 11 - T. 875626
De 3ª a Sáb. às 21.30.
Dom. às 16.00
CENAS DA VIDA DE BENILDE
Uma adaptação de Jorge Listopad da peça de José Régio «Benilde ou a Virgem-Mãe»

TEATRO NACIONAL
Rossio - T. 322210
De 3ª a Sáb. às 21.30
Sáb. e Dom. às 16.00
A TERCEIRA MARGEM DO RIO
A partir do conto homónimo de João Guimarães,
pelo Grupo de Teatro «O Bando»

VARIEDADES
Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30.
Domingos e Feriados às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

15.45 - CAMPEONATO DO MUNDO DE FUTEBOL
Bélgica-Coreia do Sul
17.50 - A HORA DO LECAS
18.35 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
26º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
132º episódio
21.25 - CRÓNICA DO CRIME
22.25 - MARCHAS POPULARES DE LISBOA
Com realização de Marques Pinto, produção de Fernanda Teixeira e locução de Luís Pereira de Sousa, transmissão directa, da Avenida da Liberdade, do desfile das Marchas de Lisboa, que tem início às 21 horas. Dezoito marchas concorrem ao título deste ano: Alto do Pina, Marvila, Carnide, Madragoa, Campolide, Benfica, Olivais, Ajuda, Campo de Ourique, Bica, Castelo, Bairro Alto, Mouraria, Alcântara, Penha de França, Alfama, Graça e São Vicente. O júri é presidido pelo actor José Viana e terá de avaliar o desempenho das diferentes marchas de acordo com os seguintes ítens: coreografia, musicalidade e canto e figurinos.
01.20 - 24 HORAS
01.50 - UM DIA COM...
01.55 - REMATE

No 2º Canal, em Cinemadois às 22.50, «O Caçador»de Michael Cimino, com Robert De Niro

RTP-2

16.20 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
31º episódio
16.45 - O MAR E AS SUPERSTIÇÕES
17.15 - O HOMEM NA MARGEM
11º e último episódio
18.15 - TELEMERCADO
18.30- O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.05 - ESPAÇO INFANTIL
19.30 - VIA RÁPIDA
19.45 - CAMPEONATO DO MUNDO DE FUTEBOL
Holanda-Egipto
22.00 - JORNAL DAS NOVE
22.30 - CINEMAGAZINE
22.50 - CINEMADOIS
«O Caçador», de Michael Cimino (EUA, 1978, melhor filme do ano), com Robert De Niro, Meryl Streep, John Cazale, John Savage, Christopher Walken, George Dzunda e Chuck Aspegren. «O Caçador» foi filmado no coração da América industrial e foi o primeiro a debruçar-se sobre a vida dos operários metalúrgicos, as suas comunidades étnicas, as suas raízes. A acção principia em 1968 numa zona de altos fornos de uma siderurgia na Pensilvânia, onde cinco amigos, descendentes de famílias judaicas russas emigradas nos EUA, enfrentam diariamente uma vida dura. Três deles estão mobilizados para o Vietename. Polémico mas de qualidade indiscutível, «O Caçador» é um filme que depois da última imagem fica connosco para sempre.

Amanhã em «Lotação Esgotada», no 1º Canal às 21.35, «Classe» com Jacqueline Bisset e Cliff Robertson

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - CLÍNICA GERAL
14.20 - O MUNDO ANIMAL
14.45 - O CARRO DA ESTRELA
Sobre o cineasta António Lopes Ribeiro
15.45 - CAMPEONATO DO MUNDO DE FUTEBOL
Uruguai-Espanha
17.50 - BRINCA BRINCANDO
18.35 - O SÍTIO DO PICAPAU AMARELO
19.05 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.15 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.35 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«Classe»
23.40 - 24 HORAS
00.10 - UM DIA
00.15 - REMATE

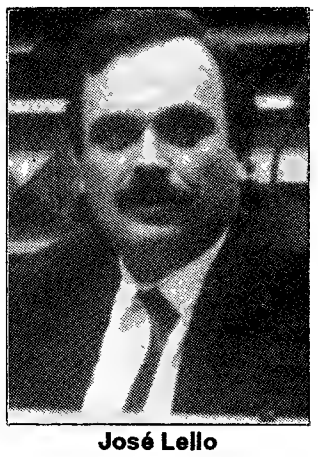
RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.15 - ESPAÇO INFANTIL
14.35 - FILHOS E FILHAS
15.00 - AGORA ESCOLHA
16.35 - O LICEU DEGRASSI
16.55 - O MENINO DOUTOR
17.25 - OS TRÊS PASTORINHOS
18.00 - TELEMERCADO
18.15 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.55 - ESPAÇO INFANTIL
19.30 - VIA RÁPIDA
19.45 - ITÁLIA 90
Argentina-URSS
22.00 - JORNAL DAS NOVE
22.30 - LENINE... O COMBOIO
23.20 - AUTO DE SANTO ANTÓNIO
00.15 - TINA TURNER NO RIO

«A administração pública portuguesa (...) é particularmente impermeável ao controlo social»

António Barreto, «Público», 11.06.90

A PERGUNTA DO DIA



José Lello
deputado do PS

O que pensa da ideia, avançada pelo ministro da Defesa, de criar um núcleo de reflexão estratégica?

«Em minha opinião, a Comissão Parlamentar de Defesa já é um núcleo de reflexão institucional sobre as grandes questões geo-estratégicas e geopolíticas envolventes de uma política nacional. É certo que o Governo tem estado ausente desse debate desde 1982, altura em que foi promulgada a Lei de Defesa Nacional. Entendo que o ministro necessite de apoio para que da parte do Governo haja uma estratégia e uma política de defesa nacional, mas nunca em sobreposição dos órgãos próprios. Que esse órgão não constitua uma manobra de esvaziamento das potencialidades e competências da Comissão Parlamentar de Defesa.»

Sexta-feira no

Diário de Lisboa

PRD em Convenção Nacional

Perspectivas do ensino em Portugal

Política de A a Z por F. Piteira Santos

João Mota escreve sobre o Mundial de Futebol

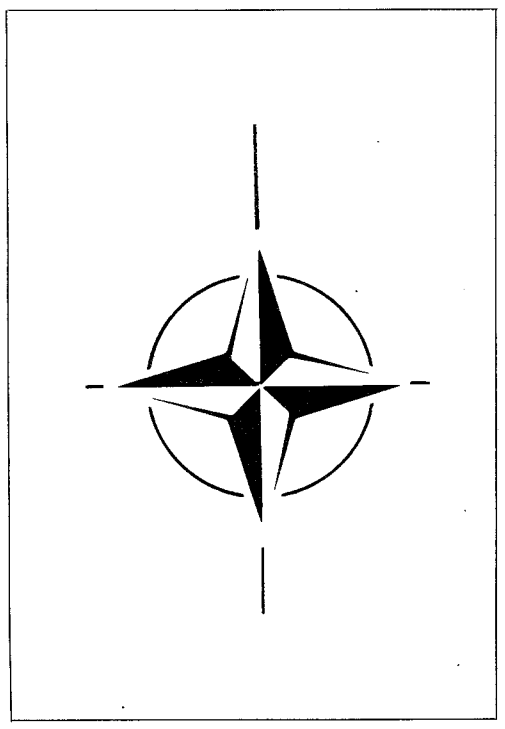
ENTREVISTA

Guillaume Parmentier é o director adjunto para as Relações Exteriores dos Seviços de Informação da NATO. Afastado das questões militares, considera que o seu trabalho, desenvolvido junto dos meios políticos, é muito importante para determinar as posições da opinião pública em matéria de defesa

«A ameaça continua a existir»

D.L. - Em que consiste o seu trabalho?

G.P. - Na NATO, há uma diferença entre serviços de Imprensa, que se ocupam das relações com os jornalistas, e serviços de Informação. Estes pertencem à Divisão de Assuntos Políticos e ocupam-se do relacionamento da Aliança com o mundo exterior: meios políticos, universitários e organismos interessados nestas questões. Este serviço é particularmente importante, na medida em que são estes meios que determinam as posições da opinião pública em questões de defesa e segurança. São os partidos políticos que estruturam a opinião pública. Temos também um sector *media*, que é responsável pelas publicações e filmes da NATO. No meu caso pessoal, só tenho contactos com a Imprensa através dos editorialistas, dos especialistas, não dos repórteres. O nosso grande problema é que representamos 16 países, com visões frequentemente divergentes, o que significa que os nossos comunicados resultam muitas vezes de situações de compromisso entre os diversos membros.



D.L. - Parece especialmente difícil trabalhar num sector de informação de uma organização onde muitos dos assuntos são secretos...

G.P. - Isso não me acontece frequentemente. Claro que podem surgir alturas em que não estou habilitado a responder, mas isso também acontece em qualquer outra organização. No caso da NATO, existem as informações militares, que são particularmente sensíveis. No entanto, no meu caso, não tenho grande contacto com essas informações, não são do meu domínio. As questões que me são postas têm mais a ver com a estratégia da Aliança, com a evolução das relações entre os países membros e, a essas, posso responder sem problemas.

D.L. - As Forças Armadas e a Comunicação Social têm sido dois domínios bastante incompatíveis...

G.P. - Mas a NATO não são as Forças Armadas. O comando militar não é a NATO. Ele tem os seus próprios canais de informação. Nós tratamos de assuntos civis numa perspectiva um pouco comparável à dos serviços de Informação do Conselho de Ministros da Comunidade. Tal como eles, também nós transmitimos informações que resultam das posições dos países membros, não temos uma informação própria.

D.L. - Nos últimos tempos, a ideia que a opinião pública tem é de que a ameaça à segurança do Ocidente está em vias de desaparecer. No entanto, parece que a NATO tenta contrariar um pouco essa ideia.

G.P. - Não, não tentamos contrariar. Não seria razoável dizer que a ameaça não enfraqueceu. O que dizemos é que ele não está a desvanecer-se de forma tão rápida quanto certos sectores da opinião pública crêem. Ainda há uma grande concentração de tropas na Europa, existem problemas a nível da proliferação de novas armas e ainda outros problemas de segurança.

D.L. - Acha que a onda pacifista e desarmamentista que varre a Europa pode pôr em causa a utilidade da NATO?

G.P. - Claro que há esse perigo, mas os governos estão conscientes da importância da Aliança e trabalharão no sentido de que a opinião pública entenda isso.

D.L. - Aparentemente, o Pacto de Varsóvia está a chegar ao fim. Qual será o significado da NATO, se isso acontecer?

G.P. - É bem possível que o Pacto possa estar a chegar ao fim, mas vejamos: a NATO foi criada em 1949 e o Pacto em 1955. A NATO não surgiu contra o pacto de Varsóvia mas sim contra a ameaça militar soviética, que não está dependente do Pacto.

D.L.- Então a ameaça é a ameaça militar soviética...

G.P. - É e, por enquanto, continua a existir. Não sei se existirá no futuro. Talvez não se deve chamar-lhe ameaça, mas sim risco. Quem pode dizer, hoje, qual será amanhã a situação política e militar da União Soviética? Quem sabe qual será a instabilidade da Europa no futuro? Quem pode dizer que vai deixar de existir risco militar e de segurança na Europa? A NATO é um símbolo de estabilidade que não ameaça ninguém, não é o momento de acabar com ela.

D. S.

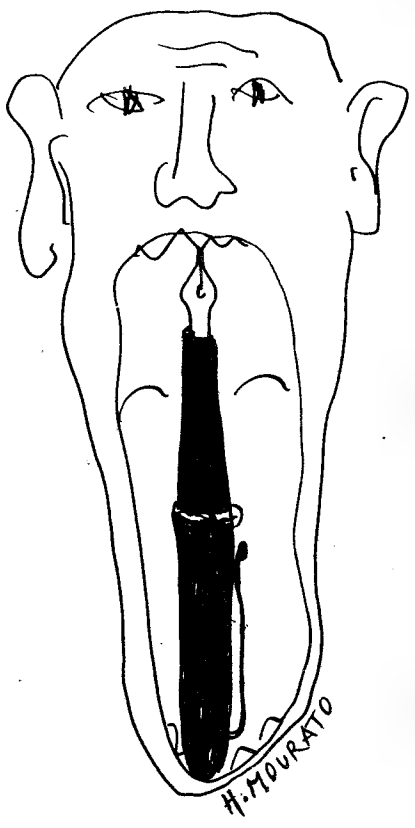
meteorologia

Dispensas

Um café. Um café ao acaso, café da esquina, outro, não o que o leitor pensa. Pago uma meia de leite e um *croissant* simples com uma nota de cinco mil, porque não tenho mais pequeno. Despachadamente, devolveu os trocos por mil escudos. Chamo a atenção para o erro. Completou a soma. Não se desculpou.

Primeiro, os diálogos telefónicos entre o indivíduo e o serviço, o concreto com o abstracto. Depois, um tempo de correspondência, com o mesmo serviço, a ADSE. Literatura epistolar, que perdura um ano. Não são pagas correctamente as participações, mesmo quando pagas. Finalmente, reconheceram que, «reexaminando o processo», pagam o «suplemento». Assinou o director, bela assinatura, sem se desculpar.

Levou-me por engano o carrinho, no supermercado, que deixei no momento de pesar a fruta. Protestei gentilmente, não por causa da mercadoria ainda não paga, mas porque no carrinho tinha algumas coisas pessoais. Olhou. Empurrou o carrinho na minha direcção. Não abriu a boca, quero dizer, a boquinha — era uma senhora.



Telefonema. Engano. Explico que não sou Fernando. Furioso, desligou.

Como disse o motorista do táxi: «O senhor já se deu conta que em Lisboa não se usa o pisca-pisca.» Passou de moda. Também passou de moda pedir desculpa.

Peço desculpa de maçar com isto.

Jorge Listopad

O «Diário de Lisboa» só voltará ao contacto com os leitores na próxima sexta-feira, dia 15, em virtude de amanhã, Dia de Santo António, ser feriado municipal, e de, quinta-feira, ser feriado nacional, assinalando o Dia do Corpo de Deus.

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S.A.

CONCESSIONÁRIOS VW Audi

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE
ECONOMIA
Diário de Lisboa

O país terá de pagar o preço da integração: menos despesa pública e mais receita fiscal. Valorização do escudo dificultará exportações e repercutir-se-á no emprego. Conjuntura favorável pode «amaciar» as consequências

Travagem da economia para entrar na UEM

Diminuir o ritmo de crescimento da economia é o preço a pagar por Portugal no prazo imediato para acompanhar, na primeira linha, a construção da União Económica e Monetária.

Esta diminuição visa reduzir a diferença que separa a taxa de inflação portuguesa da média comunitária e passa pela redução das despesas correntes por parte do Estado e pelo aumento dos impostos.

Da admitida valorização do escudo podem resultar dificuldades para as unidades exportadoras. Consequência desta contração económica, o emprego pode conhecer uma degradação da situação actual.

Dotar o país de uma estratégia é o objectivo do QUANTUM (Quadro de Ajustamento Nacional para a Transição para a União Económica e Monetária), elaborado pela equipa do Ministério das Finanças e apresentado no decorrer de um seminário internacional, que contou com a presença de Cavaco Silva.

Rui Pacheco

«É na Europa que se joga o essencial do nosso futuro», afirma Cavaco Silva

O primeiro-ministro defendeu o posicionamento português entre os construtores da União Económica Europeia, porque «é na Europa que se joga agora o essencial do nosso futuro colectivo», dado que «a decisão de construir o Mercado Único sem fronteiras constituiu uma decisiva resposta estratégica aos requisitos de um mundo marcado pela intensa competição e pela inovação tecnológica de grandes potências económicas, como o Japão e os Estados Unidos da América».

Centrais

Economistas querem transparência

Os economistas portugueses preocupam-se com a deontologia. O prestígio da profissão não pode ser abalado por práticas menos claras por parte de quem possui um título académico, mas não o sabe utilizar. Nem a imagem dos economistas pode ser identificada com a de um tarefeiro ou a de um simples gestor de uma empresa. Por isso, a criação de uma Ordem de Economistas é uma necessidade sentida por noventa por cento da classe e veículada pela respectiva Associação Portuguesa de Economistas, APEC.

Isso mesmo disse ao «DL» Manuela Morgado, presidente da direcção daquela associação, acrescentando que ninguém melhor do que os próprios economistas pode julgar os seus pares e reconhecer-lhes capacidades técnicas e científicas, bem como avaliar o seu comportamento deontológico.

Recebida por Cavaco Silva no decorrer da VIII Semana do Economista, realizada na passada semana em Lisboa e no Porto, a APEC não obteve nenhuma resposta positiva acerca da criação de uma Ordem de Economistas e dos anseios da classe. O primeiro-ministro remeteu a criação dessa Ordem para uma futura lei a ser aprovada pela Assembleia da República.

O governo teme, segundo a APEC, que a Ordem se torne num grupo de pressão, tal como acontece com a Ordem dos Médicos.

Pag.8

Balanço Social e realidade

Estão mal os recursos humanos em Portugal. Agora, graças à aplicação progressiva do Balanço Social, a realidade torna-se óbvia. As empresas portuguesas não têm razões para assistirem descansadas à abertura das fronteiras comunitárias. É que o Homem continua a ser a base de qualquer realidade. E da sua mudança...

Pág.6

Portugal mostra à Europa peso real do escudo

Liberalização do mercado financeiro vai ser verdadeiro teste. Equilibrar vertentes do dilema é a saída

A liberalização do mercado financeiro vai ser um teste para Portugal mostrar à Europa qual o verdadeiro peso que o escudo tem na Comunidade.

Conseguir controlar os sistemas cambial e monetário, face a uma conjuntura de especulação contra o escudo, é o grande problema que se põe ao nosso país, como diz ao «DL» o economista Paulo Amorim, director do departamento de estrangeiro do Banco de Portugal.

Tema debatido na passada semana em Lisboa, numa conferência organizada pelo ISEG - Instituto Superior de Economia e Gestão, sabe-se que a eficiência dos mercados financeiros e a sua transição para a liberalização têm duas soluções.

Pag.7

Consumo corrente aumenta *Pág. 2*

Duas realidades na fiscalidade económica - O comentário de Isabel Braz *Pág. 3*

Economia da produção cultural - A análise de Geraldo Dias *Pág. 3*

AGROPROMOTORA
CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS
PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA
RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

ECONOMIA

Índice do consumo corrente regista acréscimo elevado

Análise de conjuntura do Banco de Portugal refere que perspectivas desaconselham alívio na postura de política monetária

O indicador do consumo corrente continuou, nos dois primeiros meses deste ano, a registar um acréscimo elevado, com destaque para bens não alimentares, enquanto as vendas de automóveis tiveram um grande aumento em Abril, com o número de veículos vendidos, nos primeiros quatro meses de 1990, a ultrapassar o nível do mesmo período do ano anterior. Quem o afirma é o Banco de Portugal, na sua síntese mensal de conjuntura de Maio.

A manutenção de tensões inflacionistas e uma inflexão da procura interna, a partir do final do ano passado, são dois dos pontos destacados no mesmo estudo. Segundo o documento, no contexto das perspectivas de médio prazo para a economia nacional, tal situação «desaconselha qualquer alívio na postura (não acomodatícia) da política monetária e exige um contributo adicional da política orçamental, desejavelmente apoiadas por uma política de rendimentos mais activa».

A leitura do documento mostra que os elementos disponíveis sobre o inquérito de conjuntura ao comércio, no primeiro trimestre, apontam para que o volume de vendas do sector retalhista estava acima do nível registado no mesmo período de 1989, acontecendo o mesmo com as encomendas a fornededores.

A síntese do banco central acrescenta que o consumo de materiais de construção continua a apresentar sinais claros de abrandamento, o que mostra continuar a existir a tendência verificada no segundo semestre do ano passado.

Automóveis: um bem sem quebra de vendas

Importações e salários

Outro sector analisado é o das importações de máquinas. O que foi registado no primeiro trimestre permite prever que o investimento de bens de equipamento continua a mostrar-se como «a componente mais dinâmica da formação de capital», com o cálculo de que tenha atingido uma variação, em valor, não inferior às verificadas nos dois últimos trimestres de 1989.

A síntese de conjuntura do Banco de Portugal acrescenta não haver elementos quanto à evolução dos salários efectivamente participados, nos primeiros meses deste ano. As tabelas salariais negociadas, de Janeiro a Março, apresentam um crescimento médio de 13,7 por cento, o que representa uma aceleração relativamente a igual período do ano passado e ao conjunto de 1989.

Dados diversos

No que se refere ao Índice de Preços no Consumidor (IPC - total sem rendas de casa) houve, em Abril deste ano, um aumento de 1,2 por cento relativamente a Março.

As classes «alimentação e bebidas» e «conforto e habitação» ultrapassaram a média, verificando-se a primeira aceleração acentuada, relativamente a Março.

Em termos acumulados, o IPC subiu 5,9 por cento desde o fim de 1989, encontrando-se a taxa de inflação de Abril, relativamente a igual período do ano passado, nos 12,9 por cento. Em termos médios, os preços cresceram 12,7 por cento, nos últimos doze meses - de Abril a Abril - resultado idêntico ao registado nos dois meses anteriores.

No que se refere à Balança de Transações Correntes (BTC) houve, em Janeiro deste ano, um défice de 169 milhões de contos, comparativamente a um excedente de 70 milhões de dólares em igual mês do ano passado.

O estudo acrescenta que as necessidades de financiamento do sector público administrativo foram, no primeiro trimestre deste ano, de 290,3 milhões de contos, o que equivale a mais 48,6 por cento do verificado em igual perído de 1989, sendo na totalidade satisfeitas por recurso a financiamento monetário interno, incluindo bilhetes do Tesouro e «clip» na posse do público, não tendo havido qualquer emissão de títulos da dívida pública de médio e longo prazos.

Se, por um lado, a tendência de desaceleração registada nos principais agregados de liquidez não se manteve no período até Março, a taxa de crescimento dos activos líquidos na posse do sector residente não financeiro passou de 6,8, no período Dezembro/Janeiro, para 8,2 por cento em Fevereiro/Março, com uma aceleração da moeda em sentido estrito, cuja taxa de crescimento aumento para 10,2 por cento.

Continental e Mabor propõem investimento de 27,5 milhões

Um valor global de 27,5 milhões de contos é quanto representa o contrato de investimento assinado recentemente no Palácio da Bolsa, no Porto, que visa o Proposto Continental-Mabor para formação de uma «holding» de produção de pneus envolvendo os dois parceiros. O capital social, de sete milhões de contos, ficará repartido em 60 por cento para a Continental AG e o restante para a Mabor.

Durante a cerimónia, onde estiveram presentes os ministros da Indústria e Energia e do Comércio e Turismo, foi referido que a constituição da nova empresa representa a resolução, no plano estratégico, da Mabor, líder do mercado nacional, transformando a sua unidade industrial numa outra, considerada como das mais avançadas mundialmente, no ponto de vista tecnológico.

Segundo foi divulgado, do investimento a realizar, cerca de 18,5 milhões de contos correspondem à aplicação de novos equipamentos, estando prevista uma «participação significativa» da indústria nacional neste volume.

Na fase de plano de funcionamento a produção prevista é de 18 mil unidades por dia, ao que corresponde, aos preços actuais, uma facturação superior a 20 milhões de contos.

Nos planos da nova empresa está o abastecimento do mercado externo com mais de 80 por cento da sua produção, com especial incidência nos países da CEE próximos de Portugal, sendo que um dos segmentos de mercado tido como alvo preferencial é o de equipamento para fabricantes de origem, onde são cada vez maiores as exigências de qualidade, estando previsto um saldo cambial líquido superior a 40 milhões de contos durante o período de vigência do contrato de investimento agora firmado.

De acordo com o que foi afirmado, a nova unidade irá garantir, na sua fase plena de laboração, mais de mil postos de trabalho, estando previstas acções intensas de formação profissional, com o envolvimento de quase todos os trabalhadores, forma considerada necessária para a introdução de novas tecnologias e para assegurar os padrões de qualidade pretendidos.

Conforme destacado no Porto, a Continental escolheu a Mabor como parceiro, para este projecto, por ter como objectivo estratégico a conquista de uma posição de destaque na Península Ibérica, enquanto que a segunda garantiu, com a associação, condições que lhe permitirão a consagração, dos seus produtos e da marca, nos diversos mercados onde tem operado.

Lisnave comprou Parry and Son por necessidade de expansão

A necessidade de expansão foi considerada a causa da arrematação, por parte de Lisnave, do património da H. Parry and Son, segundo afirmou o administrador daquela empresa. Viegas Dias acrescentou que ainda não estão calculados os custos dos investimentos/beneficiações a fazer para que as instalações fiquem completamente operacionais.

Conforme afirmou, «vivemos numa fase bastante simpática», o que justifica a compra das instalações do antigo estaleiro, na margem sul do Tejo, que será destinado a reparações de barcos de pesca e rebocadores de duas mil toneladas.

O administrador da empresa, citado pela «Lusa», afirmou que as instalações custaram 245 mil contos, dos quais cerca de 70 mil já estão pagos, enquanto que o restante será liquidado na altura da escritura notarial, «prevista para dentro de um mês».

O estaleiro da Parry and Son, já centenário, abriu falência em Maio de 1986, por proposta dos accionistas, o IPE - Investimentos e Participações do Estado, que detinha a maior parte das accções, com 48 por cento, a ainda a Lisnave e a família Lacerda.

A falência foi apresentada pela própria falida e deu origem a um processo que terminou com o leilão de 24 de Maio último, onde a Lisnave, em competição com outros licitadores, arrematou, pela melhor proposta, as instalações, que incluem dois diques de navios e terrenos, com uma área de quase nove mil metros quadrados, casas, armazéns, logradouros, oficinas e outros edifícios de várias centenas de metros quadrados cobertos.

O mercado de reparação naval está, segundo Viegas Dias, melhor que na década passada, pelo que se abrem boas perspectivas para o sector, o que leva a Lisnave a equipar-se na área da informática e a requisitar técnicos para os seus quadros, a fim de obter maior número de informações sobre as frotas das empresas clientes.

A perspectiva de novos contratos surge depois de ter havido uma «mudança de atitude dos grandes armadores mundiais», entre os quais se encontra a Mobil.

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

☐ 1 ANO — 18 000$00
☐ 6 MESES — 9 000$00
☐ 3 MESES — 4 500$00
☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

ECONOMIA

Confronto de duas realidades na fiscalidade comunitária

Na generalidade é por todos aceite que a construção do mercado interno europeu traz vantagens económicas evidentes, quando considerando o Mercado Comum como um todo.

No entanto, a criação deste mercado torna evidente o confronto entre duas realidades: a livre circulação, entre os Estados membros, de pessoas, capitais, bens e serviços contrapondo-se à desarticulação do sistema de tributação no seio da Comunidade.

Esta situação faz que haja a necessidade de se manter as barreiras alfandegárias, sob pena de distorção das condições de concorrência. Na situação actual a abolição, pura e simples, das fronteiras fiscais seria inaceitável, pois iria comprometer a estabilidade financeira dos Estados membros.

Assim, e para distinguir o objectivo do mercado interno, foi elaborado um conjunto de documentos, que ficou conhecido como «Pacote Fiscal». No entanto, a resolução deste «dossier» fiscal traz dificuldades significativas, uma vez que a adopção de medidas legislativas, nesta área, exige a regra da unanimidade.

Ao assumir este pacote de medidas fiscais, a Comissão aparecia como defensora da tese de harmonização fiscal, a preceder a abolição de fronteiras.

Habitação a custo controlado: um sector penalizado

Um imposto discutido

O IVA tem sido um dos impostos mais discutidos com o fim da harmonização fiscal. No entanto, apesar de todos os Estados membros aplicarem o mesmo sistema, o número de taxas e o nível destas permanecem diferentes de um país para outro. A taxa normal de IVA distibui-se num intervalo compreendido entre um mínimo de 12 por cento (Espanha e Luxemburgo) e um máximo de 25 por cento (Irlanda).

Esta disparidade do nível e do número de taxas é também agravada pela utilização da taxa zero, na Irlanda, Reino Unido e Portugal. A abolição desta taxa tem sido um assunto bastante controverso, ainda mais porque o Governo britânico se tem oposto a qualquer tentativa para a sua eliminação. Basicamente, é uma taxa que está ligada a razões de política social e a abolição poderia ter consequências inflaccionistas graves nestes três países.

Isabel Braz

A prática de diferentes taxas de tributação indirecta (ou seja, impostos sobre a despesa) faz-se sentir no preço finais dos bens e dos serviços oferecidos aos consumidores finais. Um regime de livre circulação de bens e serviços, nestas condições, prejudica as empresas localizadas nos países onde são praticadas as taxas mais altas, sendo alterado o sistema de livre concorrência pretendido. O elemento determinante continua a ser a distorção da concorrência, que joga a favor de um consenso entre as partes.

A aplicação de uma taxa mínima ou, em alternativa, a definição dos limites das taxas, e a aplicação do IVA no país de compra das mercadorias ou no país do consumo dos bens são temas que têm estado na ordem do dia nas reuniões do Conselho de Ministros da Comunidade, a aguardar opiniões unânimes.

Fiscalidade das empresas

Outro assunto que preocupa os países membros da Comunidade, constituindo uma das condições essenciais para o bom funcionamento do Mercado Comum, é o que se refere à fiscalidade das empresas, designadamente o problema da dupla tributação das empresas europeias que operam em vários países comunitários.

De facto, uma empresa que exerça a sua actividade em vários Estados membros submete-se à aplicação de vários sistemas fiscais existentes no plano interno de cada Estado, o que implica a dúpla tributação e múltiplos encargos admninistrativos que dificultam a actividade além fronteiras.

Para fugir a este problema deverão ser abolidos os entraves fiscais. A fiscalidade das empresas que operam nos vários Estados membros deverá ser despenalizante, comparativamente àquelas que se limitam a uma actividade nacional.

A existência de 12 sistemas fiscais, na CEE, distorce fortemente a concorrência entre países membros. Cada Estado tem de resolver separadamente, com cada um dos seus restantes parceiros, as situações que podem resultar do facto da interacção dos dois sistemas de tributação, o que significa um total de 66 convenções bilaterais.

Com o objectivo de colmantar estes problemas, a Comissão sobre fiscalidade das empresas convidou os ministros das Finanças dos países membros a pronunciarem-se sobre três directivas.

Em termos gerais, estas são: a de «Fusões», que prevê que as mais-valias resultantes de uma fusão de empresas de diferentes Estados membros não serão tributadas no momento da operação, mas sim quando forem efectivamente realizadas; a de «Sociedades e suas filiais», que visa a supressão dos impostos com retenção na fonte sobre os dividendos que uma filial atribua à empresa-mãe que se encontre noutro Estado membro, originando a abolição da dupla tributação; e a de «Processo arbitral», que prevê a instauração de um processo que assegura a eliminação de duplas tributações entre empresas associadas.

Apesar de ser um tema de extrema importância, tendo como objectivo final a eliminação das barreiras fiscais que vão contra o espírito do mercado interno de 1993, nenhum acordo foi conseguido, pelos ministros das Finanças, estando em aberto este debate e a aguardar uma resolução unânime.

Esá pois em jogo o aperfeiçoamento do grande espaço europeu, no domínio da fiscalidade.

O mercado interno de 1993 é, sem dúvida, uma certeza política, embora não existindo tal certeza ao nível das soluções técnicas.

COMENTÁRIO

Economia da produção cultural

A internacionalização e a evolução tecnológica aceleram os processos de validação mercantil na produção cultural. A internacionalização permite a reprodução alargada das oportunidades de investimento, numa base tecnológica aprofundada.

A importância das condições de financiamento é cada vez maior. A relação entre produção cultural e mercado aprofunda-se ao nível das formas de produção e consumo na indústria discográfica, no cinema, na televisão, na imprensa, assistindo-se a um hiper-desenvolvimento dos mercados da cultura difundida por meios tecnólogicos que ultrapassam todo o tipo de barreiras políticas e culturais.

A liberdade de circulação da informação potencia uma expansão contraditória dos mercados culturais pois, se por um lado, democratiza de algum modo o acesso aos bens culturais, por outro, as condições da produção tendencialmente oligopolizada - dos satélites artificiais à produção de programas - enviezam o funcionamento dos mercados. Este enviezamento provém, também, do aparato de vendas das grandes indústrias, capazes de colocarem os seus produtos no consumidor final, a que se junta um segundo mercado, constituído pelas empresas que compram produtos e espaços às organizações produtoras de mercadorias culturais.

É, em resultado destes acontecimentos, que se multiplicam as iniciativas de política cultural - trabalho cultural sobre a mediação social - não tanto no sentido de legitimar formas de pseudo-validação da produção cultural, mas porque a atenção aos modos de comunicação na sociedade é fundamental como obstáculo à *desertificação cultural*. Esta está relacionada com o controlo social sobre o «out-put» agenciado pelas indústrias multinacionais com capacidade para fixar programas e conteúdos, homogeneizando mercados com recurso aos circuitos de «marketing» internacional.

No entanto, as necessidades sociais de informação permanecem largamente por satisfazer e a reconversão agressiva dos operadores insere-se aí. Esta coloca-se num quadro de desregulamentação, fragmentação e descentralização, abrindo perspectivas de evolução de um modelo de irradiação - a partir de um centro e sem retorno possível - para um modelo de contágio - constituído por uma circulação sequencial de efeitos e interactivo - mais capaz para facultar a procura das ligações convenientes e estabelecer e explorar interacções. A evolução dos operadores, num quadro nacional/internacional, pode aparecer enriquecida, na base da capacidade para desempacotar a tecnologia e estabelecer ligações e alianças apoiadas num contexto institucional desburocratizado e descentralizado, entreabrindo possibilidades à conciliação de interesses privados e gerais.

Os operadores deparam-se com o desafio de, inteligentemente, controlarem um processo de transição que coloca a intervenção burocrática em situação defensiva mas, em que é nuclear, um relacionamento público/privado qualitativamente superior, para que a mudança social acompanhe a evolução tecnológica. A incapacidade de iniciativa local relaciona-se também com concepções desvalorizadoras da capacidade/apetência dos cidadãos consumidores. Sem pôr de parte as dificuldades de uma comunidade da comunicação pouco desenvolvida, o facto é que as organizações com aparato de «marketing» são activos mobilizadores dos recursos dos consumidores, num contexto em que o mercado da cultura é dos que maiores taxas de crescimento apresenta.

Geraldo Dias

Face à incapacidade institucional e ao défice de «performance» de todos os actores envolvidos, o mercado aparece, por vezes, com toda a sua irracionalidade: «joint-ventures» com editores internacionais para a comercialização de produtos a que o público responde com interesse, apesar do desajustamento dos veículos e dos conteúdos em relação aos mercados consumidores.

ECONOMIA

Afirmar Portugal como um dos construtores da unidade económica europeia exig
ao crescimento económico

Participar na integração comunitári implica estratégia a longo prazo

Rui Pacheco

Cavaco Silva: «Quando as economias menos desenvolvidas se integram em grandes espaços económicos, é sobre o emprego que tende a recair o ónus do ajustamento»

Aproximam-se tempos difíceis para Cavaco Silva. O programa QUA' JTUM (ver artigo sobre o assunto) vai pear o ritmo de crescimento económico para preparar Portugal para a União Económica e Monetária (UEM). Divulgá-lo foi o objectivo do Ministério das Finanças, com a organização de um seminário internacional subordinado ao tema "Portugal e a transição para a UEM".

A primeira fase da UEM, que começa em 1 de Julho próximo, é o pretexto para o Quadro. Classificada como «a parte mais difícil do esforço de adesão», deverá conseguir incorporar todas as moedas na "banda estreita" do Mecanismo de Taxas de Câmbio do SME.

De cariz essencialmente financeiro, aquele programa, tem no combate à inflação, o seu alvo número um. Disciplinar as finanças públicas, onde avultam cortes nas despesas correntes, "domar" as negociações salariais e compensar os efeitos do surgimento do escudo como moeda forte, desde logo as dificuldades na exportação, são preocupações que adquirirão o estatuto de prioritárias nos tempos próximos, nos quais, para mais, ocorrerão diversos actos eleitorais.

Por isto mesmo, como afirmou o primeiro-ministro, estamos perante «um desafio à capacidade de subordinar a gestão económica e sócio-política de curto prazo a objectivos estratégicos de longo prazo».

Nem tudo é mau, porém: a conjuntura económica, nacional e internacional, é boa e poderá amaciar os reflexos eleitorias das consequências económicas do QUANTUM, no que se refere a trabalhadores, consumidores e exportadores.

E a avaliar pelas linhas-força do seu diagnóstico, Cavaco Silva bem precisa de ajuda, porque «é sobre as economias menos desenvolvidas e periféricas que tende a recair a maior parte das tensões geradas pela integração em grandes espaços económicos» e porque, nestas economias, «é sobre o emprego que tende a recair o essencial do ónus do ajustamento».

Constâncio: assegurar flexibilidade na entrada do escudo no SME

Entre uma adesão ao SME sem condições adequadas e a inevitabilidade da mesma entrada num futuro próximo (dois a três anos), Portugal vê mais estreita a margem de manobra para decidir, dada a aceleração do processo de integração, afirmou Vitor Constâncio.

O ex-dirigente socialista entende que a necessidade portuguesa de participar, com algum poder negocial, no processo de decisão sobre o futuro do SME, na próxima conferência inter governamental, implica uma posição assente em três pontos.

O primeiro, disse, é o anúncio prévio à conferência do compromisso de aderir ao mecanismo de câmbio, na sequência de uma conclusão, satisfatória e consensual, dos trabalhos da conferência.

Depois, os responsáveis portugueses deveriam negociar a morfologia do novo sistema.

Em particular, deveria assegurar-se a existência de bandas largas de flutuação durante parte da segunda fase, de forma a existir uma margem possível de ajustamento, caso a desinflação em Portugal venha a ser mais lenta que o previsto.

Ainda neste ponto, é de todo o interesse para Portugal, segundo Constâncio, assegurar que a coordenação das políticas orçamentais dos diversos Estados-membros seja feita de forma flexível, para impedir a imposição comunitária de limites compulsivos aos défices orçamentais, prevista no relatório Delors.

Vitor Constâncio: «A diminuição do crescimento económico exigirá concertação social e política de rendimentos e preços»

Para o actual professor do ISEG deverá ser aceite apenas a limitação compulsiva do financiamento monetário dos défices e a existência de mecanismos de supervisão multilateral.

Também a negociação do reforço da política regional comunitária pós-1992 foi recomendada por Constâncio.

Com este reforço é visada a criação de mecanismos de segurança para apoio transitório ao financiamento de défices da balança de transacções correntes resultantes da possível apreciação real das taxas de câmbio.

Segundo disse, estes mecanismos deveriam consistir no reforço temporário das verbas dos fundos estruturais e não apenas em novos apoios creditícios.

Novas regras

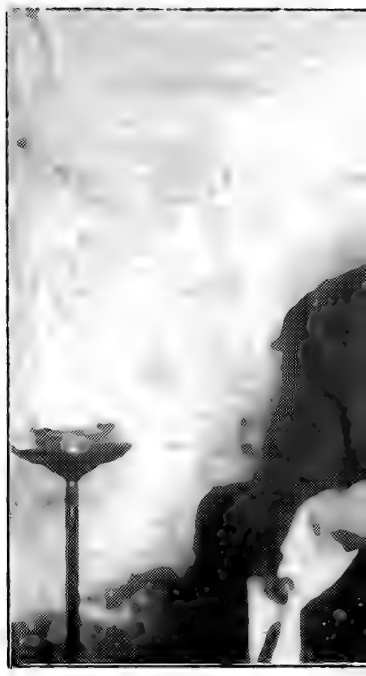
A adopção imediata de «políticas consistentes», para reduzir a taxa de inflação, constitui o terceiro ponto da posição explanada.

Reconhecer que uma política monetária mais restritiva não poderá constituir o instrumento principal para alcançar aquele objectivo é algo adquirido para Constâncio.

Assim, o essencial dos instrumentos transfere-se para o ajustamento orçamental e a política de rendimentos, contrapôs. Dado o previsto agravamento do défice orçamental deste ano, disse, a sua redução tornou-se mais necessária para iniciar o processo de inflação. Não parece, porém, suficientemente fundamentada a posição de que o ajustamento orçamental se justifica segundo uma óptica de médio prazo.

Esta posição levou-o a considerar que, tão ou mais necessária que o ajustamento orçamental inicial, é a interiorização, pelos agentes económicos, de novas regras contratuais de formação de custos salariais e preços.

Sem concertação social e uma política de rendimentos e preços bem sucedida não será possível reduzir rapidamente a inflação e, sobretudo, não será viável consegui-lo com baixos custos, em termos de diminuição temporária do crescimento económico, concluiu.



Portugal para din

No encerramento do Seminário, Deus Pinheiro teve oportunidade de esclarecer situações e conceitos quanto à união política na Europa dos Doze.

Depois de afirmar: «Não é da unidade política que se trata», o ministro dos Negócios Estrangeiros precisou que, neste campo, o que a Comunidade Económica Europeia está a discutir é a

exige, para já, limitações

ria

tu-
es-
os
is,
er-
ir-
ro,
le-
or-
a e
zo
de
n: a
ça,
, é
re-
se-
do
se
on-
s.
as-
co,
de
as
en-
ue
rte
in-
es-
or-
«é
le a
do

Daí o alerta reivindicativo,segundo o qual «assegurar a existência de mecanismos que permitam resolver as tensões económicas, financeiras e sociais geradoras da instabilidade e tendencialmente conducentes à desagregação da própria UEM torna-se um requisito imprescindível. Ou seja, a estabilidade monetária deve servir e promover o desenvolvimento, através da estabilidade económica e social. Há que ter sempre bem presente esta articulação de prioridades, sob pena de todo o empreendimento perder o seu sentido útil».

Estas afirmações do chefe do Governo são tanto mais significativas quanto a posição do Executivo, expressa por Beleza, é a de considerar «importante que fique claro que aceitar participar em ritmo lento na UEM significa, na prática, perder o poder de intervenção na sua concepção».

Sobre esta, precisa o ministro das Finanças, «só há duas velocidades relevantes: a dos que constroem e a dos que, mais tarde, a aceitam como uma imposição externa».

Depois de não excluir, *a priori*, a hipótese da construção da UEM a várias velocidades, Beleza garante que «pela nossa parte estamos profundamente empenhados em que, se o pragmatismo impuser a existência de velocidades múltiplas, Portugal avance com os primeiros».

Pagar - e assumir - os custos desta vontade, classificada no QUANTUM como «opção civilizacional de fundo», é algo a que Cavaco está disposto.

No ar ficou, entretanto, um comentário do professor da "Católica", Manuel Pinho: «Por melhor arquitectada que seja, uma estratégia de desinflação não tem, rigorosamente, nenhum efeito se a expansão da procura interna (cuja contracção identificou como a condição suficiente, a juntar a outras necessárias, para a desinflação) não for contida através de medidas concretas. Ou seja, arquitectar uma estratégia adequada não é quanto basta. É necessário pô-la em prática».

Rui Nunes

Deus Pinheiro

gal tem princípios dimensão política

Se-
teve
ecer
anto
ropa

ão é
e se
Ne-
isou
ue a
nica
é a

sua dimensão política e questões ligadas às instituições.

No primeiro assunto, trata-se de avançar com o aprofundamento da harmonização de posições na política externa e em questões de segurança; no segundo, o objectivo é o de aumentar a «legitimidade, eficiência e eficácia» das instituições comunitárias.

Segundo o ministro, a posição portuguesa, nesta discussão, é a do «empenhamento activo, mas em função de princípios». Entre estes estão os do consenso, do respeito pela diversidade, do equilíbrio institucional, do gradualismo, da flexibilidade e da subsidiariedade (atribuir ao nível comunitário o que não pode ser feito melhor no nível nacional).

QUANTUM desinflaciona e relembra «vacas magras»

QUANTUM. Esta sigla passará a ser muito referida em Portugal nos próximos tempos. A razão para tal encontra-se no que significa: Quadro de Ajustamento Nacional para a Transição para a União Económica e Monetária. A ausência casual do E de Económica reforça o carácter financeiro do Quadro que refere.

Apresentado no Seminário por Miguel Beleza, o QUANTUM traça uma estratégia que passa pela «disciplina das despesas públicas, como meio para a condução de políticas orçamentais financeiramente sólidas mas flexíveis, a atenuação gradual mas significativa do diferencial de inflação e o empenhamento na conclusão do Mercado Único e da União Económica e Monetária». Por aqui, considera o ministro, «passa, hoje, o nosso caminho para o desenvolvimento».

No centro das preocupações está a redução do diferencial da taxa de inflação que separa Portugal da média dos seus parceiros comunitários, uma vez que «a convergência nominal é uma condição necessária para possibilitar, a prazo, a convergência real», o que «significa menor inflação e a garantia de que os equilíbrios orçamental e externo serão compatíveis com a estabilidade cambial».

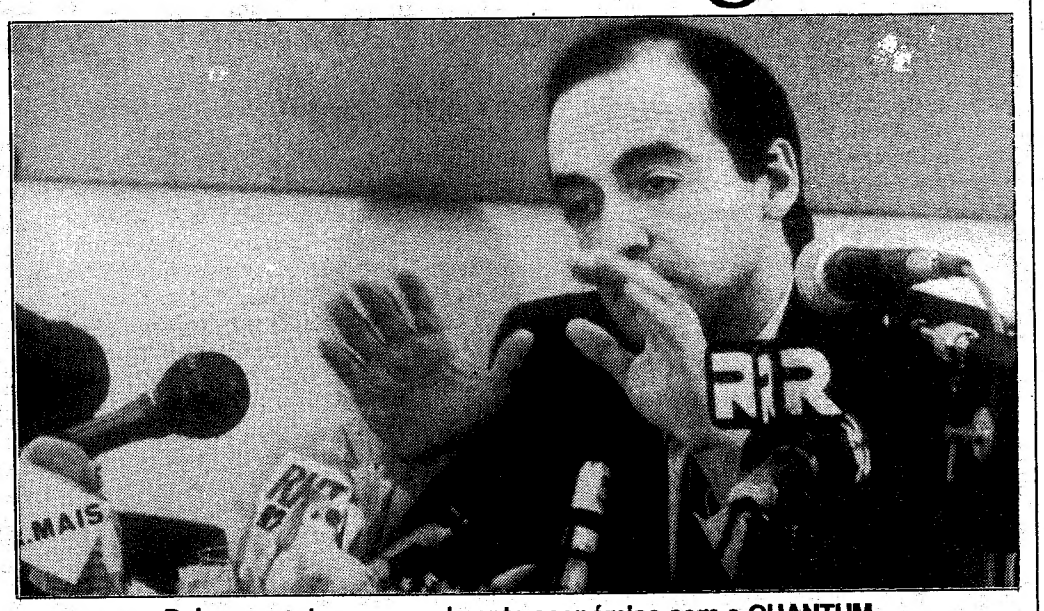
Os custos associados a esta orientação, acrescenta, «não excedem os que teriam de ser suportados no quadro de um programa de estabilização puramente interno».

Para a almejada estabilização de preços «é difícil encontrar um factor que contribua mais para o sucesso final do que a disciplina orçamental do Estado», uma vez que se julga que «a redução do peso das despesas públicas é um passo crucial para a convergência real e nominal». Dentro das despesas públicas, serão as "correntes" que pagarão o grosso da factura.

O cenário de ajustamento prefigurado pelo Quadro define uma política orçamental baeada na «contenção clara das despesas correntes em bens e serviços do Sector Público Administrativo (a começar em 1991) e num aumento moderado da tributação indirecta».

Este aumento da tributação verificar-se-á através do aumento da taxa média de imposto, em linha com as recentes propostas de harmonização fiscal em discussão na Comunidade, decorrente do alargamento da sua base e, «se indispensável», do acréscimo de alguns impostos específicos.

. O esforço de contenção das despesas públicas «tem de recair fundamentalmente sobre as despesas correntes, porque é indispensável prosseguir com importantes programas de investimento público e transferências de capital, em particular nas áreas beneficiando de co-financiamentos comunitários».



Beleza quer travar crescimento económico com o QUANTUM

A "abençoar" o perfil de restrições à economia esteve Henning Christophersen, que apresentou o relatório da Comissão europeia sobre a estratégia de ajustamento orçamental para Portugal. Segundo disse, «em anos recentes, a experiência de Portugal e outros países que seguiram estratégias de ajustamento fiscal baseadas quase inteiramente na redução de despesas sugere que a redução ou mesmo a estabilização, em termos reais, da despesa pública, é muito difícil de conseguir».

Em consequência, aduziu, é recomendada a tomada de medidas que visem aumentar as receitas dos impostos.

Quadro enquadrado

A materialização da política definida no QUANTUM passa por «vários elementos e componentes políticos que influenciam todos os aspectos da vida económica nacional». O documento procede a identificações. A determinação de rendimentos é identificada, à cabeça, como um dos campos mais importantes onde se joga a convergência nominal: «Se assumido pela sociedade portuguesa, o esforço de desinflação tem de situar-se no centro da negociação dos parceiros sociais e da política de rendimentos».

Outro elemento, no domínio monetário e financeiro, que ganha desde logo relevância, é a participação do escudo no SME. Esta adesão, afirma-se, é hoje «consensual» e, «de certo modo, independente da prossecução da UEM».

Ora, «o principal problema, mas também o incentivo macroeconómico mais sério, para a adesão a este mecanismo, relaciona-se com o facto da economia portuguesa enfrentar, nos últimos dezasseis anos, o problema de uma inflação elevada. Deste modo, a desinflação, além dos fortes justificativos que existem do ponto de vista do crescimento económico, aparece agora como uma pré-condição para a participação no processo de integração».

Os custos, certos e «consideráveis» da desinflação, são considerados por Beleza como «uma necessidade imperiosa, para se conseguir atingir os benefícios da UEM».

Também a estabilização monetária e cambial apresenta alguns problemas conjunturais.

Desde logo, a valorização real da moeda. Dos efeitos resultantes, são destacados o da afectação negativa da competitividade da economia, com «efeitos gravosos sobre os sectores produtores de bens transaccionáveis» e a entrada líquida de capitais, a qual, pressionando a taxa de juro para baixo, dificulta a desinflação».

O efeito total, admite-se, pode ser o de «uma degradação da posição comercial do País, que não se manifesta a nível das reservas cambiais, devido ao excedente na balança de capitais. O consequente endividamento externo pode implicar sérios custos para a economia».

O abdicar do uso de determinados instrumentos de política, como a desvalorização da moeda ou o controlo de capitais, corresponde a uma perda efectiva de autoridade por parte das autoridades económicas, que ficam inibidas de intervir para atenuar «efeitos de choque» variados.

Dado que Portugal, devido às diferenças de estrutura económica, sofre e reage a choques de forma bastante diferente da do resto da Europa, é estipulada no QUANTUM a importância de procurar reter alguma flexibilidade na condução da política económica, por ser «a única forma de acomodar as necessidades de ajustamento inevitáveis no tecido económico nacional».

Consideradas pelo documento são também as consequências existentes na área orçamental.

São realçadas as restrições ao financiamento monetário do defice orçamental, com o que o Estado deixa de poder usar em gastos o seu poder de criar moeda (*seignorage* ou "imposto de amoedação"), e a subida do custo da dívida púiblica decorrente da igualdade de circunstâncias em que a dívida do Estado é colocada face à de outros agentes, através da liberalização do mercado financeiro.

Por fim, são admitidos aumentos em certas categorias de despesas públicas, decorrentes da integração, como as verbas correspondentes à complementação dos fundos estruturais.

«Falta de credibilidade»

O enquadramento descrito alimenta razões para cuidados. No documento é reconhecido que, apesar da estabilidade cambiai facilitar o recurso ao crédito externo, «existem fortes razões para, quer do lado das despesas, quer de algumas rubricas das receitas, se poderem encontrar grandes problemas orçamentais».

Por outro lado, a «relativa debilidade» da economia nacional e «alguma perda inicial de competitividade» poderão sugerir a «falta de credibilidade no compromisso cambial».

De facto, como é reconhecido, «aqui residem alguns dos maiores riscos de todo o processo», já que «a desconfiança na sustentabilidade da paridade pode originar movimentos espe-culativos que poderia comprometer o processo. Os fracassos retumbantes de algumas experiências cambiais de outros países nas últimas décadas são suficientemente eloqüentes».

R.N.

ECONOMIA

Balanço social revela doenças dos recursos humanos

Factor de qualquer mudança e base de qualquer situação, os recursos humanos são radiografados pelo Balanço Social. Em Portugal, vão mal

Quanto mais lhe batiam mais gostavam dele. Foi este o espírito evidenciado pelos participantes no painel "Balanço Social - análise e perspectivas de desenvolvimento» organizado pelo Centro de Diagnóstico e Estudos Socio-Económicos (CEDES).

Entre as muitas críticas, assentes na experiência resultante dos balanços sociais (BS) já publicados, referentes aos anos de 1986, 1987 e 1988, avultaram a hetereogeneidade conceptual, a ausência de *feed-back* da informação prestada e a discrepância da matriz existente em relação às inovações entretanto surgidas nos campos legislativo, económico e social.

Da parte do Governo e da Administração Pública as situações motivadoras daquelas críticas serão resolvidas, em breve, com a revisão do Balanço Social (BS), de acordo com as palavras de Bagão Félix, secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional, e de José Fialho, director-geral do Departamento de Estatísticas do Ministério do Emprego.

Este último responsável disse, a propósito, sobre as precisões conceptuais: «Ninguém as deseja mais que nós». A Comunidade Europeia será o modelo a seguir, acrescentou.

Por resolver ficarão outros pontos polémicos, desde a integração desta fonte de informação no Sistema de Estatísticas Sociais ou no próprio Sistema Estatístico Nacional até à reformulação da matriz que permita a entrada de dados sobre a responsabilidade da empresa perante a comunidade circundante.

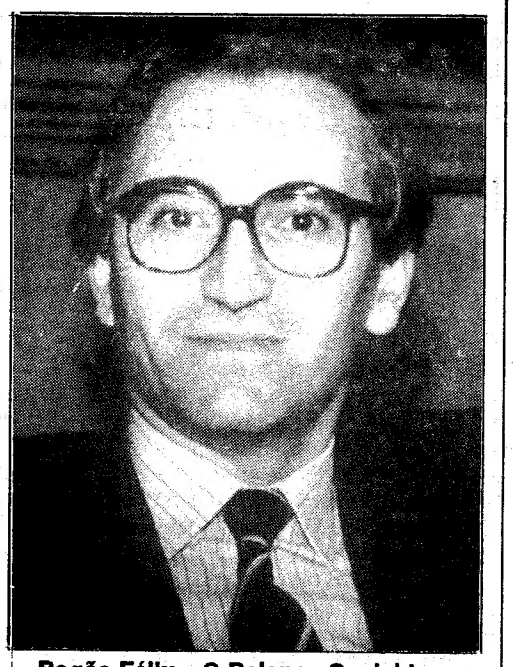
Pelo meio, permanecerão a regionalização da informação agregada ou a compilação desta por sectores de actividade económica.

Os ataques, porém, não impediram o reconhecimento, pelos diversos intervenientes, da bondade deste instrumento. Do secretário de Estado às centrais sindicais, dos académicos aos técnicos de gestão dos recursos humanos todos concordaram na valia do BS como fonte privilegiada de informação e suporte de definição de políticas para responsáveis empresariais, sindicais e políticos.

O caso da CP, apresentado por Moreira da Silva e Carlos Machado, ilustrou esta unanimidade. Como afirmaram: «Uma cultura de gestão pouco agressiva prescinde de Informação para Gestão eficaz. Pelo contrário, preferirá fazer proliferar estudos monográficos e bancos de dados vários, quase sempre sem unidade e coerência internas e assentes em produtos informáticos velhos e pouco fidedignos.

«Com a edição do primeiro BS, construído ainda antes da Lei 141/85, surgiram publicamente, no seio da empresa, informações sistematizadas originando algumas exclamações, muitas declarações de intenção, alguns 'bodes expiatórios' e a constatação unânime de que algo haveria a fazer!»

De resto, por alguma razão o BS é já a segunda fonte de informação estatística mais procurada, logo depois dos quadros de pessoal.



Bagão Félix. «O Balanço Social tem de ser adaptado às novas realidades»

«Sector de ponta»

Se, como considerou um técnico do Departamento de estatística do MESS, «o BS adquiriu já, de forma irreversível, uma posição como instrumento de gestão de recursos humanos, a nível de empresa, e como instrumento de análise social e económica, numa perspectiva mais ampla de indicador económico», tal será justificado pelo que Joffre Justino referiu.

Este representante da UGT afirmou, com efeito, que «tratando-se de um universo reduzido e com a especificidade que lhe dá o ter uma gestão de recursos humanos organizada, as empresas que apresentam o seu BS caracterizam, no entanto, o sector de ponta quanto ao futuro da actividade económica» num Estado comunitário.

Relativa a esta última afirmação, deverão referir-se duas *nuances* introduzidas pela discussão.

Uma consiste, precisamente, em saber qual o critério a seguir para determinar que empresas deverão entregar o BS.

Hoje, obrigatório para todas as empresas com um mínimo de cem trabalhadores, o BS tem de ser adaptado à crescente terciarização da economia, às alterações empresariais provocadas pelas novas tecnologias na organização e descentralização funcional e geográfica do trabalho, ao surgimento de pequenas empresas de alta especialização e à divisão de grandes organizações em estabelecimentos especializados e complementares, como referiu Bagão Félix.

Outra prende-se com a realidade efectiva daquele «sector de ponta» patente nos dados publicados *ver «caixa»*).

O dramatismo da situação é agravado quando se sabe que a informação disponível respeita apenas a dois por cento das empresas existentes em Portugal, as quais empregam quase metade da mão-de-obra total ou um terço, se se excluir os funcionários públicos.

Rui Nunes

Situação a raiar o descalabro

É esclarecedora da situação socio-laboral das maiores empregadoras do País a consulta ao BS de 1988, último ano com dados tratados, das empresas públicas, participadas e com mais de 500 trabalhadores ao serviço.

Da observação destes dados, referentes a 342 empresas que empregavam 480.936 trabalhadores, constata-se, à partida, as melhores condições oferecidas pelas empresas públicas (49 com 214.870 trabalhadores) em relação às privadas.

Consolo pouco, em todo o caso, quando se repara que, naquele grupo de empresas, 47,1 por cento dos trabalhadores têm menos do que a sexta classe (57,2 para as privadas) e só 3,9 possuem habilitações universitárias (2,2 nas privadas).

Elevado é também o peso dos contratados a prazo (14,6 por cento do total), acentuado ainda mais nas privadas (27,6) do que nas públicas (2,4) e a duração normal do trabalho, situada em quase um terço (31,3) do universo empresarial no escalão 45-48 horas. Ainda neste escalão, o sector privado apresenta o valor percentual de 48.

A «doença» constituiu, por outro lado, a justificação mais frequente (66 por cento) do absentismo verificado neste período.

Sem grandes variações nas causas, o absentismo verifica a diferença público-privado na remuneração (não) existente.

Enquanto que 63,2 por cento das faltas ao trabalho nas empresas públicas foi remunerado, nas privadas tal só se verificou para 23,6. Assim, dos 30 milhões de horas «absentistas» registadas nas públicas foram remunerados 19 milhões, ao passo que dos 36 milhões das privadas apenas oito milhões tiveram esta sorte.

São ainda as empresas públicas que apresentam o custo mais elevado da mão-de-obra por trabalhador (1,9 milhares de contos contra 1,1 para os das privadas).

O salário-base, aqui, pesa 45 por cento no total das remunerações «públicas» e 51,3 nas «privadas».

Pertence às empresas privadas, em termos de higiene e segurança, a liderança de acidentes e mortos: respectivamente, 34.730 contra 20.994 e 64 contra 30.

Por fim, diga-se que é nas empresas públicas que as taxas de sindicalização são mais elevadas: 86,6 contra 55,6 das privadas.

Pesada factura

Albino Lopes, psicólogo social e técnico do CEDES, ao apresentar uma análise sectorial de resultados recolhidos pela sua empresa, concluiu que «as empresas portuguesas estão muito longe de poder suportar com tranquilidade o choque da abertura de fronteiras».

A clássica referência aos baixos custos da mão-de-obra portuguesa materializa, segundo a análise feita, um ditado, também ele clássico: "O barato sai caro".

Posto isto, resulta insuficiente a afirmação que a nova figura de gestores e técnicos de recursos humanos, surgida nos fins dos anos 70, substituiu os militares que até então impunham as regras e os juristas que vigiavam a estrita interpretação da Lei, até porque o diálogo social nas empresas continua longe de ser uma realidade, como referiram os sindicalistas.

Localiza-se, porém, algures, a verdadeira questão: a da realidade subjacente aos números revelados por este instrumento de informação estatística.

Mas isso não é da competência dos gestores dos recursos humanos.

R.N.

COPRAI

CENTRO DE COMPETÊNCIA TÉCNICA

- PRODUTIVIDADE
- MANAGEMENT
- TECNOLOGIA
- FORMAÇÃO

UNIÃO ECONÓMICA E MONETÁRIA

16 DE OUTUBRO DE 1990

PAVILHÃO DOS CONGRESSOS DA AIP

Programa

SESSÃO DE ABERTURA

PRINCIPIOS FUNDAMENTAIS E QUESTÕES DE FUNDO NUMA PERSPECTIVA POLITICA E ECONÓMICA

A ECONOMIA PORTUGUESA E A UNIÃO ECONÓMICA E MONETÁRIA

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

COM A PRESENÇA DE ALTAS INDIVIDUALIDADES NACIONAIS E COMUNITÁRIAS

Maria dos Prazeres Arsénio — Telef.: 363 31 47

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

Praça das Indústrias, 1399 LISBOA CODEX Telef. 3620100 Telex 62715 COPRAI P Telefax 3639046

ECONOMIA

O euro-escudo e a realidade portuguesa no confronto com uma conjuntura internacional de especulação, na base de uma conferência sobre as grandes questões da liberalização, patrocinada pelo ISEG

Controlo monetário e cambial equilibra mercado financeiro

«As capacidades de controlo cambial e de controlo monetário são as duas questoes principais dos problemas que resultam da liberalização do mercado financeiro», considera o economista Paulo Amorim, ex-docente do ISEG - Instituto Superior de Economia e Gestão e director do departamento de estrangeiro do Banco de Portugal.

Em declarações prestadas ao DL, no decorrer de uma conferência sobre as grandes questões para a liberalização do mercado financeiro, efectuada a passada semana em Lisboa, Paulo Amorim salientou que é necessário assegurar um equilíbrio externo, cabendo ao Banco de Portugal controlar o sistema cambial face a uma conjuntura de especulação contra o escudo, visto que, quando se liberaliza, os fluxos de capital e monetários aumentam a voluteabilidade, sendo possível, num contexto deste tipo, haver fluxos tanto para dentro como para fora.

Segundo este economista, as entradas e saídas de fundos afectam a liquidez bancária, as reservas de caixa dos bancos e isso tem implicações na liquidez da economia, na massa monetária, tornando mais difícil o controlo monetário.

Para o professor Mário Antão, vice-presidente do CIEF, um dilema persiste na eficiência dos mercados financeiros e na respectiva transição para a liberalização: «Ou se avança na liberalização financeira e se geram maiores pressões inflacionistas, obrigando a política orçamental a ser contraccionista, o que afrouxa o crescimento, ou se afrouxa a liberalização para evitar a influência negativa sobre o crescimento do produto e do emprego».

Procurar ganhos de produtividade e efectuar investimentos fortes e claramente eficazes, será a solução, funcionando estas medidas como equilíbrio daquele dilema, constituindo a primeira prioridade da política económica reduzir com rapidez o diferencial de inflação em relação aos parceiros comunitários.

Segundo Mário Antão, no próximo triénio os choques de origem externa sobre o sistema financeiro vão acentuar-se, devido ao «efeito combinado de importantes medidas de liberalização nos movimentos de capitais e de uma internacionalização crescente das transacções monetárias e financeiras que veiculam a constituição dos emergentes mercados do euro-escudo, da internacionalização bolsista e da diversificação das carteiras de títulos residentes».

Uma das implicações imediatas para o sistema bancário português, em matéria de intermediação financeira, é a guerra dos balcões e das supercontas.

Eurico Vasconcelos

Garcia dos Santos, M.Connolly, Augusto Felício e Paulo Amorim, num painel para a defesa do euro-mercado do escudo, pelo controlo do sistema cambial, contra a especulação

«O habituar-se a trabalhar com margens de intermediação menores, que rapidamente convergirão num processo de harmonização europeia, não constituirá a principal razão para que os bancos comerciais possam vir a entrar numa era de vacas menos gordas», sublinha Mário Antão.

Segundo ele, «isso poderá estar associado sobretudo ao sucesso na internacionalização, a sério, da banca portuguesa, a qual parte de uma situação de forte atraso e da bondade dos efeitos reestruturantes do 'modus operandi' do regime de controlo monetário indirecto que irá constitutir provavelmente a reforma mais importante para o sistema financeiro no próximo triénio».

Para os sectores de instituições financeiras não bancárias, menos dependentes do mercado de capitais, o próximo período de vacas menos gordas vai resultar, na opinião daquele economista, da maior maturidade dos mercados e da concorrência acrescida, devido ao surgimento de novos operadores. Para aqueles sectores, que estão mais dependentes do mercado de capitais, as perspectivas são mais incertas.

Por outro lado, uma das maiores garantias da eficiência do mercado de capitais é, segundo o jurista Carlos Alberto Rosa, da comissão instaladora do Mercado de Valores Mobiliários, o nível e a qualidade da informação.

É a informação que proporciona condições de igualdade a todos a quem se destina, dificultando e até impossibilitando manobras de manipulação de preços ou a realização de operações de iniciados. O projecto de diploma-quadro sobre mercado de capitais que se encontra em final de preparação ocupa-se especialmente desta matéria.

Tal como referiu Carlos Rosa, durante a citada conferência do ISEG, aquele diploma prevê a criação de normas gerais de defesa do mercado, entre as quais as que se destinam a assegurar aos investidores e aos intermediários financeiros em geral «uma informação suficiente, verídica, objectiva, clara, acessível e atempada sobre os valores mobiliários, as entidades que os emitem e as transacções de que são objecto nos mercados respectivos».

O rigor da informação, acrescenta Carlos Rosa, «traz como corolário que, em determinados casos, os relatórios de gestão, balanços, demonstrações de resultados e demais documentos de prestação de contas das entidades emitentes de valores mobiliários devem ser acompanhados de relatório ou parecer de auditor exterior àquelas, devidamente registado na comissão do Mercado de Valores Mobiliários».

Rui Ferreira e Sousa

CEGE e CIEF no diálogo entre a teoria e a prática

Eurico Vasconcelos

M.Connolly: «Portugal está no bom caminho, tem uma taxa de juro alinhada com o resto da Europa e reservas para pagar dívida externa»

«A liberalização do mercado financeiro é uma das questões mais importantes do momento actual, daí a escolha deste tema e o convite a três professores universitários estrangeiros com larga experiência teórica e de consultoria em processos de liberalização financeira, para um diálogo com quadros portugueses», disse ao «DL» Mário Antão, professor do ISEG e vice-presidente do CIEF, Centro de Investigação sobre Economia Financeira.

O CEGE - Centro de Estudos de Gestão e o CIEF foram as duas estruturas dos ISEG que organizaram esta conferência sobre as grandes questões para a liberalização do mercado financeiro.

Enquanto que ao CIEF preocupam as questões macro-económicas, a investigação em economia financeira, a formação de docentes do ISEG e a concretização de diversos apoios nesta área com ligação internacional a universidades e centros de investigação congéneres, o CEGE está mais vocacionado para as questões da micro-economia, promove acções de gestão e de investigação, possuindo uma forte vertente de ligação às empresas, conforme referido por Augusto Felício em entrevista ao «DL», em 29 de Maio último.

M. Connolly, da Universidade de Miami, M. Beckman e J. Stein, da Universidade de Brown, E.U.A., foram os três especialistas estrangeiros convidados. Os temas abordados salientaram os problemas relacionados com a construção do euro-mercado do escudo, o mercado de capitais e o financiamento das empresas e a actividade especulativa desse mercado.

Quadros ligados à Banca, à Bolsa, a sociedades de capital de risco, de investimento e de corretagem, a seguradoras, ao mercado financeiro em geral, bem como docentes do ISEG, constituiram a quase totalidade dos participantes.

«Queremos criar uma situação permanente de diálogo entre os académicos que investigam a economia portuguesa e os quadros de instituições financeiras que vivem o problema no dia a dia», sublinhou Mário Antão.

R.F.S.

Um mercado à procura de títulos de empresas

Uma das principais deficiências do mercado português é a escassez de oferta de títulos, resultante do facto de a generalidade das empresas nacionais serem sociedades de capital fechado ou insuficientemente aberto. Esta é a opinião de Coelho de Sousa, director-coordenador da Caixa Geral de Depósitos.

Segundo Coelho de Sousa, começam a ser dados passos importantes, mediante a privatização das maiores empresas nacionais, mas no caso das pequenas e médias empresas o panorama é grave pois, não podendo ter acesso ao mercado de capitais, «acabam por registar graves insuficiências de capitais próprios e excessiva dependência do crédito bancário carecendo, assim, de condições de financiamento adequado quer para a sua formação quer para a cobertura das suas necessidades de consolidação e expansão».

A falta de credibilidade junto do mercado, a grande dificuldade de obtenção de fundos de maneio, os deficientes aprovisionamento e produtividade, bem como a fraca rentabilidade e competitividade, são factores negativos para o desenvolvimento das PME, considera, por sua vez, José Pinto Leite, presidente da SPR, Sociedade Portuguesa de Capital de Risco.

É neste contexto que surge o capital de risco. A sua intervenção actua sob a forma de participação temporária no capital social das empresas. No entanto, sublinha Pinto Leite, o capital de risco privilegia as empresas com maior sentido de inovação, com vocação internacional e que demonstrem possuir boa capacidade de expansão. Como salienta Pinto Leite, o bom nível de capitais próprios, a adequada estrutura financeira e organizativa, o contributo de profissionais motivados e de formação adequada, o reforço de credibilidade e o empenhamento do leque societário funcionam como catalizador do êxito e do desenvolvimento empresarial.

R.F.S.

ECONOMIA

Na VIII Semana da APEC, a direcção propõe criação de organismo para o combate ao tarefismo e aos falsos economistas, como salienta ao DL Manuela Morgado

Economistas portugueses exigem deontologia

«Ninguém, melhor do que os próprios economistas, pode julgar os seus pares, assim como são eles quem melhor pode reconhecer a verticalidade dos profissionais da classe, a sua capacidade técnica e científica e o reconhecimento dos seus títulos académicos», disse ao «DL» a economista Manuela Morgado, presidente da direcção da APEC - Associação Portuguesa de Economistas.

A propósito das comemorações da VIII Semana do Economista, realizada durante toda a semana que passou, Manuela Morgado salienta que a questão deontológica é das primeiras preocupações da APEC e daí a importância que tem para os economistas a criação de uma Ordem dos Economistas que moralize a prática dos economistas e prestigie a classe.

A APEC foi fundada em 1977 e possui cerca de 4500 sócios. Nestes últimos quatro meses inscreveram-se 191 economistas. Miguel Beleza foi um dos últimos a tornar-se sócio. Cavaco Silva não é.

Para muitos empresários, o economista é ainda um sujeito que apresenta trabalhos em inglês e vai aos bancos resolver assuntos da empresa, é um tarefeiro mais bem pago que os outros.

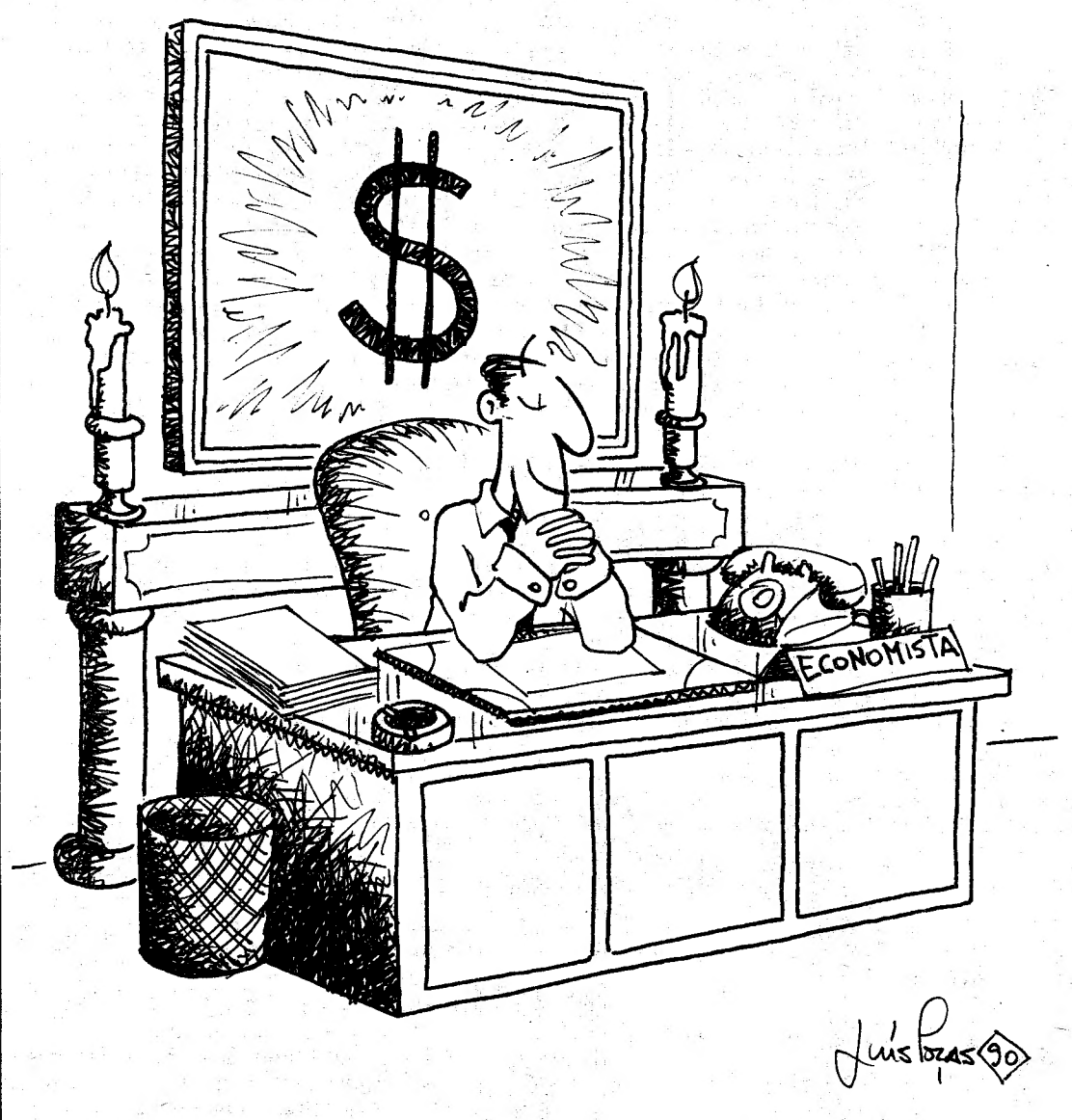
Para a APEC, a Ordem deve estar entre a empresa e a universidade, para que sejam evitadas situações em que o economista desenvolve trabalho que não está de acordo com a sua especialidade e, por outro lado, para que os académicos não percam o contacto com a vida profissional.

Quanto ao código deontológico, funciona como um elemento de constrangimento para acções menos transparentes por parte dos economistas, assegura Manuela Morgado.

Situações de utilização abusiva do mesmo estudo económico para clientes concorrentes é uma das práticas deontologicamente erradas, cuja punição não vai ser deixada em claro pela Ordem.

Rui Vasco

Manuela Morgado: «Prestígio da Ordem é também ter a coragem de julgar um dos seus pares»



Sindicato e Ordem

Existe um sindicato, mas destina-se mais a tratar as questões de âmbito social e pecuniárias do que as de carácter deontológico, sublinha Manuela Morgado. Acentua, por outro lado, que as relações entre a APEC e o sindicato são boas, não incompatíveis com a criação de uma Ordem de Economistas, pertencendo inclusivamente um representante do sindicato, juntamente com um da APEC e outro do IPEF, Instituto Português de Executivos Financeiros, ao comité que coordena e define tarefas para a constituição dessa Ordem.

«Vai ser difícil criar uma Ordem de Economistas», foi deste modo que Cavaco Silva, ele também economista, respondeu à APEC, remetendo esse desejo manifestado pela direcção da associação da classe para um futuro decreto-lei a ser discutido na Assembleia da República.

Por detrás deste «sim e não» do primeiro-ministro está, certamente, o receio do Governo em que uma Ordem dos Economistas se constitua como um grupo de pressão, tal como tem acontecido nalgumas situações com a Ordem dos Médicos.

A existência de uma Ordem de Economistas é, no entanto, para Manuela Morgado, a prova de que se vive numa democracia orgânica e social avançada.

Pode perguntar-se qual será o papel dos tribunais no julgamento de ilegalidades cometidas pelos economistas. A ideia que preside, na futura Ordem, é que os tribunais são lentos e ineficazes e se deixam embrenhar numa luta de pareceres que não tem fim. Nada impede, segundo Manuela Morgado, que um magistrado presida junto dos economistas na incriminação de um dos seus pares.

A Ordem, com um conselho disciplinar e uma comissão de avaliação, terá a capacidade jurídica e científica de avaliar os títulos universitários e de passar carteiras profissionais, pensando-se já na possibilidade de vir a ser formado um conselho alargado a utentes, com pareceres próprios que podem ajudar a tornar ainda mais democrática a intervenção disciplinar da Ordem.

«O prestígio da Ordem vai ser dado também pela coragem de se ser capaz de incriminar um seu par», diz Manuela Morgado.

Aos novos licenciados será exigida a prática de um ano em trabalho activo na comunidade, após a graduação, com vista a avaliar a sua integração social e o profissionalismo demonstrado.

Os licenciados em cursos superiores de outras especialidades ou com o MBA - Master Business Administration, poderão igualmente ser membros da Ordem, com um estatuto especial.

Definir gestão

Existe a tendência de confundir um economista com um gestor, porque a própria matéria de trabalho deste é sobre uma realidade muito ampla.

Essa multidisciplinaridade de situações em que é necessário definir estratégias, mobilizar-se e actuar, confere-lhe uma cariz próprio que aponta para uma gestão mais relacionada com a sociologia social.

Seria mais correcto os cursos de gestão, na opinião de Manuela Morgado, chamarem-se de economia de empresas ou de ciências empresariais.

Não é fácil, porém, definir um economista, pois depende muito das especialidades. Para Manuela Morgado, economista é, sobretudo, uma pessoa de senso, com modelos econométricos precisos.

Rui Ferreira e Sousa

Inquérito demonstra

Noventa por cento querem a Ordem

A larga maioria dos economistas portugueses - 90 por cento - é a favor da criação de uma Ordem dos Economistas, à semelhança de outras profissões liberais como os engenheiros, os advogados e os médicos.

Um inquérito efectuado pela APEC e cujos resultados foram entregues, na passada semana, ao primeiro-ministro Cavaco Silva, no âmbito da realização da VIII Semana do Economista, demonstra, segundo salienta Manuela Morgado ao «DL», a urgência de um órgão que funcione como «a arca dos valores técnico-científicos e a sua relação com a deontologia».

Num universo de 2.469 inquiridos, 89,3 por cento desejam a ordem e, dos restantes, apenas 4,6 por cento não a querem. Os argumentos mais utilizados contra uma futura Ordem são que ela defenderia uma posição elitista da classe. Sobre esta atitude, diz Manuela Morgado que elistismo não é defender a criação de uma Ordem, mas sim promover uma entidade como o sindicato dos quadros das profissões liberais, longe dos outros trabalhadores, independentemente das áreas profissionais.

Dos economistas que responderam ao inquérito, 5,5 por cento trabalham no ensino, 66,8 por cento no sectores empresariais público e privado, 16,4 por cento no sector público e 11,5 por cento em profissões liberais.

Dos economistas que trabalham em empresas, 25,8 por cento estão em funções de direcção geral e de administração. A maior percentagem de economistas que querem a Ordem situa-se na faixa etária entre os 33 e os 40 anos, com 33,6 por cento, e na faixa entre os 26 e os 32, anos com 24,1 por cento. Dos jovens até aos 25 anos, o número atinge os 7,4 por cento, situando-se a faixa etária entre os 40 e os 50 anos nos 23,5 por cento.

A grande concentração de economistas situa-se em Lisboa, onde nasceram 33,3 por cento da classe e trabalham 68,2 por cento, enquanto no Porto nasceram 11,8 dos economistas e trabalham 13,6 por cento. Setúbal abrange dois por cento, Coimbra 1,9 por cento, Faro 1,5 por cento e Leiria 1,1 por cento.

Registe-se que, dos inquiridos, apenas 20 por cento são mulheres, trabalhando a grande percentagem na administração pública.

R.F.S.